

HISTÓRIA
DAS
RELIGIÕES
CONTEMPORÂNEAS

2000

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
DENOMINAÇÃO PREBITERIANA.....	05
A Reforma Suíça.....	05
Ulrico Zuínglio.....	05
As Guerras Cíveis e Religiosas.....	11
O Pensamento Teológico de Zuínglio.....	13
João Calvino.....	16
O Primeiro Ministério de Calvino em Genebra.....	17
O Ministério de Calvino em Strasburgo.....	20
O Segundo Ministério de Calvino em Genebra.....	21
O Pensamento Teológico de Calvino.....	25
Breve relato da propagação da fé reformada fora da Suíça.....	27
João Knox.....	27
A consolidação da reforma escocesa.....	28
Estudo Doutrinário.....	31
Estão Alguns Predestinados para a Perdição?.....	31
DENOMINAÇÃO BATISTA.....	33
Introdução.....	33
O Movimento Anabatista.....	33
Introdução.....	33
Quem São os Anabatistas?.....	34
Teorias Sobre a Origem dos Anabatistas.....	34
Os Primeiros Anabatistas.....	35
Suas Posições Teológicas.....	37
A Propagação dos Anabatistas.....	39
A Origem dos Menonitas.....	42
Anabatistas Observadores do Sábado.....	44
Estudo Doutrinário.....	45

Dispensacionalismo.....	45
DENOMINAÇÃO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ.....	52
Os Homens do Movimento.....	52
Charles Taze Russell.....	52
Joseph Franklin Rutherford.....	55
Nathan Homer Knorr.....	55
Estudo Doutrinário.....	55
Nome Desta Sociedade.....	55
Características distintivas do movimento.....	56
Doutrinas Distintivas.....	57
Organização da Sociedade, e Métodos de Trabalho.....	60
Analisando Algumas de Suas Doutrinas.....	61
DENOMINAÇÃO DOS MÓRMONS.....	65
Biografia de Joseph Smith.....	65
Até sua primeira visão.....	65
Até a organização da igreja.....	66
Até a Morte de José Smith.....	68
A Questão da Poligamia.....	70
Estudo Doutrinário.....	71
Livros Sagrados.....	71
A Bíblia.....	71
O Livro de Mórmon.....	71
Conceito do Homem.....	72
O Batismo pelos Mortos, doutrina típica dos Mórmons.....	73
Temperança.....	74
Organização Eclesiástica Do Mormonismo.....	75
O Sacerdócio.....	75
Organização Territorial.....	76
Analisando Algumas Doutrinas.....	77

Somos deuses?.....	77
Existíamos antes de virmos a este mundo?.....	77
Deveríamos Trabalhar pelos Mortos?.....	78
Há Três Graus de Glória?.....	80
DENOMINAÇÃO METODISTA.....	81
Surgimento Histórico.....	81
João Wesley.....	81
O Metodismo nas Ilhas Britânicas.....	85
O Metodismo na América do Sul.....	85
Em Síntese Mundial.....	86
Teologia Metodista.....	86
OS MAOMETANOS (ISLAMISMO).....	88
Breve comentário.....	88
OS PENTECOSTAIS.....	91
Breve Histórico.....	91
O Início do Movimento Pentecostal no Brasil.....	91
O Surgimento do Neo-Pentecostalismo.....	93
Algumas Crenças do Pentecostalismo.....	94
Alguns dos Principais Erros dos Pentecostais e os Textos Bíblicos para os Refutar.....	94
Como nos Aproximarmos dos Pentecostais.....	96
Igreja Universal do Reino De Deus.....	97
NOVA ERA.....	102
Breve Histórico.....	102
O Credo da Nova Era.....	102
A Manifestação Sociológica da Nova Era.....	103
O Sucesso da Nova Era: As Suas Razões.....	104
Pontos de Encontro e de Divergência.....	105
Conclusão.....	106
BIBLIOGRAFIA.....	107

INTRODUÇÃO

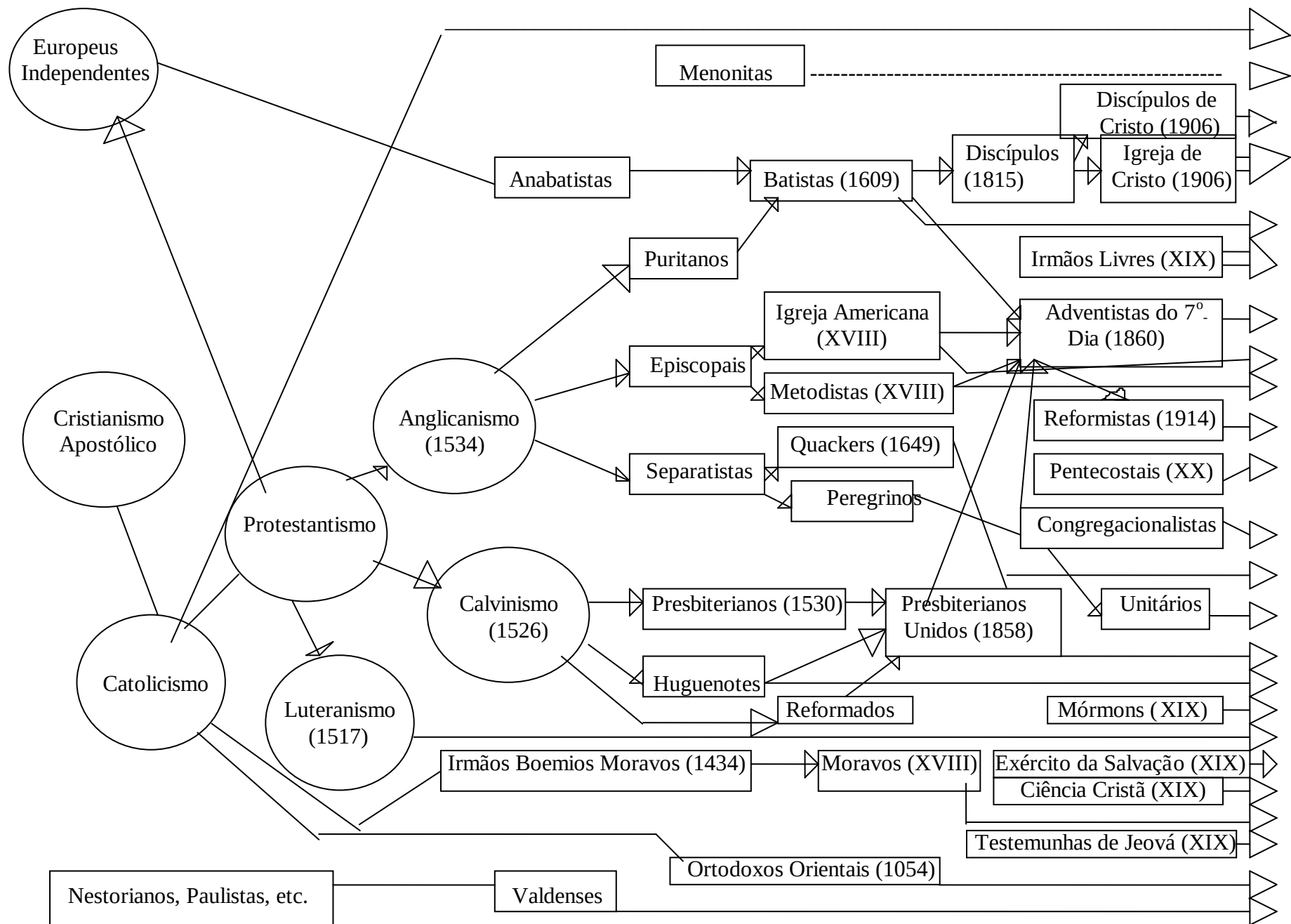
A mulher pura de Apocalipse 12 representa o povo fiel de Deus sendo perseguido por Satanás no contexto do Grande Conflito de Apocalipse 12:17. Durante muitos séculos, os santos tiveram que viver escondidos. “E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus para que ali fosse alimentada por mil duzentos e sessenta anos” Apocalipse 12:6

Temos notado como Deus interveio para restaurar a verdade negligenciada ao longo da história. Como ele levantou reformadores, um por um, para trazer de volta a verdade que tinha sido esquecida durante os longos séculos no deserto. Martinho Lutero apareceu em cena para restaurar a pulsação do Cristianismo. E a reforma começou; mas ela não terminou no século XVI.

Algumas verdades negligenciadas vieram depois, como o batismo por imersão, que foi recuperado pelos Anabatistas. Os Anabatistas tentaram convencer os protestantes da época a acertar essa nova luz, mas eles não acertaram. Assim nasceu a Igreja Batista. E quando outras verdades vieram através de Wesley, as Igrejas estabelecidas as recusaram. Isso fez nascer os Metodistas.

A história dos movimentos religiosos ensina que os homens sempre tendem a confiar no passado, nos credos originais sem fazer provisão para a luz futura. “Mas a verdade dos justos é como luz de aurora que cai brilhando mais e mais até ser dia perfeito”. Provérbios 4:18.

Sendo esta apostila um material de sala de aula, tomo emprestado contribuições de vários pesquisadores na descrição histórica de algumas denominações presentes no Brasil, bem como a minha experiência evangelística numa abordagem bíblica, visando alcança-los para a luz maior de Deus para os últimos dias.



HISTÓRIA DAS RELIGIÕES CONTEMPORÂNEAS

DENOMINAÇÃO PRESBITERIANA

I- A Reforma Suíça.

- a) No tempo da reforma, a Suíça era o país mais livre da Europa, embora pertencesse formalmente ao Santo Império Romano. Seus cantões, reunidos por uma fraca confederação, possuíam elevado grau de autogoverno, o que permitia a outros fatores favorecerem o surgimento e o desenvolvimento da Reforma na Suíça.
- b) “Três tipos de teologia da Reforma se desenvolveram nos territórios suíços. Os cantões do norte, de fala alemã, seguiram Zuínglio. Os do sul, liderados por Genebra, seguiram Calvino. E os radicais da Reforma, conhecidos como anabatistas, formaram uma facção extrema daqueles que, antes, tinham trabalhado com Zuínglio. De Zurique, o movimento anabatista alcançou toda a Suíça, a Alemanha e a Holanda, onde, sob a liderança de Menno Simmons, solidificou-se mais.” (Earle E. Cairns, O Cristianismo Através dos Séculos, p.244).

A- Ulrico Zuínglio (1484-1531)

1- Seu Nascimento e Educação

- a) Ulrico Zuínglio nasceu no dia 1º de janeiro de 1484 (menos de dois meses depois de Lutero) na pequena aldeia suíça de Wildhaus, no vale Toggenburg, cantão de St. Gall.
- b) Foi educado na religião católica por seus pais e por seu tio, deão de Wesen, que favoreceu o seu relacionamento com o humanismo.
- c) Aos 10 anos de idade foi enviado de Wesen para uma escola de latim na Basiléia. Prosseguiu depois seus estudos em Berna (1496-1498), Viena (1498-1502) e Basiléia (1502-1506). Na Universidade da Basiléia graduou-se como bacharel em artes em 1504 e recebeu o grau de mestre em 1506.
- d) “O humanismo dos professores interessava-lhe. Erasmo era o seu ídolo; as ciências humanas, o seu maior interesse.” (E. E. Cairns, Op. Cit., p. 245).

- e) Em Basiléia foi aluno do humanista Thomas Wyttenbach (1472-1526). “Zuínglio o denomina de seu amado e fiel professor, que abriu os seus olhos para vários abusos da Igreja, especialmente as indulgências, e o ensinou a ‘não confiar nas soluções da Igreja, mas buscar a remissão dos pecados unicamente na morte de Cristo, e abrir o acesso a ela com a chave da fé’.” (Philip Schaff, History of the Christian Church, vol. 8, pp. 23 e 24). Porém, ele jamais passou pela profunda experiência do senso de culpa pelo pecado e do perdão, como ocorreu com Lutero.

2- Seu Ministério em Glaurus

- a) Em 1506 Zuínglio foi ordenado ao sacerdócio pelo bispo de Constança, e designado como pastor de Glaurus, a capital do cantão que traz o mesmo nome, onde permaneceu durante 10 anos (1506-1516). Durante este período ele dedicou-se ao estudo do grego e também continuou os seus estudos humanísticos.
- b) Nesta época iniciou sua correspondência com Erasmo, o qual era por ele admirado ao ponto de o considerar “o maior filósofo e teólogo.” (Idem, p. 25)
- c) “Em 1512 e 1515, Zuínglio acompanhou os contingentes de mercenários procedentes de seu distrito, em campanhas pela Itália. A primeira expedição foi vitoriosa, e o jovem sacerdote viu seus compatriotas entregues ao sangue. O resultado da segunda foi totalmente oposto, e deu a Zuínglio a oportunidade de ver de perto o impacto da derrota sobre os vencidos. Tudo aquilo lhe foi convencendo que um dos grandes males da Suíça era que sua juventude estava constantemente envolvida em guerras que não eram de sua incumbência, e que o serviço mercenário destruía a fibra moral da sociedade.” (Justo L. Gonzalez, Uma História Ilustrada do Cristianismo, vol. 6, p. 90). Isto fez com que ele se voltasse contra a referida prática, condenando-a publicamente.
- d) “Zuínglio tornou-se um dos homens públicos de maior proeminência e influência da Suíça, antes de deixar Glaurus; mas ele era então antes um humanista e um patriota do que um teólogo e um mestre religioso.” (P. Schaff, Op. Cit., vol. 8, p.27).

3- Seu Ministério em Einsiedeln

- a) Perturbações provocadas em sua paróquia pelo partido político francês, que desejava alistar soldados suíços para o serviço mercenário, obrigavam Zuínglio a deixar Glaurus em 1516 e transferir-se para Einsiedeln.

- b) Einsiedeln era uma aldeia que possuía um convento da ordem dos Beneditinos, com uma grande imagem negra da Virgem Maria; e anualmente afluíam para lá mais de cem mil peregrinos. (*Idem*, p. 30) Isto levou Zuínglio a pregar contra os abusos e a ensinar o povo a adorar a Cristo e não à Virgem Maria.
- c) Philip Schaff afirma que, diante do poder destes testemunhos, muitos historiadores datam a Reforma Suíça a partir de 1516, um ano antes de Lutero, que iniciou em 31 de outubro de 1517. Porém a pregação de Zuínglio em Einsiedeln não teve tais conseqüências como as Teses de Lutero. Ele ainda não estava maduro para a tarefa, nem estabelecido no próprio campo de ação. Ele era nesse tempo simplesmente um erasmiano ou um liberal avançado dentro da Igreja Católica; antes labutando por uma educação mais elevada do que por uma renovação espiritual, e não tinha em mente uma separação.” (*Idem*, p. 32).
- d) Durante este período Zuínglio foi severamente criticado pela quebra do voto de castidade... Ele continuava “devoto aos humanistas de seus dias, e especialmente a Erasmo, cuja edição do Novo Testamento grego em 1516 o encheu com tal entusiasmo que memorizou todos os escritos de Paulo no original. Através de tal estudo Zuínglio voltou-se para a Reforma, antes que movido por qualquer luta espiritual como a que Lutero experimentou. Por essa razão as ênfases eram diferentes.” (Roland H. Bainton, *The Reformation of the Sixteenth Century*, p. 81) E, no dizer de Cairns, “ao deixar Einsiedeln, ele era um humanista bíblico.” (E. E. Cairns, *Op. Cit.*, p. 245)

4. Seu Ministério em Zurique

- a) “A fama de Zuínglio como pregador e patriota assegurou-lhe um chamado para a posição de pastor titular da Grande Minster (Grossmünster), a principal igreja de Zurique, que se tornaria a Wittenberg da Suíça.” (P. Schaff, *Op. Cit.*, vol. 8, p. 39).
- b) Chegando em Zurique no dia 27 de dezembro de 1518, iniciou sua função no dia do seu 36º aniversário (1º de janeiro de 1519), pregando um sermão sobre a genealogia de Cristo, e anunciando para o dia seguinte (domingo) o início de uma série de exposições sobre o evangelho de Mateus. “De Mateus ele prosseguiu até Atos, as Epístolas Paulinas e as Universais; de modo que em quatro anos ele completou a exposição homilética de todo o Novo Testamento, com exceção do Apocalipse (que ele não considerava como um livro apostólico). Nos serviços durante a semana ele pregava sobre os Salmos. ... Seus sermões... eram claros, práticos e impressionantes, e mais éticos do que doutrinários.” (*Idem*, p. 40)

- c) Williston Walker declara: “Ainda que Zuínglio tivesse, durante esse longo tempo, ido no rumo da Reforma, foi durante em 1522 que sua vigorosa obra reformadora teve início. É interessante notar que o seu passo inicial não foi como o de Lutero, a questão de como se tornar aceitável a Deus, mas a convicção de que somente a Bíblia é obrigatória aos cristãos.” (Williston Walker, História da Igreja Cristã, p. 440)
- d) “Uma epidemia de peste bubônica em 1519 e o contato com as idéias luteranas levaram-no a uma experiência de conversão. Zuínglio levantou a primeira bandeira de Reforma quando declarou que os dízimos pagos pelos fiéis não eram exigência divina, sendo, pois, o seu pagamento uma questão de voluntariedade. Isto abalou as bases financeiras do sistema romano. Por esta época, estranhamente, o reformador se casou às escondidas com uma viúva, Anna Reinhard, em 1522.” (E. E. Cairns, Op. Cit., p. 245) Philip Schaff afirma que foi por razões de prudência que ele não oficializou publicamente o seu matrimônio antes disto ocorrer no dia 5 de abril de 1522 (mais de um ano antes do casamento de Lutero, que ocorreu no dia 13 de julho de 1525). (P. Schaff, Op. Cit., vol. 8, p. 48 e 49).
- e) Mais e mais firmes se tornavam os passos reformadores na Suíça. “Quando os cidadãos invalidaram a prática do jejum quaresmal, sua argumentação foi o ensino de Zuínglio sobre a autoridade exclusiva da Bíblia. Como a liturgia romana começava a se alterar com as modificações introduzidas, as autoridades católicas resolveram promover um debate público em que Zuínglio sozinho enfrentaria a todos. Depois disto, então, os líderes eleitos pelo povo escolheriam a fé que a cidade e o cantão adotariam. Foi por isso que a Reforma nos cantões do norte da Suíça começou por iniciativa oficial.” (E. E. Cairns, Op. Cit., p. 245).
- f) Para o debate, Zuínglio preparou 67 teses ou conclusões (Schlussreden), que foram a primeira declaração pública da fé Reformada, muito embora não viessem a receber reconhecimento autoritativo, e fossem suplantadas por declarações amadurecidas. (P. Schaff, Op. Cit., vol. 8, p. 51) porém elas enfatizavam a Cristo como o único salvador e Mediador, a suprema autoridade da Bíblia, a salvação pela fé; negando o caráter sacrificial da missa, as obras meritórias, a obrigatoriedade dos votos monásticos, a existência do purgatório, etc.
- OBS.: Os 67 Artigos ou conclusões de Ulrico Zuínglio podem ser encontrado na íntegra (em alemão e latim) em: Philip Schaff, The Creeds of Christendom, vol. 3, pp. 197-207.
- g) Esse primeiro debate público, no qual estavam presentes cerca de 600 pessoas, ocorreu em Zurique no dia 29 de janeiro de 1523, sendo que “o conselho da cidade decidiu-se pela vitória de Zuínglio e suas idéias

ganharam logo condição de legalidade. As taxas de batismo e sepultamento foram abolidas; monges e freiras receberam permissão para se casarem; o uso de imagens e relíquias foi proibido.” (E. E. Cairns, Op. Cit., p. 245).

- h) Um segundo debate público, que durou três dias, teve início no dia 26 de outubro de 1523, como o objetivo de tratar da questão das imagens e da missa. Foi realizado no edifício público da cidade, e “estiveram presentes cerca de 900 pessoas, incluindo 350 clérigos e 10 doutores.” (P. Schaff, History of the Christian Church, vol. 8, pp. 54 e 55).
- i) “Um terceiro debate, de caráter mais privado, ocorreu no dia 20 de janeiro de 1524. Os defensores da missa foram rebatidos e ordenados a não mais resistirem às decisões do magistrado, embora eles pudessem manter a sua fé.” (Idem, p. 56).
- j) “Em 1525 a Reforma se completou em Zurique com a supressão da missa.” (E. E. Cairns, Op. Cit., p. 245) “Por ocasião da festa da páscoa de 1525, já haviam sido eliminados das igrejas as imagens, relíquias e órgãos, os estabelecimentos monásticos confiscados, e suas propriedades destinadas em sua maioria às escolas, e a missa havia sido suspensa. Foi desenvolvido um breve serviço da igreja em alemão, no qual o sermão ocupava o lugar central. Em tudo isso Zuínglio agiu em íntima cooperação com o governo civil, e foi estabelecida a união da Igreja e do estado de maneira ainda mais íntima ali que na Saxônia de Lutero.” (Kenneth Scott Latourette, História del Cristianismo, tomo 2, p. 97).
- k) A influência de Zuínglio sobre o Conselho de Zurique foi decisiva. O seu ensino de que “a última palavra pertence à comunidade cristã, que exerceria sua autoridade através de um governo eleito que desenvolveria sua ação com base na autoridade da Bíblia frutificou na reforma suíça: nela, igreja e Estado estavam unidos teocraticamente.” (E. E. Cairns, Op. Cit., p. 24)
- l) Gradativamente , a influência da Reforma de Zuínglio estendeu-se para outros cantões da Suíça. “Berna foi conquistada para a Reforma através de um debate semelhante ao de Zurique. Zuínglio participou com suas 10 teses, e, como resultado, o conselho da cidade decretou em 1528 a aceitação dos princípios da Reforma. Em 1529, a missa foi abolida em Basiléia pela influência de um amigo íntimo de Zuínglio, de nome Ecolampadio.” (Idem, pp. 245 e 246).

B- As Guerras Civis e Religiosas

1. Introdução

- a) Zuínglio diferia de Lutero, e ainda mais de Erasmo, no que diz respeito ao seu patriotismo suíço. “Erasmo era um internacionalista, relutante em admitir que ele era holandês... Lutero era bem diferente em relação com sua querida Alemanha, mas mesmo Lutero teve grande cuidado para não confundir o evangelho com sua pátria. Zuínglio não era tão cuidadoso.” (R. Bainton, Op. Cit., p. 81).
- b) “O patriota, o bom cidadão e o cristão eram para ele uma e a mesma coisa. Ele adotava o ponto de vista teocrático do Antigo Testamento. O pregador é um profeta: seu dever é instruir, exortar, confortar, repreender o pecado quer esteja em posição elevada ou insignificante, e construir o reino de Deus; sua arma ofensiva é a Palavra de Deus. O dever dos magistrados é obedecer ao evangelho.” (P. Schaff, Op. Cit., vol. 8, p. 66).
- c) Portanto, a posição de Zuínglio permitia ao cristão empunhar as armas para lutar em defesa de sua fé.

2. A Primeira Guerra de Cappel

- a) “A primeira manifestação do espírito agressivo por parte de Zurique foi a disseminação da fé mediante atividade missionária, que ao norte alcançou pleno êxito. Berna e Basileia aderiram ao protestantismo; Schaffhusen e São Gall da mesma forma, bem como a cidade imperial livre de Constança. Mas os esforços para a propagação no sul foram inúteis. O antigo centro da confederação Suíça, constituída dos cantões florestais: Uri Schwyz, Unterwaldon, Luzerne e Zug eram sólidos em sua antiga fé. Atritos e violência surgiram nas fronteiras entre católicos e reformados. Os católicos capturaram e queimaram vivo um quebrador de imagens de Zurique. Os reformadores prenderam e executaram um católico perseguidor.” (R. H. Bainton, Op. Cit., p. 90).
- b) Sem dúvida, estes incidentes eram um sinal de que a guerra se aproximava. Diante dessa situação ambos os partidos se prepararam para a batalha. Zurique enviou primeiro o seu exército, composto de quatro mil soldados bem equipados, para a aldeia de Cappel, no território de Zurique, na fronteira com o cantão de Zug. Berna enviou cinco mil soldados que deveriam atacar apenas em defesa própria. E

destacamentos menos significativos somaram-se a estes. Zuínglio acompanhou pessoalmente o exército. Quando o burgomestre tentou persuadi-lo a ficar, sua resposta foi: “Enquanto meus irmãos expõem suas vidas, eu não ficarei sossegado em casa. O exército requer um diligente observador.” (P. Schaff. Op. Cit., vol. 8, p. 168).

3- O Colóquio de Marburgo

- a) O Colóquio de Marburgo foi realizada no castelo de “Marburg na der Lahn”, de 1 a 3 de outubro de 1529. Foi convocado por Filipe de Hesse (o landgrave de Hesse), com o propósito de unificar os reformadores da Saxônia e da Suíça. Compareceram à conferência Lutero e Melancton, representando os saxões, e Zuínglio, Decolampádio e M. Bucer, da parte dos suíços. “Em 14 dos 15 ‘Artigos de Marburgo’ que Lutero, comissionado por Filipe de Hesse, elaborou, houve acordo entre ambas as partes; porém a conferência falhou pela recusa de Zuínglio em aceitar a doutrina luterana da eucaristia (‘consubstanciação’) contida no artigo restante.” (The Oxford Dictionary of the Christian Church, pp. 868 e 869)
- b) “Pelo fato de Zuínglio e Lutero concordarem tão bem em questões centrais - a soberania e precedente graça de Deus, a mediação exclusiva de Cristo, a justificação pela fé e as Escrituras como a prova autoritativa da fé - sua trágica controvérsia e separação foram o mais deplorável. Por ocasião do Colóquio de Marburgo, quando em 1529 os dois se encontraram pela primeira e última vez, o próprio Lutero disse que “Zuínglio iniciou com lágrimas em seus olhos, diante do landgrave e de todos os seus, dizendo “Não há outro povo sobre a terra com o qual eu gostaria tanto de estar em harmonia do que com os de Wittenberg.” Ele não queria, entretanto, deixar sua posição de que a ceia do Senhor, em lugar de ser uma repetição do sacrifício de Cristo, era simplesmente a grata lembrança dele, pelas almas fiéis, na maneira apontada por Cristo. Nesse ponto Lutero era irredutível - ‘impudente e obstinado’, Zuínglio o chamou - e, no final, banuiu os seus irmãos suíços. ‘Vós tendes um espírito diferente do nosso’, afirmou Lutero.” (Harry Emerson Fosdick, Great Voices of the Reformation, pp. 158 e 159).
- c) OBS.: Alguns extratos do Colóquio de Marburgo podem ser encontrados em: Hans J. Hillerbrand, The Reformation, pp. 155-162.
- d) Como a conferência terminou sem que chegassem a um acordo e sem que fosse estabelecida uma aliança militar, “Zuínglio e seus companheiros regressaram para confrontar os cantões católicos. Zuínglio estava convencido de que somente a guerra poderia dar a resposta e que os reformados deveriam escolher o tempo e o lugar. Porém os bernenses estavam relutantes em iniciar hostilidade aberta.

Em lugar disso, sanções econômicas foram aplicadas contra os católicos privando-os de trigo, sal e vinho.” (R. H. Bainton. Op. Cit., p. 93).

5. A Morte de Zuínglio

- a) Em face das sanções econômicas e das demais circunstâncias adversas, os cantões florestais (católicos) organizaram um exército de oito mil homens, e marchava até as fronteiras de Zurique, entre Zug e Cappel, no dia 9 de outubro de 1531. Aterrorizada pela notícia, Zurique conseguiu reunir apenas 1.500 homens para a batalha. “Zuínglio jamais iria abandonar o seu rebanho neste extremo perigo. Ele montou o seu cavalo para acompanhar o pequeno exército ao campo de batalha, com o pressentimento de que jamais retornaria.” (Idem, p. 183)
- b) “Zuínglio e os ministros acompanharam as tropas. Zuínglio foi, não meramente como um capelão, mas como um participante com o elmo e a espada.” (R. H. Bainton, Op. Cit., p. 93)
- c) Os resultados foram trágicos para os protestantes. Nesta batalha morreram 500 homens de Zurique, dentre os quais 26 membros do Concílio de Zurique, 25 dos pastores, inclusive Ulrico Zuínglio. Ele foi tratado como um traidor e um herege, seu corpo foi esquartejado pelo executor e suas cinzas atiradas ao vento.” (Idem, pp. 93 e 94)
- d) “Lutero não se comoveu ante a notícia, mas considerou a morte de Zuínglio como um juízo por haver empunhado a espada em favor do evangelho.” (R. H. Bainton, Op. Cit., p. 94).

C- O Pensamento Teológico de Zuínglio

1- Introdução:

Enquanto Lutero foi influenciado por uma angustiante peregrinação espiritual tratando com a questão básica do seu relacionamento com Deus, Zuínglio era dirigido por suas considerações patrióticas e intelectuais.” (Justo L. González, A History of Christian Thought, vol. 3, p. 64).

2- A Relação com a Bíblia

- a) “Lutero chegou à convicção da prioridade das Escrituras sobre a tradição através de um longo conflito no qual ele descobriu a tensão

entre as duas; o caso de Zuínglio foi diferente. Ele se aproximou das Escrituras como um humanista cristão.

- b) Além disso, “Lutero cria que bastava desfazer-se de tudo o que contradizia as Escrituras, enquanto Zuínglio insistia na necessidade de preservar somente o que se encontrasse explicitamente na Bíblia.” (Justo L. González, Uma História Ilustrada do Cristianismo, vol. 6, p. 95). Foi por esse motivo que Lutero preservou os órgãos na liturgia do culto; ao passo que Zuínglio os eliminou, por não serem mencionados na Bíblia.

3- Providência e Predestinação

- a) O conceito de Zuínglio mantinha a respeito de Deus estava intimamente relacionado com a noção do absoluto. “Deus não somente conhece todas as coisas, mas também realiza todas as coisas, pois ‘causas secundárias não são apropriadamente chamadas causas’, e Deus unicamente é a causa primária de todas as coisas. Qualquer coisa menos do que absoluto predeterminismo infringiria a soberania e a sabedoria de Deus.” (Justo L. González, A History of Christian Thought, vol. 3, p. 68).
- b) “Deus sabia quando criou a raça humana e os anjos que alguns deles cairiam. Ele não apenas o sabia, mas também o ordenou. Seu propósito em agir assim era que todos pudessem compreender melhor a natureza da justiça por contrastá-la com a injustiça. A queda de Satanás e de Adão e Eva não ocorreram contra a vontade de Deus.” (Ibidem)
- c) “Na base desta doutrina da predestinação, Zuínglio pode facilmente refutar toda tentativa de basear a salvação sobre as obras. A salvação é o resultado da eleição divina e não de qualquer esforço de nossa parte.” (Ibidem).

4- A Lei e o Evangelho

- a) “A compreensão de Zuínglio a respeito da lei e do evangelho não é a mesma de Lutero. Zuínglio a expõe distinguindo entre três leis: a eterna lei de Deus, como expressa nos mandamentos morais, as leis cerimoniais e as leis civis. As leis civis tem a ver com as situações humanas em particular. As leis cerimoniais foram dadas para o período antes de Cristo. Mas a lei moral expressa a eterna vontade de Deus, e portanto não pode ser abolida.

- b) “O segundo ponto de divergência entre os dois reformadores, com respeito à lei, tem a ver com a sua avaliação. Zuínglio não passou pela experiência de sentir a maldição da lei, que fez parte da formação de Lutero. Portanto, ele não pôde aceitar a asserção de Lutero de que a lei é terrível e que sua função é apresentar a condenação de Deus sobre nós. A referência a Lutero é clara, quando Zuínglio afirma que ‘em nosso tempo algumas pessoas da mais alta importância, como se consideram, tem falado sem suficiente circunspeção sobre a lei a dizer que a lei serve apenas para aterrorizar, amaldiçoar e levar s tormentos. Em realidade, a lei não é responsável por tudo isso, mas, ao contrário, apresenta a vontade e a natureza da Divindade.” (Idem, pp. 70 e 71).

5- Os Sacramentos

- a) “A teoria de Zuínglio a respeito dos sacramentos foi desenvolvida em oposição a três outras posições: a luterana, a católica e a anabatista. ... Contra os católicos, ele argumentava a partir do significado original da palavra ‘sacramentum’ como um ato de iniciação ou um penhor, e assim negava que os sacramentos ‘tivessem qualquer poder de libertar a consciência’”. (Idem, pp. 73 e 74)
- b) “Ele defendia dois sacramentos: o batismo, pelo qual os cristãos são iniciados, e a ceia do Senhor, que demonstra que os cristãos guardam na memória a paixão e a vitória de Cristo, e são membros de Sua igreja.” (Idem, p. 74).
- c) “Dando este significado aos sacramentos, o batismo, não pode ser mencionado como removendo os pecados do batizado. Isto parece levar Zuínglio ao terreno dos anabatistas, que insistiam em que as crianças não deviam ser batizadas. Por essa razão ele se sentiu compelido a escrever extensivamente, mostrando como sua posição era compatível com o batismo infantil. Seu argumento está baseado na analogia entre circuncisão e o batismo como sinais do concerto.” (Ibidem)
- d) Foi na questão da ceia do Senhor que houve a maior controvérsia entre Zuínglio e Lutero. Para Zuínglio, “a eucaristia não é mais do que o seu próprio nome diz: ‘a ação de graça e regozijo comum daqueles que proclamam a morte de Cristo.’ O sexto capítulo de João, onde Cristo fala de comermos sua carne, deve ser compreendido no seu contexto, que tem a ver com crer Nele, pois ‘Ele significa salvação para nós não por ser comido, mas por ser morto’. Como as palavras de sua instituição, o verbo ‘ser’ deve ser entendido no sentido de ‘significar’ como em tantos casos nos quais Cristo afirma ser uma porta, um pastor ou um caminho.” (Idem, p.75)

D- João Calvino (1509 - 1564)

1- Introdução

- a) João Calvino faz parte da segunda geração de reformadores, pois nasceu quando Lutero e Zuínglio já estavam com 25 anos de idade.
- b) Lutero era mais criativo; enquanto que Calvino, um melhor sistematizador. Sem as obras antecedentes de Lutero, Calvino não teria conseguido levar a cabo a grande obra que realizou. (Williston Walker, Op. Cit., p. 478). Mesmo assim, “o mais importante sistematizador da teologia protestante no século XVI foi João Calvino.” (Justo L. González, Op. Cit., vol. 6, p. 107)
- c) “Calvino era, antes de tudo, um teólogo. ... A teologia de Calvino está baseada num profundo conhecimento das Escrituras. Ele foi o mais hábil exegeta entre os reformadores...” (Philip Schaff, Op. Cit., vol. 8, pp. 260 e 261)
- d) Em realidade, através de Calvino a reforma protestante na Suíça, iniciada por Zuínglio, receberia um novo e mais significativo impulso. Sua influência não haveria de se restringir apenas à Suíça, mas ir muito além, marcando decisivamente o cristianismo protestante em suas gerações futuras até os nossos dias.

2- Sua infância e juventude

- a) João Calvino, o célebre “Reformador de Genebra”, nasceu no dia 10 de julho de 1509, na pequena cidade de Noyon, na Picardia, cerca de 90 Km, a nordeste de Paris, na França.
- b) No intento de preparar-se para a carreira eclesiástica, ele recebeu aos 12 anos o seu primeiro “benefício” eclesiástico. “Nesta ocasião ele recebeu a tonsura, a única ordem que lhe foi conferida”. (The Oxford Dictionary of the Cristian Church, p. 222)
- c) “De 1523 a 1525 estudou teologia em Paris, mas de 1527 ele parece ter tido dúvidas a respeito de sua vocação sacerdotal e provavelmente também em questões de fé. A partir de 1528 ele estudou em Orleans e posteriormente em Bourges, onde ficou sob a influência de Melchior Wolmar e um círculo de protestantes.” (Ibdem)
- d) “Em 1532 ele publicou um comentário em latim sobre a obra ‘De Clementia’ de Seneca. Sua final rotura com a Igreja Católica Romana parece ter ocorrido em 1533, após uma experiência religiosa na qual

ele creu que havia recebido a missão de restaurar a Igreja à sua pureza original”. (Ibidem)

- e) “Em 1536 ele foi para Noyon, onde resignou seus “benefícios” e parece ter sido aprisionado por um curto período. O perigo do surgimento de uma perseguição sob Francisco I levou-o a ir para a Basiléia em 1535, onde desejava dedicar sua vida ao estudo”. (Ibidem)

3- “Institutas da Religião Cristã”

- a) “Em Basiléia, terminou sua grande obra as ‘Institutas da Religião Cristã’ na primavera de 1536; tinha ele então 26 anos de idade. O pequeno livro era dirigido a Francisco I, da França, numa tentativa de defender os protestantes da França. A primeira edição era apologética e nela Calvino demonstrava como entendia a fé cristã. A influência do ‘Catecismo’, de Lutero, pode ser percebida na seqüência desta primeira edição.” (Earle E. Cairns, Op. Cit., p. 252).

E- O Primeiro Ministério de Calvino em Genebra (1536-1538)

1- Introdução

- a) Calvino não tinha a menor intenção de dedicar-se a um ministério ativo; pois não cria que seus dons eram os de pastor ou um “cabo de guerra”, mas sim os de estudioso e de escritor. (Justo L. Gonzalez, Op. Cit., vol. 6, p. 112)
- b) Assim, pouco antes ou depois da publicação de sua grande obra em março de 1536. Calvino, em companhia de Luís Du Tillet, cruzou os Alpes em direção da Itália, a terra clássica da Renascença literária e artística, esperando contribuir na causa da Renascença religiosa. Após permanecer em Ferrara alguns meses, ele retornou deixando o seu companheiro em Basiléia, e então dirigiu-se à sua cidade natal, na França. (Philip Schaff, Op. Cit., vol. 8, pp. 343-346)
- c) Nesse meio tempo Calvino “decidiu estabelecer seu domicílio em Strasburgo, onde a causa reformada havia triunfado, e onde havia uma grande atividade teológica e literária que lhe parecia oferecer um ambiente propício para seus trabalhos.” (Justo L. Gonzalez, Op. Cit., vol. 6, p. 112)
- d) “Mas o caminho mais direto para Strasburgo estava fechado por razões de uma guerra, e Calvino teve que desviar-se e passar por Genebra. A situação nessa cidade era confusa. Algum tempo antes, a cidade protestante de Berna havia enviado missionários a Genebra, e estes

tinham conseguido o apoio de um pequeno núcleo de leigos instruídos que ansiavam pela reforma da igreja, e de um forte contingente de burgueses cujo principal desejo parece ter sido o de ganhar certas vantagens e liberdades que não tinham sob o regime católico. O clero, em geral de escassa instrução e menor convicção, simplesmente havia seguido ordens do governo de Genebra quando este decidiu abolir a missa e optar pelo protestantismo. Isto tinha ocorrido poucos meses antes da chegada de Calvino a Genebra, e portanto os missionários procedentes de Berna, cujo chefe era Guilherme Farel, se encontravam à frente da vida religiosa de toda uma cidade, e carentes de pessoal necessário.” (Ibidem)

2- O contato com Guilherme Farel

- a) “Calvino chegou em Genebra no final de julho de 1536, dois meses após a Reforma ter sido introduzida publicamente (21 de maio). Ele pretendia permanecer apenas uma noite, como afirmou, mas a Providência havia decretado de outra maneira. Este foi o momento decisivo de sua vida, que transformou o pacífico estudioso em um ativo reformador.” (Philip Schaff, Op. Cit., vol. 8, p. 347)
- b) Chegando a Genebra, a caminho de Strasburgo, “alguém avisou a Farel que o autor das ‘Institutas’ se encontrava na cidade, e assim se produziu uma entrevista inolvidável, que o próprio Calvino nos conta.” (Justo L. Gonzalez, Op. Cit., vol. 6, p. 113)
- c) “Farel, que ‘ardia com um maravilhoso zelo pelo avanço do evangelho’, apresentou a Calvino várias razões, pelas quais precisava de sua presença em Genebra. Calvino escutou atentamente seu interlocutor, uns quinze anos mais velho que ele. Porém se negou a aceitar seu rogo, dizendo-lhe que tinha projetado certos estudos, e que não lhe seria possível terminá-los na situação em que Farel descrevia. Quando por fim Farel tinha esgotado todos seus argumentos, sem conseguir convencer ao jovem teólogo, apelou ao Senhor de ambos, e insurgiu contra o teólogo com voz estridente: ‘Deus amaldiçoe teu descanso e a tranqüilidade que buscas para estudar, se diante de uma necessidade tão grande te retiras, e te negas a prestar socorro e ajuda.’” (Ibidem)
- d) “Diante de tal imprecisão, nos conta Calvino: ‘essas palavras me espantaram e me quebrantaram, e desisti da viagem que tinha empreendido’. E assim começou a carreira de João Calvino como reformador de Genebra.” (Idem, p. 114)

3- Estabelecendo-se em Genebra

a) “Calvino iniciou suas atividades, em 5 de setembro de 1536, com um curso de conferências expositivas sobre as Epístolas de Paulo e outros livros do Novo Testamento, por ele apresentadas na Igreja de São Pedro na parte da tarde. Eram ouvidas com crescente atenção. Ele possuía uma rara aptidão para o ensino, e o povo estava faminto pela instrução religiosa.

“Pouco tempo depois ele assumiu também o ofício de pastor, do qual ele havia declinado inicialmente.” (Philip Schaff, Op. Cit., vol. 8, p. 348)

b) “A obra de Calvino em Genebra começou modestissimamente. ... No entanto, exerceu grande influência sobre Farel. Seu primeiro trabalho em conjunto foi auxiliar os ministros e autoridades civis de Berna e efetivamente estabelecerem a Reforma em Vaud e em Lausana, que no momento acabava de cair sob o controle de Berna. Em Lausana, Pedro Viret (1511-1571) foi nomeado pastor, ofício que desempenharia até 1559. Com ele Calvino iria manter íntima amizade”. (Williston Walker, Op. Cit., p. 480).

c) “Calvino e Farel então procuraram alcançar três alvos na própria Genebra. Em janeiro de 1537 apresentaram ao pequeno Conselho uma série de recomendações da autoria de Calvino. Nelas era proposta a celebração mensal da Ceia do Senhor. Para um preparo melhor, o governo citadino nomearia ‘certas pessoas’ para cada quarteirão. Elas, em companhia dos ministros, diriam à Igreja quais os indignos que deviam ser disciplinados até a excomunhão. Foi esta a primeira tentativa de Calvino de fazer de Genebra uma comunidade modelo e, ao mesmo tempo, de afirmar a independência da Igreja em sua própria esfera. A segunda tentativa foi a adoção de um catecismo composto por Calvino. A terceira, a imposição de um credo a todo cidadão, credo possivelmente de autoria de Farel. O Pequeno Conselho adotou essas recomendações, mas com consideráveis modificações.” (Idem, pp. 480 e 481)

4- Enfrentando forte oposição em Genebra

a) “O êxito da obra de Calvino foi ameaçado já no seu início. Ele e Farel foram injustamente acusados de arianismo por Pedro Caroli, então de Lausana. Com facilidade defenderam sua ortodoxia, mas grande publicidade foi dada ao assunto. Em Genebra a nova disciplina e a questão do assentimento individual a novo credo logo levantaram acerbá oposição. E ela provocou, em janeiro de 1538, uma manifestação do Conselho dos Duzentos, que votou que a Ceia não seria recusada a ninguém. Tal voto pôs abaixo o sistema disciplinar de Calvino.” (Idem, p. 481)

- b) “No mês seguinte a oposição triunfou nas eleições, e resolvem firmar sua posição. A liturgia de Berna era algo diferente da agora em uso em Genebra. Desde muito Berna queria ver a sua liturgia adotada em Genebra, e agora a oposição votou a favor de sua adoção. Calvino e Farel consideravam de pouca importância tal diferença, mas a imposição pela autoridade civil, sem que fossem ouvidos os ministros, lhes pareceu um atentado à total liberdade da Igreja. Ambos recusaram ser cúmplices em tal assunto e foram então banidos, em 23 de abril de 1538. Sua obra em Genebra parecia haver terminado em fracasso total.” (Ibidem)

F- O Ministério de Calvino em Strasburgo (1538-1541)

1- Introdução

- a) “Strasburg era desde 1254 uma cidade imperial livre da Alemanha, famosa por possuir uma das mais finas catedrais góticas, um grande comércio e uma empresa literária. Algumas das primeiras edições da Bíblia foram lá impressas. Por sua situação geográfica, poucas milhas a oeste do Alto Reno, formava um elo de ligação entre a Alemanha, a França e a Suíça, bem como entre o Luteranismo e o Zuinglianismo. Ela oferecia hospitaleira acolhida a um resolutivo contingente de perseguidos protestantes da França, que chamava Strasburgo de a Nova Jerusalém. Os cidadãos aceitaram a Reforma em 1523 no espírito da união evangélica entre os dois tipos principais de protestantismo.” (Philip Schaff, Op. Cit., vol. 8 pp. 363 e 364)
- b) O principal reformador da cidade nesta época era Martin Bucer (1491-1551), que convidou Calvino a vir para Strasburgo.
- c) “Calvino sentia-se tão desencorajado por sua recente experiência que ele não estava inclinado a assumir outro ofício público, e Courault aprovava este propósito. Ele portanto recusou o primeiro convite de Bucer para vir a Strasburgo, ainda mais que seu amigo Farel não estava incluído. Ele finalmente cedeu às repetidas solicitações, lembrando o exemplo de profeta Jonas. Farel deu-lhe sua cordial aprovação.” (Idem, p. 363)

2- Sua permanência em Strasburgo

- a) Calvino chegou a Strasburgo nos primeiros dias de setembro de 1538, onde permaneceu três anos, nos quais dedicou-se a proveitosas atividades. (Idem, p. 365)
- b) “Sob muitos aspectos, os três anos que ali viveu foram os mais felizes da sua existência. Ali pastoreou uma igreja de refugiados franceses e foi prelecionador de teologia. Recebeu honrarias na cidade, que o fez um de

seus representantes nos debates que Carlos V promoveu visando à reunião de protestantes e católicos. Com isso ganhou a amizade de Melancton e de outros reformadores alemães.” (Williston Walker, Op. Cit., p. 481)

- c) Durante sua permanência na Alemanha Calvino casou-se, em agosto de 1540, com Idelette Von Buren, viúva de um ex-pastor anabatista, que tinha três filhos. Ela foi sua fiel companheira até falecer em 1549.
- d) “Também encontrou tempo para escrever, não apenas uma edição ampliada das ‘Institutas’ e seu ‘Comentário aos Romanos’, início de uma série que o colocou na primeira fila dos exegetas reformadores, mas sua brilhante ‘Réplica a Sadoletto’, justamente tida como a melhor defesa do protestantismo em geral.” (Williston Walker, Op. Cit., p. 481 e 482)

OBS.: O cardeal Sadoletto, o bispo católico de Genebra, procurava destruir a teologia e a reputação de Calvino em Genebra; e este sentiu-se obrigado a responder a suas sensações.

G- O Segundo Ministério de Calvino em Genebra (1541-1564)

1- Introdução

- a) “Nesse meio tempo ocorreu uma revolução em Genebra, pela qual Calvino não era de modo algum responsável. O partido causador de sua expulsão fez, em 1539, desastroso tratado com Berna. Disso resultou sua derrota no ano seguinte e a condenação dos negociadores do tratado como traidores. O partido amigo de Calvino estava, mais uma vez, no poder, e seus líderes desejavam sua volta. Houve dificuldade para persuadi-lo, mas em 13 de setembro de 1541 ele estava de novo em Genebra, praticamente senhor da situação.” (Idem, p. 482)

2- Reiniciando sua obra em Genebra

- a) “Embora tivesse vindo sem muito desejo, a sua volta teve um propósito resoluto: Tornar Genebra uma cidade cristã modelo, uma comunidade cuja vida fosse realmente dirigida pelo Cristianismo. Isto não era somente e principalmente, por amor a Genebra. Calvino queria que a cidade fosse de tal modo cristianizada que se tornasse uma fonte de inspiração para o protestantismo em toda parte. Ele viu que a Igreja Romana tentaria uma luta tremenda para readquirir o que já, há tanto tempo havia perdido, e sentiu-se como um general à frente de grande campanha, com a responsabilidade do êxito de causa inteira.” (Robert Hastings Nichols, História da Igreja Cristã, pp. 164 e 165)

b) “De imediato, Calvino conseguiu a adoção de sua nova constituição eclesiástica, as ‘Ordenanças Eclesiásticas’, então muito mais definidas que as recomendações aceitas em 1537. Mas, com todo o retorno triunfal, não alcançou sua aceitação total, como era de seu desejo. As ‘ordenanças’ esclareciam que Cristo instituiu em Sua Igreja quatro ofícios: pastor, professor, ancião e diácono. Também definiam os deveres de cada ofício. Os pastores se deviam reunir semanalmente no que popularmente era chamado ‘Congregação’, para debates públicos, exame dos candidatos ao ministério e exegese. O professor seria o chefe do sistema escolar de Genebra, o que Calvino considerava fator essencial na educação religiosa da cidade. Ao diácono incumbia o cuidado dos pobres e supervisão do hospital. Eram os anciãos o coração do sistema de Calvino. Eram leigos escolhidos pelo Pequeno Conselho, dois dentre eles, quatro dentre os Sessenta, seis dentre os Duzentos, e sob a presidência de um síndico. Juntamente com os ministros, formavam o ‘Consistório’, que se reunia às quintas-feiras e era o encarregado da disciplina eclesiástica. Iam até a excomunhão; além dela, se a ofensa era grande, referiam o caso às autoridades civis. A Calvino nenhum direito parecia tão vital à independência da Igreja como o da excomunhão, e por nenhum tanto lutou até seu estabelecimento, em 1555.” (Williston Walker, Op. Cit., p. 482)

3- O desenvolvimento de um sistema educacional

a) “Os planos de Calvino quanto à educação foram inspirados por sua convicção de que a verdadeira religião e a educação estão inseparavelmente associadas. A preservação e segurança da fé reformada, viu ele, requeriam um povo educado tanto quanto um ministério educado. Seus planos resultaram no estabelecimento de um sistema escolar livre e completo, culminado pela Academia, instituição de grau universitário a que não faltassem os cursos de teologia. Calvino foi incansável nos seus esforços em conseguir os melhores mestres para as escolas em Genebra, os quais em pouco tempo, se tornaram famosos. Muitíssimos estrangeiros vieram à Academia para estudar teologia e voltaram como ministros protestantes.” (Robert H. Nichols, Op. Cit., p. 165)

b) “Em 1559 Calvino viu cumprir-se um dos seus sonhos, ao ser fundada a Academia de Genebra, sob a direção de Teodoro Beza, que depois sucedeu Calvino como chefe religioso da cidade. Naquela academia se formou a juventude genebriana segundo os princípios calvinistas. Porém seu principal impacto se deve a que nela cursaram estudos superiores pessoas procedentes de vários outros países, que depois levaram o calvinismo a eles.” (Justo L. Gonzales, Op. Cit., vol. 6, p. 117)

- c) Assim, o sistema educacional de Genebra contribuiu decididamente para a consolidação do calvinismo em Genebra e para a sua propagação por outros países da Europa.

4- A consolidação do calvinismo em Genebra

- a) “Durante o ministério de Calvino, de vinte e três anos, ele viu que seu ideal para a cidade fora em grande parte realizado. Aquela cidade dantes turbulenta e dissoluta tornou-se notável por sua ordem, por sua cultura, por seu Cristianismo ardoroso e pelas condições morais excelentes. Estes resultados não foram alcançados por Calvino e seus colaboradores sem dificuldades. Surgiu muita oposição por causa da estrita disciplina do Consistório. Houve mesmo um tempo quando a obra de Calvino parecia arruinar-se, mas sua persistência e coragem férrea não falharam. Sua vitória final foi devida parcialmente a muitos protestantes refugiados de perseguições, vindos de outros países, que se tornaram cidadãos de Genebra, nos últimos nove anos de sua vida ele foi o governador da cidade.” (Robert H. Nichols, Op. Cit., pp. 165 e 166)
- b) Além de sua grande correspondência, de sua destacada obra literária, de sua liturgia na qual o canto possuía um lugar de destaque, e de suas importantes contribuições para o desenvolvimento social, educacional e comercial de Genebra; merece destaque o fato de que “os planos de Calvino para a igreja incluíam um ministério educado e cuidadosamente escolhido, fiel aos deveres claramente indicados para o mesmo. Assim Calvino criou o ofício do moderno ministro protestante.” (Idem, p. 165)

5- A execução de Miguel Servetus

- a) O envolvimento de Calvino em relação com a execução de Miguel Servetus (1509-1553) tem sido mencionado por alguns como um ato de desumana fraqueza do grande reformador de Genebra. Por isso é importante que conheçamos o incidente dentro do seu contexto.
- b) “Servetus era espanhol, mais ou menos da mesma idade de Calvino, em homem sem dúvida de grande gênio, ainda que excêntrico. Em 1531 publicou ‘De Trinatis Erroribus’. Obrigado a esconder sua identidade, estudou medicina sob o nome Villeneuve, sendo o verdadeiro descobridor da circulação sanguínea pulmonar. Estabeleceu-se em Vienne, na França, onde teve grande clínica. Secretamente trabalhava em seu livro ‘Restituição do Cristianismo’, que publicou no começo de 1553. Segundo sua opinião, a doutrina nicena da Trindade, a Cristologia de Calcedônia e o batismo das crianças eram as principais causas da corrupção da Igreja.

Já em 1545 começara irritante correspondência com Calvino, cujas 'Institutas' criticava com desprezo." (Williston Walker, Op. Cit., p. 484)

- c) "Servetus acabava de escapar dos cárceres da inquisição católica na França, onde corria ele um processo de heresia, e se viu obrigado a passar por Genebra, onde foi reconhecido quando foi escutar Calvino pregar. Foi arrastado, e Calvino preparou uma lista de trinta e oito acusações contra ele. Visto que Servetus era um erudito, e além do mais tinha sido acusado de heresia adotou sua causa. Porém, o governo da cidade pediu conselho às regiões protestantes da Suíça, e todos concordaram que Servetus era herege. Isso calou a oposição, e resolveram condenar Servetus a ser queimado vivo, mas Calvino tratou de mudar essa condenação, transformando-a na de decapitação, por ser uma pena menos cruel." (Justo L. Gonzalez, Op. Cit., vol. 6, p. 116)
- d) Apesar da insistência de Calvino por uma execução mais misericordiosa, Servetus foi condenado a ser queimado na fogueira. No dia de sua execução, a 27 de outubro de 1553, após ouvir a leitura da sentença, ele caiu sobre os seus joelhos e exclamou: "A espada! Por misericórdia! E não o fogo! Ou eu poderei perder minha alma em desespero." Foi novamente insistido que se retratasse, o que não veio a ocorrer. Já entre as chamas que começavam a consumir o seu corpo, em meio à fumaça e à agonia, nos últimos momentos de sua vida, sua voz foi ouvida em oração: "Jesus Cristo, Filho do Eterno Deus, tem misericórdia de mim!" (Philip Schaff, Op. Cit., vol. 8, pp. 783-785).
- e) Por mais estranha e odiosa que essa atitude possa parecer, para Calvino significou uma grande vitória. "Livrou as igrejas suíças de qualquer imputação de falta de ortodoxia com referência à doutrina da Trindade, enquanto os oponentes de Calvino arruinavam-se procurando dificultar a punição de alguém que o sentir geral da época condenava." (Williston Walker, Op. Cit., p. 485)
- f) "Como quase todas as pessoas do seu tempo, Calvino herdou da Idade Média a crença de que a heresia deveria ser punida com a morte. Traríamos a nossa consciência cristã se deixássemos de condenar com todas as forças o ato de Calvino neste caso. Todavia devemos nos lembrar de que naquele tempo sua atitude foi geralmente aprovada em Genebra e pelos protestantes de quase toda a parte. A liberdade de consciência foi, em grande parte, em resultado do espírito e do movimento reformador, mas essa liberdade surgiu muito lentamente. De entre os grandes líderes protestantes do século de Calvino somente um, Guilherme de Orange, cria plenamente na liberdade religiosa." (Robert H. Nichols, Op. Cit., p. 166)

6- A conclusão de seu ministério

- a) Robert H. Nichols destaca três grandes benefícios que Calvino legou, por sua obra em Genebra, para o protestantismo em geral: (1) A vida moral da cidade foi um exemplo do que a fé reformada podia realizar, e daí o poder de sua propaganda. Como Genebra tornara-se uma cidade de refúgio para os perseguidores protestantes de muitos outros países, estes eram influenciados pelo contato com Calvino e por sua estada em Genebra, voltando aos seus países de origem determinados a propagar a fé reformada, como ocorreu com João Knox. (2) O contato pessoal de Calvino com os líderes protestantes de muitos lugares, mantido principalmente por meio da sua enorme correspondência. Ele era a cabeça dirigente da Reforma na França, embora lá não tivesse ido havia vinte e sete anos. Realizou trabalho semelhante em outros países. (3) Os seus livros, especialmente as “Institutas”, que tiveram grande circulação. Foi assim que as idéias de Calvino predominaram nos movimentos da Reforma na França, Holanda, Escócia e em muitas partes da Alemanha, como também na Inglaterra. (*Idem*, pp. 166 e 167)
- b) As inúmeras atividades, tensões e controvérsias haviam minado sua saúde. E finalmente Calvino morreu em Genebra no dia 27 de maio de 1564, nos braços de Teodoro Beza. Sua última carta foi escrita a Guilherme Farel. (Kenneth S. Latourette, História del Cristianismo, tomo 2, p. 109)
- c) De acordo com Kidd, Calvino realmente merecia no final de sua vida a qualificação de “único reformador internacional”. (Williston Walker, Op. Cit., p. 486)
- d) “Calvino não deixou sucessor de igual estatura. Tanto crescera a obra que um só homem não podia dirigi-la. Entanto, em Genebra, e mesmo bastante além de suas fronteiras, seu manto caiu sobre os dignos ombros de Teodoro Beza (1519-16050, homem de espírito mais conciliador, maneiras mais gentios, mas devotado aos mesmos ideais.” (*Ibidem*)

H- O Pensamento Teológico de Calvino

1- Introdução

- a) O pensamento teológico de Calvino pode ser muito bem analisado nas suas famosas “Institutas da Religião Cristã” (4 volumes).
- b) Também sua brilhante “Réplicas a Sadoleto”, escrita contra o Cardeal Sadoleto durante seu ministério em Strasburgo; seu “Comentário a Romanos” e várias outras obras de sua autoria, são importantes para conhecermos o seu pensamento teológico.

2- O contraste entre Lutero e Calvino

- a) “Lutero jamais viu a Calvino, e provavelmente sabia pouco ou nada da Reforma em Genebra. Sua própria obra estava então quase finalizada, e ele desejava ter descanso. Foi muito benéfico, contudo, que enquanto sua mente estava incuravelmente envenenada contra Zuínglio e Zurique, ele jamais entrou em hostil conflito com Calvino e Genebra, mas enviou-lhe antes de sua morte uma fraternal saudação de uma respeitosa distância.” (Philip Schaf, Op. Cit., vol. 8, p. 385)
- b) “Lutero e Calvino diferiam tanto teologicamente como pessoalmente. Lutero enfatizava a pregação; Calvino preocupava-se com a formulação de um sistema formal de teologia. Os dois aceitavam a autoridade da Bíblia, só que a ênfase maior de Lutero era sobre a justificação pela fé e a de Calvino, sobre a soberania de Deus. Lutero interpretava a consubstanciação como a melhor teologia para a Ceia do Senhor; Calvino negava a presença física de Cristo, aceitando apenas a presença espiritual de Cristo pela fé nos corações dos participantes. Lutero só rejeitava o que a Bíblia não aprovava; Calvino rejeitava tudo o que não pudesse ser provado pela Bíblia. Lutero aceitava a predestinação dos eleitos mas se preocupava muito pouco com a eleição para a condenação. Calvino, por sua vez, defendia uma eleição dupla, para a salvação e para a condenação, baseada na vontade de Deus, e rejeitou qualquer concepção da salvação como fruto de mérito do eleito ou da presciência de Deus, como se Deus elegeisse para a salvação aqueles que Ele sabia de antemão que creriam.” (Earle E. Cairns, Op. Cit., p. 251)

3- Alguns aspectos salientes na teologia de Calvino

- a) Earle E. Cairns declara: “Mesmo correndo o risco de simplificar demais, pode-se resumir a teologia de Calvino com um recurso mnemônico simples, geralmente usado pelos estudantes. As primeiras letras dos principais termos da teologia de Calvino formam o anagrama TELIP. Coordena sua teologia a idéia da soberania de Deus. Calvino tinha uma concepção majestosa de Deus, a exemplo de alguns dos profetas do Antigo Testamento. Ele acentuava a Totalidade da depravação humana, entendendo que o homem herdou a culpa do pecado de Adão e nada pode fazer por sua salvação, uma vez que sua vontade está totalmente corrompida. Calvino ensinava que a salvação é um assunto de Eleição incondicional e independente do mérito humano ou da presciência de Deus a eleição é fundamentada na soberania da vontade de Deus, havendo uma predestinação dupla, para a salvação e para a salvação e para a perdição. Calvino concebia ainda a Limitação da redenção, ao propor que a obra de Cristo na cruz é restringida aos eleitos para a salvação. A doutrina da Irresistibilidade da graça é necessária, então; o eleito é salvo independentemente de sua vontade, pois o Espírito Santo o dirige irresistivelmente para Cristo. A perseverança (ou preservação) dos

santos é o ponto final do seu sistema; os eleitos, irresistivelmente salvos pela obra do Espírito Santo, jamais se perderão.” (Idem, p. 252 e 253)

- b) Uma das características peculiares da teologia de Calvino é a dupla predestinação: Para a salvação e para a perdição. Não foi ele o seu originador, pois neste aspecto ele foi influenciado por Agostinho; mas foi Calvino que mais desenvolveu-se e enfatizou-a.

II- Breve relato da propagação da fé reformada fora da Suíça

- 1) “De Genebra o Calvinismo estendeu-se para a França, Holanda, Inglaterra, Escócia e Nova Inglaterra. O padrão de Genebra não podia ser reproduzido nestes países, pelo menos não no começo. Uma única cidade pôde ser transformada numa comunidade selecionada. No caso de um país inteiro, isto era uma questão muito difícil. Eventualmente o ideal foi mais plenamente alcançado na Escócia e Nova Inglaterra. Na França, Holanda e velha Inglaterra o calvinismo tornou-se antes uma militante minoria, uma aristocracia espiritual contra o resto da população...” (Roland H. Binton, Op. Cit., pp. 121 e 122)
- 2) “Enquanto o Luteranismo ganhou terreno entre os escandinavos, o calvinismo fez adeptos durante o século XVI em outras regiões européias, especialmente no vale do Reno na Alemanha, na Hungria, na Morávia, na França, na Holanda, na Escócia, na Irlanda do Norte e, por um breve período de tempo, na Polônia. O Calvinismo fez um bloco entre o Luteranismo ao Norte e o Catolicismo ao Sul.” (Earle E. Cairns, Op. Cit., p. 256)

A- João Knox (c. 1513-1572)

- 1) O grande baluarte de reforma escocesa foi João Knox. Philip Schaff afirma que Knox assentou-se humildemente aos pés de Calvino e “tornou-se mais calvinista do que Calvino”, podendo ser considerado “o escocês dos escoceses, assim como Lutero era o alemão dos alemães.” Philip Schaff, Op. Cit., vol. 8, p. 819)
- 2) João Knox nasceu em Haddington ou seus arredores. Seu nascimento tem sido datado “entre 1505 e 1515” (Kenneth Scott Intourette, Op. Cit., tomo 2, p. 121), sendo que alguns consideram o ano de 1513 como o mais provável (Earle ^a Cairns, Op. Cit., p. 260; The Oxford Dictionary of the Christian Church, p. 786).
- 3) Educado na Universidade de Glasgow, “foi ordenado sacerdote antes de 1540.” (Justo L. Gonzalez, Op. Cit., vol. 6, p. 138)
- 4) Tornou-se discípulo de George Wishart (que foi morto em 1546). Quando os protestantes se apoderaram de Santo André, recebeu ordens de ir para o castelo com os jovens que estavam sob o seu cuidado. Ainda que seu propósito fosse chegar à Alemanha, e ali dedicar-se ao estudo de teologia, ao

chegar em Santo André viu-se cada vez mais envolvido nos acontecimentos que sacudiam a Escócia. Contra sua vontade, foi feito pregador da comunidade protestante, e a partir daí foi o principal porta-voz da causa reformada na Escócia.” (Justo L. Gonzalez, Op. Cit., vol. 6, p. 138)

- 5) Forças francesas foram enviadas para dominar os rebeldes do castelo de Santo André, os quais obrigaram-no a se renderem. João Knox foi capturado pelo exército francês, e obrigado a trabalhar durante 19 meses como escravo nas galés de uma embarcação militar francesa até ser libertado em troca de prisioneiros. Uma vez estando em liberdade, Knox dirigiu-se para a Inglaterra, onde Eduardo VI ofereceu-lhe o bispado de Rochester; cuja proposta ele rejeitou, preferindo ser um capelão real.
- 6) Com a ascensão de Maria Tudor ao trono inglês, os protestantes passaram a ser severamente perseguidos, e Knox teve que fugir para o continente. “Ele encontrou-se com João Calvino, e em 1554 foi por um curto período pastor dos refugiados ingleses em Frankfurt, mas foi expulso após uma disputa sobre questões a respeito do culto dominical.” (The Oxford Dictionary of the Christian Church, p. 786)
- 7) “Em 1555 ele retornou para a Escócia. Lá sua pregação e seus escritos foram aceitos com grande sucesso; porém a contínua perseguição aos protestantes o levou a aceitar um chamado à igreja inglesa de Genebra, onde ele publicou vários tratados a respeito da situação na Escócia...” (Ibidem)
- 8) Durante seu pastorado em Genebra, Knox estudou vários anos como aluno de Calvino. Em 1556 ele escreveu para o seu amigo Locke: “Em meu coração eu pude desejar, sim, eu não cesso de desejar, que agrade a Deus guiar-te e conduzir-te a este lugar que, eu não temo nem me envergonho de dizer, é a mais perfeita escola de Cristo que já esteve sobre a Terra desde os dias dos apóstolos. Em outros es eu reconheço que Cristo é verdadeiramente pregado; mas os costumes e a religião serem tão seriamente reformados, eu ainda não vi em qualquer outro lugar.” (Philip Schaff, Op. Cit., vol. 8, p. 518)
- 9) Sem dúvida, a permanência de Knox em Genebra e sua convivência com Calvino, que ele reconhecia ser “o notável servo de Deus” (Earle E. Cairns, Op. Cit., p. 260), foram muito significativas para a sua formação como reformador.

B- A consolidação da reforma escocesa

- 1) “Alguns nobres escoceses, aborrecidos com a influência francesa na Escócia e a ‘idolatria’ da ‘congregação de Satã’ (a denominação que davam à Igreja de Roma), reuniram-se em Edimburgo, em dezembro de 1557. Estes nobres fizeram um pacto de usar suas vidas e seus bens para estabelecer ‘a Palavra de Deus’, na Escócia. Nesta conjuntura,

Knox voltou à Escócia como um profeta impetuoso, de teologia Calvinista.”(Ibidem)

- 2) “Quando Maria Stuart e seu marido se fizeram reis da França e os soldados franceses chegaram à Escócia, o povo escocês pediu ajuda a Elizabeth, a nova rainha da Inglaterra. Elizabeth, hábil diplomata, hesitou em cooperar com um povo em revolta contra sua soberana. Ademais, ela detestava Knox por ter ele publicado, em 1558, uma obra contra a regente escocesa e Maria Tudor, intitulada ‘Primeiro Clarim Contra o Monstruoso Governo de Mulheres’. Em que ele dizia ser contra a natureza, Deus e Sua Palavra, uma mulher governar, pois isto era ‘a subversão da boa ordem, de toda justiça e equidade’. Como, porém, as tropas francesas da Escócia eram uma ameaça à segurança inglesa, ela enviou dinheiro e uma esquadra, em 1560. O Tratado Edimburgo, de 1560, dispôs que somente uma força simbólica de 120 unidades francesas poderia ficar na Escócia, os franceses não podiam ocupar cargos públicos na Escócia e Francisco II, esposo de Maria Stuart, não entraria em guerra contra a Inglaterra. Isto encerrou o controle Francês da Escócia e deixou os lordes da Congregação, para onde a nobreza escocesa interessada na Reforma foi convocada, livres para promover a causa da Reforma religiosa.” (Idem, pp. 260 e 261)
- 3) “O Parlamento escocês se reuniu em 1560 e, orientado por Knox começou a obra de Reforma: Pôs fim ao domínio do papa sobre a Igreja Escocesa, declarou ilegal a missa e revogou todos os decretos contra os hereges e aceitou a Confissão de Fé que os ‘Seis Johns’ (Knox e mais cinco outros homens de prenomes John), elaboraram em menos de uma semana.” (Idem, p. 261)

OBS.: A “Confissão Escocesa de Fé” (1560) pode ser encontrada em: Philip Schaff, Creeds of Christendom, vol.3, pp. 437-479. Duas décadas mais tarde esta Confissão foi acrescida de um apêndice de natureza fortemente anti-papal, conhecido como a “Segunda Confissão Escocesa de Fé”. (1580), que pode ser encontrada em: Idem, vol. 3, pp. 480-485.

- 4) “A confissão, de inspiração claramente calvinista, permaneceu como a principal confissão escocesa até a adoção da Confissão de Westminster, em 1647. Só mais tarde, o primeiro Livro de Disciplina e o Livro da Oração Comum foram redigidos. A igreja escocesa também se organizou em presbitério, sínodos e uma assembléia nacional, com o sistema representativo eclesiástico de anciãos, semelhante ao uso em Genebra, formalmente estabelecido em 1567. Embora a Reforma tenha se efetivado sem derramamento de sangue, graças ao trabalho de Legislativo Escocês, Knox e seus amigos passaram por difíceis testes antes de ela se estabelecer completamente.” (Earle E. Cairns, Op. Cit., p. 261)

- 5) “Em meio a estas transformações, Maria Stuart, cujo marido, monarca francês, morrerá, chegou à Escócia, em 1561. O duro e franco Knox teve muitos encontros com essa mulher, bela e inteligente, que se devotava ao catolicismo, mas não cedeu em nada a despeito de suas lágrimas e lisonjas. Problemas familiares de Maria Stuart levaram-na a derrota final. Em 1565, ela se casou com o seu primo Darnley, o elegante mas orgulhoso e ciumento, que assassinara seu secretário italiano em sua presença na suposição de que Maria o amava. Tiveram um filho que seria o Tiago VI da Escócia e o Tiago I da Inglaterra, mas após o assassinato, Maria se desinteressou de Darnley e se apaixonou por Bothwell. Darnley foi dinamitado em Edimburgo na cabana onde estava. Imediatamente, Maria se casou com Bothwell e admitiu ter matado Darnley. Isto irritou profundamente o Parlamento escocês, que forçou sua abdicação. Ela fugiu para a Inglaterra e pediu proteção a Elizabeth, em 1569. Elizabeth colocou-a sobre proteção de uma custódia até que conspirações para elevar Maria ao trono Inglês ameaçaram Elizabeth com a morte. Ela, então, concordou, relutante, com a execução de Maria, em 1587.” (Idem, pp. 261 e 262)
- 6) João Knox, o ardoroso e incansável baluarte da reforma escocesa, morreu no dia 24 de novembro de 1572 (K. S. Latourette, Op. Cit., tomo 2, p. 123), mas sua obra “foi continuada por André Melville (1545-1623), que lecionara em Genebra como colega de Beza desde 1568 até o seu regresso à Escócia, em 1574. Foi Melville o reformador das Universidades de Glasgow e Santo André. Mas ainda mais distinguiu-se como aperfeiçoador do sistema presbiteriano na Escócia e seu vigoroso defensor contra as inferências episcopais e reais de Tiago VI.” (Willinton Walker, Op. Cit., p. 507)

OBS.: O episcopalismo (grego “episkopos”: bispo) mantém o princípio de que o supremo poder eclesiástico reside no concílio dos bispos; enquanto que o presbiterianismo (grego “presbyteres”: presbítero, ancião, chefe) crê que Jesus Cristo é o único Senhor da comunidade, todos os membros da comunidade tem os mesmos direitos, existindo na comunidade apenas um único ministério, o dos presbíteros. Portanto, o presbiterianismo não reconhece a autoridade episcopal nem aceita hierarquia superior à dos presbíteros.

- 7) Em realidade, “depois de alcançada a vitória do protestantismo, surgiu a luta pelo presbiterianismo. O filho da rainha Maria, Tiago VI, que veio a ser depois Tiago I da Inglaterra, tentou introduzir bispos na igreja escocesa. Ele viu que um governo eclesiástico presbiteriano nutriria e desenvolveria o espírito de liberdade entre o povo. Igualmente, alguns nobres que se aliaram ao rei, julgaram que a introdução de bispos na Igreja lhes daria uma oportunidade de ficarem com as terras que tinham pertencido aos bispos medievais. André Melville foi o ousado

líder presbiteriano dos escoceses nessa luta contra o rei”. (Robert H. Nichols, Op. Cit., p. 172). “Em 1592, apesar da forte oposição do rei Tiago VI, a causa de Melville triunfou e o presbiterianismo se tornou a forma estabelecida de religião na Escócia. Os Stuarts tentaram debalde restabelecer o sistema episcopal entre 1603 e 1640, mas em 1660 o Presbiterianismo foi estabelecido finalmente na Escócia.” (Earle E. Cairns, Op. Cit., p. 262)

- 8) “A reforma escocesa atingiu indiretamente os Estados Unidos, porque muitos presbiterianos escoceses emigraram primeiro para a Irlanda do Norte, no século XVII, e de lá milhares deles foram para os EUA, na primeira metade do século XVIII. Assim, o presbiterianismo norte-americano descende diretamente do presbiterianismo escocês.” (Ibidem)

Estudo Doutrinário

I- Estão Alguns Predestinados para a Perdição?

A- Tem Deus ordenado alguns para a perdição, e a outros para a salvação, sem tomar em conta o que eles podem fazer?

- 1- Ele deseja que ninguém se perca: II Pedro 3:9.
- 2- Ninguém está selado para a perdição: I Tes. 5:9.
- 3- Deus deseja que todos se salvem: I Timóteo 2:3, 4.

B- Nem todos se salvarão. Por que?

- 1- Muitos não reunirão as condições de salvação: Mat. 7:21.
- 2- Em Adão todos estão predestinados para a perdição: I Cor. 15:22.
- 3- Em Cristo todos estão predestinados para a salvação: João 1:12.
- 4- Deus já decretou que todos os que aceitam a Cristo serão salvos. Porém não tem decretado que todos devem aceitar Sua salvação.

C- Deus tem Divina presciência: Isaías 46:10

- 1- Isto não implica que Deus seja O autor de tudo o que sucede. Ele trabalha constantemente para salvar os homens: Ezequiel 18:29-32.

- 2- Podemos escolher o que faremos: I Pedro 1:2.
- 3- Ele coloca o caminho diante de nós: Jeremias 21:8.
- 4- Muitos são chamados, mas poucos escolhidos: Mat. 22:10-14.
- 5- O chamado é considerado eleição: II Tim. 1:9.

D- A salvação é nossa em Cristo.

- 1- Devemos aceitar a Cristo para receber a salvação: I João 5:11.
- 2- Os predestinados para a salvação são os justificados: Rom. 8:28-30.
- 3- Aqueles que com Ele são chamados, e eleitos, e fiéis: Apoc. 17:14.

E- Apelação.

- 1- Todos são chamados: Apoc. 22:17.
- 2- Predestina os que desejam obter herança eterna.
- 3- Os que confessam a Cristo são eleitos: Lucas 12:8.
- 4- Os que são fiéis a Cristo serão recompensados: Mateus 24:13.

F- Sugestão adicional.

- 1- Ilustrar com os casos de Judas e Paulo: Os dois foram chamados e eleitos, pois um foi fiel e o outro infiel. (João 6:64, 65, 70, 71).
- 2- Estudar os casos de Esaú e Jacó, e o de Faraó, em Romanos 9, a luz da presciência e da misericórdia de Deus.
- 3- Também se pode ilustrar com a parábola das bodas e as vestimentas outorgadas pelo rei: Mat. 22:1-14.
- 4- Não há seleção arbitrária: II Tim. 2:4, 6; Ezequiel 18:23-32.
- 5- Podemos assegurar nosso chamado e eleição: II Pedro 1:10.
- 6- Convém também ter conhecimento claro das controvérsias pelagiana e arminiana, como também outros antecedentes históricos relativos a

doutrina da predestinação, a fim de que a exposição resulte clara e convincente.

DENOMINAÇÃO BATISTA

I- Introdução

- a) A origem da denominação batista está envolta em névoas de numerosas hipótese e conjecturas, surgidas com o intento de suprir a falta de documentação histórica fidedigna.
- b) Os apologistas do movimento tratam de remontar suas origens aos dias de João o Batista e do nascimento da Igreja Cristã. Outros, mais objetivos, buscam seu início nas apaixonadas polêmicas anabatistas da primeira metade do século XVI.

II- O Movimento Anabatista

A- Introdução

- 1) O termo “anabatista” é derivado do grego (αναβαπτιστης e βαπτιστης) e significa literalmente “rebatizador.”
- 2) O nome foi dado a vários grupos de cristãos que surgiram no século XVI, os quais negavam a validade do batismo infantil e, portanto, ministravam o batismo apenas aos adultos que houvessem feito uma consciente profissão de fé.
- 3) Os anabatistas não se conformavam com o fato dos grandes reformadores do século XVI não levarem sua obra de reforma até chegarem a um pleno retorno aos ensinamentos bíblicos. Eles criam que a Reforma chegara à estagnação antes de completar-se. Isto fez com que eles não se conformassem com esta situação, e desejassem uma reforma mais radical. Assim os anabatistas podem ser também denominados de “os reformadores da Reforma.”
- 4) Além disso, os próprios anabatistas não se denominavam de anabatistas. “Pelo contrário, foram os católicos romanos, os luteranos, os zuínglianistas e os calvinistas que lhes deram esse nome. Os anabatistas chamavam-se de Cristãos ou Irmãos. Para ele o batismo dos crentes não era um rebatismo, mas o próprio batismo.” (Richard

Müller, “Anabaptists: ‘the Reformers’ reformers”. Ministry, July 1986, p. 12).

B- Quem são os anabatistas?

- 1) O estudo dos anabatistas não é muito fácil, especialmente pelo fato de os historiadores não serem unânimes na definição a respeito de que grupos realmente compõem o movimento anabatista.
- 2) “Lamentavelmente, contudo, os grandes reformadores rejeitaram como radicais, ou ‘Schwärmers’ (visionários ou fanáticos), a todos os que não concordavam com eles. Lutero, Zúínglio e Calvino não faziam distinção entre os vários outros grupos e movimentos que existiam junto de seu próprio.” (Ibidem) Assim o título “anabatista” era praticamente usado para designar a todos os que não fossem católicos romanos, luteranos ou reformadores (zuínglianos ou calvinistas).
- 3) Assim, embora consideramos o título “anabatistas” no seu sentido amplo para designar a reforma radical no seu todo, não devemos nos olvidar de que “um movimento não deve ser julgado pelo excesso de alguns. Pelo contrário, ele deve ser avaliado pelos ensinamentos e práticas do melhor de seus defensores.” (Ibidem) Portanto, seria conveniente distinguirmos entre os anabatistas em geral e os genuínos anabatistas, para não sermos tentados a considerarmos negativamente o movimento como um todo, devido ao fanatismo de alguns.

C- Teorias sobre a origem dos anabatistas

- 1) José dos Reis Pereira menciona três teorias em relação com a origem dos anabatistas: (1) Para o historiador luterano alemão Mosheim, “a verdadeira origem dessa seita, que adquiriu a denominação de anabatista, porque administra de novo o rito do batismo àqueles que vêm à sua comunhão (...) está escondida nas profundezas da antigüidade e é, portanto, extremamente difícil de ser verificada.” O referido historiador impressionou-se com o fato de que os anabatistas surgiram como que de repente, em vários lugares da Europa, sem ligação aparente com a reforma. Isto o levou a julgar que os anabatistas se originaram em tempos bem abastados, tendo-se mantido secreto, possivelmente, através da idade média, até apontar, em súbita e abundante floração, em pleno século XVI. (2) Uma segunda teoria considera os anabatistas como descendentes diretos dos movimentos pré-reformadores medievais. O historiador Ludwing Keller afirmava existir íntima conexão histórica entre os anabatistas e os valdenses, considerando assim os anabatistas como perpetuadores dos movimentos medievais adversos a Roma. (3) E a terceira posição sustenta que os anabatistas começaram em Zurique, na Suíça, quase paralelamente com a Reforma de Zúínglio

e que dali suas idéias espalharam por toda a Europa. (J. Reis Pereira, Breve história dos Batistas, pp. 56 e 57)

- 2) Embora possam haver algumas características em comum com os movimentos pré-reformadores medievais, “o genuíno e pacífico movimento anabatista começou quando certos seguidores de Zuínglio concluíram que ele não havia reformado a igreja completamente.” (Richard Müller, Op. Cit., p. 12)

D- Os Primeiros Anabatistas

1- As primeiras discussões em Zurique

- a) Entre os seguidores de Zuínglio, em Zurique, haviam alguns que começaram a perceber que seu programa de reforma não era tão abrangente e cabal quanto esperavam. “Eles desejavam uma igreja toda constituída de pessoas que se haviam arrependido de seu anterior modo de vida e que estivessem dispostas a unir-se voluntariamente a uma congregação. Somente os crentes podiam unir-se a tal igreja. Portanto os anabatistas rejeitavam o batismo infantil.” (Ibidem)
- b) “Entre os mais favoráveis às inovações em Zurique estavam Conrad Grebel e Felix Manz. Os dois pertenciam a famílias de projeção na cidade e eram humanistas bem preparados. Juntamente com outros, estes cedo acharam que a liderança de Zuínglio na aplicação dos princípios bíblicos às práticas de Zurique era por demais conservadora. Tais pessoas apareceram pela primeira vez com evidência no segundo grande debate, outubro de 1523. Nessa ocasião pediram a imediata abolição das imagens e da missa - atos para os quais as autoridades do cantão ainda não estavam de todo preparadas. Um dos mais capacitados nesse debate foi Baltasar Hubmaier, que tinha sido aluno e depois colega e amigo de Eck, o oponente de Lutero, mas, nesse tempo, pregador em Waldshut, no extremo norte da Suíça. Trazido às idéias evangélicas pelos escritos de Lutero, em 1522, foi sempre exigido reformas, com êxito, em sua cidade. Já em maio de 1523 estava pondo dúvidas no batismo de crianças e sobre isso discutiu com Zuínglio o qual, nessa ocasião, segundo seu próprio testemunho, simpatizou com ele. Sua crítica se baseava na ausência de base escriturística para o batismo infantil. Em 1524 Grebel e Manz chegaram a mesma conclusão, mas só no começo de 1525 puseram a teoria em prática.” (Willinston Walker, História da Igreja Cristã, p. 446)
- c) “Suas críticas levaram, em 17 de janeiro de 1525, a um debate público com Zuínglio. O resultado foi as autoridades cantonais de Zurique, em 18 de janeiro, ordenarem o batismo de todas as crianças - evidentemente houvera demora da parte de alguns pais - e determinaram, principalmente a Grebel e a Manz, que a disputa fosse terminada... Para eles isso

pareceu determinação de autoridade terrena contrária à Palavra de Deus.”(Idem, pp. 446 e 447)

- d) Estes incidentes fizeram com que posições mais definidas fossem assumidas. “Quando finalmente observou-se que Zuínglio não seguira o caminho que eles propuseram, alguns ‘irmãos’ decidiram fundar eles mesmos essa comunidade de verdadeiros crentes.” (Justo L. Gonzalez, Uma história Ilustrada do Cristianismo, vol. 6, pp. 98 e 99)

2- Os Primeiros batismos de adultos

- a) No sábado à tarde, dia 21 de janeiro de 1525, um grupo reuniu-se na casa de Felix Manz. Depois de orarem, o ex-sacerdote Jorge Blaurock pediu ao leigo Conrad Grebel que o batizasse com o verdadeiro batismo cristão. Após confessar sua fé, Blaurock “caiu sobre os seus joelhos e foi batizado. Então ele batizou a todos os demais que estavam presentes, e participou com eles da Ceia do Senhor, ou, como eles a chamavam, o partir do pão.” (Philip Schaff, History of the Christian Church, vol. 8, p. 77)

OBS.: Enquanto alguns declaram que esse primeiro batismo ocorreu numa região privada na casa de Felix Manz (Willinston Walker, Op. Cit., p. 447; Richard Müller, Op. Cit., p. 11; etc.), Justo L. Gonzalez afirma que ele ocorreu “junto à fonte que se encontrava no meio da praça de Zurique” (Justo L. Gonzalez, Op. Cit., vol. 6, p. 99)

- b) “Aquele primeiro batismo todavia não foi por imersão, pois o que preocupava a Blaurock, Glebel e os demais não era a forma em que se administrava o rito, mas a necessidade que a pessoa tivesse e proclamasse sua fé antes de ser batizada. Mais tarde, em seus esforços por serem bíblicos em todas as suas práticas, começaram a batizar por imersão.” (Justo L. Gonzalez, Op. Cit., vol. 6, p. 99)
- c) “Durante a semana seguinte, 35 pessoas foram batizadas no povoado próximo denominado Zollikon. Pouco depois, Guilherme Reublin foi para Waldshut, cerca de trinta milhas (48 quilômetros) ao norte de Zurique, e lá batizou a Baltasar Hubmaiere outros 60. Durante a época da Páscoa daquele mesmo ano, Hubmaier, por sua vez, batizou 300 novos conversos. Estes eventos marcaram o início do movimento anabatista.” (Richard Müller, Op. Cit., p. 11)
- d) Em decorrência disso, os seus oponentes passaram a chamá-los de “anabatistas” ou “rebatizadores” (Wiedertäufer). Este título, entretanto, era inadequado; pois eles negavam que o batismo estivesse sendo repetido, uma vez que negavam a validade do batismo infantil. “Eles se denominavam a si mesmos de Batistas e não de re-batistas. Esse nome ofensivo foi lançado sobre eles com o fim de colocá-los sob a penalidade

do Código Justiniano contra os donatistas.” (Roland H. Bainton, The Reformation of the Sixteenth Century, p. 99)

OBS.: Os conversos do Donatismo eram rebatizados, um procedimento foi condenado pelo Código Justiniano, que era uma consolidação da lei romana promulgada pelo imperador Justiniano em 529 AD.

e) “O paralelo entre os anabatistas e os donatistas era, entretanto, mais do que superficial.” (Idem, p. 98)

E- Suas Posições Teológicas

1- Algumas crenças gerais do movimento

a) Apesar de não ser um grupo homogêneo, existia um certo consenso de fé que os mantinha unidos.

b) “Em 1527 alguns dos anabatistas reuniram-se em Schleitheim, no cantão Suíço de Schaffhausen, e concordaram em sete artigos básicos. Estes artigos indicam não somente as crenças que eles mantinham em comum, mas também, em certo grau, pontos nos quais eles diferiam dos outros Reformadores.

“O primeiro artigo diz respeito ao batismo. O anabatistas concordavam que somente aqueles que crêem, que haviam se arrependido e que estivessem dispostos a viver uma vida de ativo discipulado deviam ser batizados. Isto excluía todo batismo infantil.

“O segundo artigo trata a respeito da excomunhão. Os anabatistas criam que as pessoas não são perfeitas após decidirem seguir a Jesus, e que um crente podia sem dúvida cair em pecado. Eles criam que nesse caso, como Jesus Cristo mesmo delineou (Mat. 18), a igreja administrar a disciplina.

“O terceiro artigo apresenta sua compreensão da Ceia do Senhor. Eles criam que a Ceia do Senhor é celebrada em memória do corpo partido de Cristo. Eles se opunham a idéia católica romana da missa: que a missa é um sacrifício, que a liturgia em latim devia ser usada em ligação com a missa, e que a missa envolve transubstanciação - a ministração do sacerdote transformando o pão e o vinho no corpo e no sangue real de Cristo. Eles igualmente criam que Lutero errou em colocar tanta ênfase sobre a presença física de Cristo nesses elementos.

“O quarto artigo demonstra seu acordo em que o crente devia afastar-se do mal e da impiedade deste mundo. Para eles isto significava sair de ‘Babilônia’ e do ‘Egito terrestre’, sob cujas designações ele incluía: ‘todas as atividades e serviços da igreja em favor ou contra o papado, as reuniões e os encontros da igreja, as casas de bebedeira, as atividades cívicas’, e assim por diante.

“O quinto artigo indicava que os pastores deviam ser homens de boa reputação. Eles deviam admoestar e ensinar, advertir e disciplinar, ministrar a Ceia do Senhor, e cuidar dos membros da igreja. Cada pastor devia ser mantido pela igreja que o escolhera.

“O sexto artigo revela que esses primeiros anabatistas criam que, ao disciplinar, os cristãos não deviam ir além da aplicação da excomunhão - em outras palavras, a exclusão de pessoas de sua comunidade. Ele se opunham ao uso da espada contra os membros faltosos. Eles se opunham à pena capital, igualmente, mesmo em questões civis. Este artigo também indica quão difícil é para um cristão servir como magistrado.

“O sétimo artigo trata a respeito do juramento. Os anabatistas criam que Cristo proibiu todo ato de prometer a prestar juramento. A palavra do cristão, sim ou não, devia ser suficiente.” (Richard Müller, Op. Cit., pp. 12 e 13)

- c) Esse consenso de fé apareceu ainda nos primórdios do movimento anabatista, mas mesmo assim possui um significado especial para a compreensão das outras ênfases do movimento

2- As principais ênfases distintivas dentro do movimento

- a) “A tipologia do anabatismo é um problema histórico complexo, porém geralmente quatro grupos maiores podem ser distinguidos. (1) Aqueles que são muitas vezes chamados de ‘linha principal dos anabatistas’ (ou, mais tendenciosamente ‘evangélicos consistentes’), incluindo os irmãos suíços, os menonitas e os huteritas, buscavam estabelecer comunidades voluntárias dos regenerados de acordo com o estrito padrão bíblico. (2) Os espiritualistas, tais como Carlstadt, Müntzer, Schwenkfeld e Sebastião Franck, apelavam antes do Espírito, que levou a Escritura a ser escrita. (3) Os racionalistas, especialmente os socinianos, liam as Escrituras à luz da razão e eram levado a negar as crenças tradicionais com respeito à divindade de Cristo e à satisfação da justiça de Deus. (4) Os revolucionários, tais como os münsteritas, planejavam estabelecer o Reino de Deus com a espada. Por causa da extrema diversidade desses grupos religiosos, tornou-se a tendência na nova erudição restringir o título ‘anabatistas’ apenas ao primeiro grupo.” (The Westminster Dictionary of Church History, pp. 27 e 28)

- b) Assim sendo, José dos Reis Pereira apresenta algumas características que nos ajudam a identificarmos os verdadeiros anabatistas no meio desse emaranhado muitas vezes sombrio dos diversos grupos. Suas principais características eram as seguintes: (1) As igrejas deveriam ser formadas somente de crentes regenerados e batizados após profissão de fé. Como o batismo é para ser ministrado àqueles que crêem em Cristo, o batismo ministrado na infância não tinha valor nenhum. Assim não se consideravam rebatizadores e não aceitavam o apelido de anabatistas que lhes davam os adversários. (2) As igrejas anabatistas eram livres e autônomas, isto é, separadas do Estado e independentes entre si. Eram organizadas na base da voluntariedade, sem nenhuma interferência estatal, traço característico

das igrejas livres. (3) A Ceia era considerada um ato memorial da morte do Senhor Jesus; constava de pão e vinho dados aos fiéis e era reservada aos que foram batizados após a regeneração. (4) As Escrituras era a autoridade suprema em matéria de fé e prática. (5) Os anabatistas eram pacifistas e adeptos da não violência. Conseqüentemente, condenavam a guerra e o uso de armas.

“Observe-se que esses são característicos, isto é, doutrinas e práticas próprias dos anabatistas. Outros pontos importantes, como a justificação pela fé - a bandeira de Lutero - a rejeição das imagens e do culto aos santos, a não aceitação do papado, dos sacramentos e do purgatório, eles tinham em comum com os outros evangélicos.” (J. Reis Pereira, Op. Cit., p. 55)

F- A Propagação do Anabatismo

1- Introdução

- a) “A partir deste início, o anabatismo se espalhou por toda a Europa Ocidental. Seus adeptos concentravam-se especialmente ao norte da Suíça, sul da Alemanha, em torno de Strassburgo, nos Países Baixos, Morávia e Silésia. Mas além disso, evidências têm vindo a luz de que o anabatismo possuía seus seguidores também em outros lugares, tais como a Alemanha central, especialmente em Hesse e na Turíngia. E encontramos evidências de suas congregações ao norte da Alemanha (Em Emden, Hamburgo, Glückstadt) e ao longo do Mar Báltico (em Lübeck, Wismar, Danzig, Elbing, Königsberg, e outros lugares). Após a Reforma, os anabatistas penetraram na Romênia e Rússia; e eventualmente, devido à constante perseguição, muitos emigraram para a América.” (Richard Müller, Op. Cit., p. 13)
- b) Porém a maioria dos líderes do movimento anabatista pagou um alto preço em favor da defesa e expansão de sua fé.

2- Enfrentando atrocidades

- a) “Poucos dos que tinham a temeridade de fazer-se presente a uma conferência anabatista poderia esperar morrer numa cama. A maioria dos mais sóbrios líderes era eliminada em poucos anos por fogo, água ou espada. Basta apenas examinar um hinário anabatista para observar junto aos nomes dos autores a observação: ‘Afogado em 1525, queimado em 1526, decapitado em 1527, enforcado em 1528’, e assim por diante. Por vezes congregações completas eram tomadas; os líderes especialmente eram eliminados e o povo deixado sem nenhum pastor.” (Roland H. Baiton, Op. Cit., p. 105)
- b) Como os anabatistas não estivessem dispostos a aceitar a questão do batismo infantil, os próprios reformadores passaram a os perseguir. O

primeiro mártir anabatista foi o erudito Felix Manz, em cuja casa fora realizado o primeiro batismo. No dia 5 de janeiro de 1527 ele foi amarrado, conduzido em um barco para dentro do rio Limmat, próximo ao Lago Zurique, e então jogado para dentro do rio, onde morreu afogado.

- c) Sorte semelhante teria sido a de Conrad Grebel, não tivesse morrido antes. Grebel havia escrito um opúsculo sobre o batismo, com o propósito de ter um debate com Zuínglio, que fora seu antigo professor. A propósito desse debate ele escreveu o seguinte: “Se Mestre Ulrico vencer, eu estou pronto a ser queimado, mas seu eu, Conrado, vencer não vou exigir que seja queimado.” (J. Reis Pereira, Op. Cit., p. 58)
- d) Miguel Sattler, um ativo evangelizador anabatista, participou da conferência em Schleutheim, na Suíça, em fevereiro de 1527. Nessa ocasião foi votada a Confissão de Fé, constituída de sete artigos. Sattler é considerado o redator desse importante documento. Porém, ao regressar da conferência ele foi preso, submetido a julgamento e condenado. “A sentença proferida contra ele e cumprida à risca é das mais monstruosamente cruéis na história do cristianismo. Eis os seus termos: ‘Miguel Sattler deverá ser entregue ao carrasco. Este o levará até a praça e aí primeiro lhe cortará a língua. Depois o amarrará a uma carroça e com tenazes incandescentes tirará por duas vezes, pedaços de seu corpo. Em seguida, a caminho do lugar da execução fará isso cinco vezes mais e depois queimará seu corpo até o pó como um aqui-herge.’ No dia 20 de maio de 1527 Miguel Sattler foi executado na cidade de Rotemburgo. Como lhe tivessem cortado apenas um pedaço da língua, ainda conseguiu falar ao povo e orar a Deus em voz alta. Quando, já na fogueira, as chamas queimaram as cordas que lhe prendiam os pulsos, ele levantou os dedos indicadores: Era o sinal combinado com os irmãos para indicar que aqueles sofrimentos eram suportáveis. Sua esposa, que resistiu a todos os esforços para que se retratasse, foi afogada, oito dias depois, no rio Neckar.” (Idem, p. 59)
- e) O alemão Baltasar Hubmaier, possivelmente o mais culto dos anabatistas, obteve o seu doutorado em teologia na Universidade de Ingolstadt, na Baviera, tornando-se mais tarde vice-reitor da mesma Universidade. Após aceitar o anabatismo e ter sido batizado por Reublin em 1525, ele mesmo batizou 300 novos conversos por ocasião da páscoa do mesmo ano. Escreveu um pequeno livro intitulado “A Respeito dos Hereges e Seus Queimadores.” Após ser perseguido e torturado algumas vezes, sua fé vacilou por vezes; mas finalmente firmou-se totalmente em Cristo, até ser queimado numa estaca em Viena no dia 10 de março de 1528. “Três dias depois, sua esposa, com uma pedra atada ao pescoço, foi afogada no rio Danúbio.” (Idem, p. 60)
- f) “Jorge Blaurock, o ex-sacerdote e o primeiro batizado, morreu na estaca em 1529,” (Richard Müller, Op. Cit., p. 13)

- g) “Um número incontável de outros na Alemanha e na Áustria tiveram semelhante sorte. A Dieta de Speyer (1529) deixou claro que cada anabatista, ou pessoa rebatizada, devia ser morta. ... Lutero a princípio desejava combater os hereges apenas com a Palavra; porém, após 1528, e especialmente em 1530, ele percebeu que os hereges deviam ser punidos pelas autoridades civis. Melancton, o mais íntimo colaborador de Lutero, concordou com a pena de morte para os hereges. ... Muitos outros reformadores igualmente assumiram essa atitude.” (Ibdem)

3- Os radicais ou revolucionários

- a) Em todo grande movimento de reforma sempre surgem manifestações de fanatismo e de radicalismo; e isto não deixou de ocorrer também em relação com o movimento anabatista.
- b) “O setor radical do movimento anabatista por causa de sua escatologia contribuiu para decepcionar muitos crentes nas fileiras dos anabatistas na Alemanha. Os profetas de Zwickau, que causaram problemas a Lutero em 1522 em Wittenberg, embora um pouco equivocadamente, eram geralmente associados ao movimento, para desacreditá-lo. A rebelião de Münster em 1535, liderada por alguns anabatistas radicais e quiliastas, serviu para distanciar os anabatistas de Lutero e de seus seguidores.” (Earle E. Cairns, Op. Cit., pp. 248 e 249)
- c) Por sua vez, Melchior Hoffman, um correeiro que tinha sido pregador leigo luterano na Dinamarca, e que se tornara anabatista, começou a pregar que o dia do Senhor estava próximo e que o milênio viria em 1533. “Sua pregação inflamou as multidões, que correram para Strasburgo, onde segundo ele seria estabelecida a Nova Jerusalém. O próprio Hoffman predisse que seria encarcerado por seis meses, e que então viria o fim. Além disso, abandonou o pacifismo inicial dos anabatistas, declarando que ao aproximar-se o fim seria necessário que os filhos de Deus pegassem as armas contra os filhos das trevas. Quando foi encarcerado, e se cumpriu assim a primeira parte da sua profecia, foram muitos os que correram para Strasburgo na esperança do sinal alto para tomar as armas. Porém o fato de que a cada dia eram mais os anabatistas que haviam na cidade, obrigou as autoridades a tomarem medidas cada vez mais repressivas. E Hoffman continuava encarcerado.” (Justo L. Gonzalez, Uma História Ilustrada do Cristianismo, vol. 6, p. 102)
- d) “Então alguém disse que na realidade a Nova Jerusalém seria estabelecida, não em Strasburgo, mas sim em Münster. Nessa cidade o equilíbrio entre os católicos e protestantes era tal que existia uma trégua entre todos os partidos, e como consequência disso não se perseguia aos anabatistas. Para lá foram os visionários, e o povo cuja crescente opressão havia levado ao desespero. O reino viria logo. Viria em Münster. E então os pobres receberiam as terras por herança.” (Idem, pp. 102 e 103)

- e) “Rapidamente o número dos anabatistas em Münster foi tal que conseguiram apoderar-se da cidade. Seus chefes eram um padeiro holandês, João Matthys, e seu principal discípulo, João de Leyden. Uma das primeiras providências foi mandar os católicos para fora da cidade. O bispo, expulso de sua sede, reuniu um exército e sitiou a Nova Jerusalém. Enquanto isso, dentro da cidade, se insistia cada vez mais em que tudo se ajustasse à Bíblia. Os protestantes moderados foram também considerados ímpios. Fora da cidade o bispo matava a todos os anabatistas que caíssem em suas mãos. Os defensores se exaltavam cada vez mais, à medida em que a situação piorava, pois os alimentos se escasseavam. Diariamente havia aqueles que criam receber visões do alto.” (Idem, p. 103)
- f) Numa batalha contra as forças do bispo, João Matthys caiu morto, e João de Leyden o sucedeu, casando-se com a bela Divara (ex-freira que fora esposa de Matthys) e outras dezesseis esposas sobressalentes. (Earle E. Cairns, Op. Cit., p. 249) “Devido à guerra constante, e o êxodo de muitos varões, a população feminina da cidade era muito maior que a masculina, e João de Leyden decretou a poligamia, usada pelos patriarcas do Antigo Testamento. Por lei, toda mulher na cidade deveria estar casada com algum homem. O sítio se prolongava, e ao mesmo tempo que os sitiados necessitavam de alimentos, os fundos do bispo começaram a terminar. Numa ação desesperada, João de Leyden saiu com um punhado de homens, e derrotou numa escaramuça os soldados do bispo. Então, em celebração daquela vitória, ele foi proclamado rei da Nova Jerusalém.” (Justo L. Gonzalez, Op. Cit., vol. 6, p. 103)
- g) “Porém, pouco depois, um grupo de habitantes da Nova Jerusalém, talvez impulsionadas pela fome e pelo medo, abriram as portas da cidade para o bispo, cujas as tropas arrasaram os defensores do reduto apocalíptico. O rei da Nova Jerusalém foi preso, e exibido por toda região, com seus principais assessores, em jaulas individuais de ferro. Pouco depois foram torturados e executados.
- “Assim terminou o principal broto do anabatismo revolucionário. Melchior Hoffman continuou encarcerado e esquecido, ao que parece, até a sua morte. E até o dia de hoje, na igreja de São Lamberto, em Münster, podem ser vistas as três jaulas em que foram exibidos o rei e seus dois principais assessores.” (Idem, pp. 103 e 104)
- h) “O repúdio às idéias de Lutero e Zuínglio, além do fanático incidente de Münster, determinou a condenação e a perseguição ao movimento, tanto por parte dos protestantes como dos católicos romanos.” (Earle E. Cairns, Op. Cit., p. 249)

G- A Origem dos Menonitas

1- Menno Simons

- a) Natural da Frísia, Menno Simons (1496-1561), tornou-se o fundador do pacífico grupo de anabatistas conhecidos como “menonitas.”
- b) Ainda jovem, tornou-se sacerdote católico e passou a ler os escritos de Lutero e de outros reformadores; sendo atraído especialmente pelos anabatistas.
- c) “Em 30 de janeiro de 1536, Menno Simons renunciou publicamente suas relações católicas romanas, e não muito depois foi batizado por Obbe Phillips, um anabatista que havia sido influenciado por Hoffman, porém que não teve parte com os münsteritas... Menno Simons sabia que este passo, com sua separação do mundo, significaria para ele perseguição.” (Kenneth Scott Latourette, História del Cristianismo, tomo 2, p. 136)
- d) Foi ordenado ministro anabatista, e durante os 25 anos seguintes percorreu como missionário os Países Baixos e nas costas ao norte da Alemanha, pregando o evangelho de acordo como ele o compreendia, organizando congregações, disputando com os outros protestantes e escrevendo constantemente. Foi muito perseguido, o que o levou a se tornar um “missionário ambulante... como fugitivo e proscrito sob a condenação de morte.” (Ibidem)
- e) Seus últimos dias foram passados em Holstein na Dinamarca, e morreu em Wüstenfelde, próximo a Lubeck. (The New International Dictionary of the Christian Church, p. 650)
- f) “Menno enfatizava a idéia de uma comunidade de crentes, comprometida com uma nova vida, selada pelo batismo de adultos, firmemente unida (isto é, não casada com pessoas de fora da comunidade), separado do mundo secular e de suas tolices (desta forma, desconfiada de instruir-se, contrária a tomar parte na política ou a portar armas). Desconfiando da teologia dogmática, Menno confiava nas Escrituras interpretadas literalmente. Ele por conseguinte recusava usar termos e conceitos que não fossem claramente escriturísticos, tal como (de acordo com o seu ponto de vista) a trindade. Em alguns pontos, indiscretamente, ele parece questionar a plena humanidade de Cristo.” (Ibidem)

2- Os seguidores de Menno Simons

- a) Os menonitas são os descendentes dos anabatistas do décimo-sexto século que seguiram os ensinamentos de Menno Simons, constituindo-se ainda hoje no principal ramo rebrevivente do velho anabatismo. (Justo L. Gonzalez, Op.Cit., vol.6 p. 106)
- b) “Os menonitas eram importantes nos Países Baixos / Especialmente na Holanda/ e nordeste da Alemanha durante os séculos XVII e XVIII, onde eles

ainda permanecem como uma influente minoria. A convite de Catarina a Grande, os menonitas emigraram para a Ucrânia (1788 e mais tarde). Eles espalharam-se por muitas partes da Europa e da Rússia Asiática, prestando uma significativa contribuição para o desenvolvimento da agricultura e da indústria do país. A perseguição expulsou os da Rússia para o Novo Mundo nos anos 1873-1882 e 1923-1930.”(The New International Dictionary of the Christian Church, p. 649)

- c) “O número de menonitas hoje é dito ser de mais de 500 mil. Destes cerca de 40 mil estão no Holanda, 12 mil na Alemanha, e possivelmente 40 mil na URSS. Existem 60 mil no Canadá, 200 mil nos Estados Unidos (onde tem havido muitas divisões internas), e 10 mil no México.” (The oxford Dictionary of the christian Church, p. 902)
- d) “A base comum das diferentes comunidades menonitas é a rejeição da organização da igreja, do batismo infantil e da presença real na eucaristia. Cada congregação é independente e a Ceia do Senhor é ministrada por anciãos escolhidos pela comunidade; e tanto homens quanto mulheres podem pregar. A maiorias deles recusam-se ao serviço militar, à prestar juramento e a qualquer ofício público. Por outro lado, eles não reconhecem nenhum dogma em comum, assim que alguns deles são praticamente unitarianos em seus pontos de vista, enquanto outros mantêm a doutrina da Trindade.” (Idem, pp. 902 e 903)
- e) “Geralmente, todos os grupos são evangélicos e conservadores da teologia. Eles praticam o lava-pés; exigem que as mulheres cubram a cabeça na hora do culto divino;... e insistem na modéstia no vestir-se. A maioria batiza por aspersão, observa a ceia do Senhor semi-anualmente, e tem esperanças milenistas quanto ao futuro. Cada igreja é independente e escolhe seu próprio ministro. A maioria possui uma severa disciplina eclesiástica e desaprova o casamento com descrentes.” (The International Dictionary of the Christian Church, pp. 649 e 650) Além disso, eles se caracterizam pelo seu testemunho pacífico: seguem o pacifismo e dedicam-se freqüentemente ao serviço social.

G- Anabatistas Observadores do Sábado

1- Introdução

- a) Que no período da Reforma do século XVI existiam cristãos observadores do sábado, torna-se evidente pela maneira como encarada a questão do sábado e do domingo.
- b) A Confissão de Augsburg (1530), artigo XXVIII, faz alusão a esta questão nas seguintes palavras: Alega-se ainda que o sábado foi mudado para o domingo, contrariamente aos Dez Mandamentos, segundo pensam, e nenhum

exemplo é enfatizado e alegado tanto quanto a mudança do sábado. Querem sustentar com isso que é grande o poder da igreja, portanto dispensou nos Dez Mandamentos e modificou algo neles.”(Livro de Concórdia, p. 58) Muito embora esta declaração aparece num contexto que trata a respeito do “poder dos bispos”, ela revela que a questão do sábado era discutida no período da grande reforma do século XVI.

- c) Em realidade, “o sábado era discutido na Reforma - Eck insultou a Lutero com a questão da mudança do sábado como um exemplo da autoridade da igreja, e Karlstadt, colaborador de Lutero, falou de maneira duvidosa a respeito do domingo (ver: DAS Bible Students’ Source Boock, nos. 1445 e 1374). Todavia os reformadores mantiveram o domingo como o dia de descanso da igreja.” (DAS Encyclopedia, p. 1249)

2- Anabatistas sabatistas

- a) “De acordo com Schwenkfeld, alguns dos anabatistas que foram condenados ao ostracismo pelos reformadores, e que viviam principalmente na Alemanha, Países Baixos, Suíça, Morávia e Suécia, consideravam o domingo como sendo uma invenção do papa e chamavam à eliminação do sábado de ‘a obra do demônio’. ... (ver: DAS Bible Students’ Source Book, nos. 1466-1468).” (Ibidem)
- b) Dentre o grupo de anabatistas observadores do sábado podem ser mencionados dois homens: Oswaldo Glait e Andreas Fischer. Lutero enviou teólogos para persuadi-los; porém eles permaneceram firmes em suas convicções a respeito do sábado, até serem mortos em decorrência de sua fé. (C. Mervyn Maxwell, História do Adventismo, pp. 72 e 73)

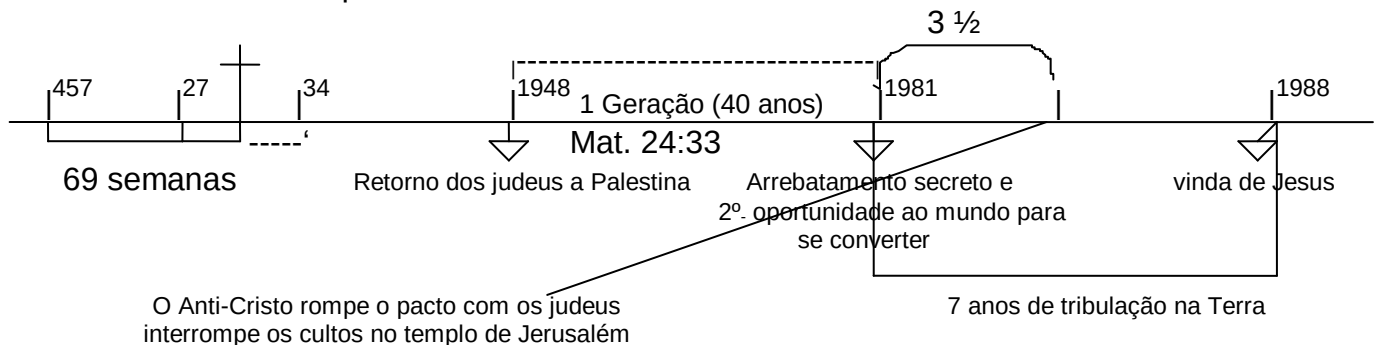
Estudo Doutrinário

I- Dispensacionalismo.

A- Histórico.

- Alguns chamam esta interpretação de Teoria da Lacuna.
- Após a reforma, com a influência dos grandes reformadores, foi causado um rombo na Igreja Católica. Portanto em 1563, no concílio de Trento, surgiu a Contra Reforma.
- Alcazar introduziu o Preterismo.

- Ribera introduziu o Futurismo.
- Daniel 9:26 e 27 - Ribera colocou uma lacuna, ou seja, colocou o verso 26 atribuído a Cristo e o verso 27 ao Anti-Cristo.
O Anti-Cristo se projetou para o futuro, não seria o Papa. Bellarmine, autor de “controvérsias” - o maior adversário dos protestantes.
- Até o final do século XVII, todos os 25 escritores da Reforma reconheceram o Anti-Cristo como sendo o Papa. Criam também que Cristo cumpriu as 70 semanas, mas agora adotaram o futurismo de Ribera.
- Em 1590, Ribera publicou um livro dizendo que o Anti-Cristo seria um indivíduo perverso que seria recebido pelos judeus e reconstruiria Jerusalém, perseguiria a Igreja e reinaria no mundo por 3,5 anos.
- Como isto passou para a Igreja?
 - Eduard Irving (século XIX), foi o primeiro evangélico a adotar os ensinamentos de Ribera e introduzi-los no meio evangélico.
 - Após Irving, surgiu J. Darby, que assimilou toda esta forma de interpretação de Irving, o futurismo, e este, formou mais de 100 grupos de estudos, onde ensinava-se o futurismo. Influenciado por ele Scofield também começou a ensinar o futurismo, e, então, escreveu a Bíblia Anotada, que foi de grande sucesso nos EUA, e responsável por uma grande difusão do futurismo.
 - Hal Lindsey, autor de “A agonia do Planeta Terra”, também difundiu muito o dispensacionalismo.



Em 1948 houve um movimento de retorno para os judeus à Palestina.

1948- Dizem ser o cumprimento da profecia de que os judeus seriam ajuntados na Palestina.

Após a vinda o povo judeu aceitará Jesus e conduzirá outros a salvação. O Anti-Cristo sobe ao poder através da confederação de 10 nações do MCE. Assina um tratado de proteção com a nação de Israel, o que possibilitará aos israelitas

reconstruir o templo em 3½ anos. O Anti-Cristo romperá o pacto e interromperá as cerimônias do templo, seguindo mais 3½ de tribulação.

1- Arrebatamento Secreto?

- I Tes. 4:16 e 17.
- I Cor. 15:51 e 52.
- Mat. 24:30 e 31.

2- Segunda Chance?

- Lucas 17: 26 e 27.
- Versos 34 a 36 - Um levado e outro deixado - Uns levados para o Céu e outros deixados ... Mas os deixados estarão vivos ou mortos?
- Verso 37 - Mortos!

3- A Igreja Passará pela Tribulação?

- II Tes. 1:7-10.
- Apoc. 7:14.

B- Igreja = Israel Espiritual

- Ex. 19:4-6.
- I Pedro 2:9
- Apoc. 5:9 e 10.
 - Ex. 19 - Passado.
 - I Pedro - Presente.
 - Apoc. 5 - Futuro.

Jesus escolheu 12 apóstolos para indicar que as 12 tribos têm continuidade.

- Gál. 3:16 e 27 a 29.
- Gál. 6:16.
- Romanos 2:28 e 29.
- Jeremias 31:36.
- Mat. 19:28.
- Mat. 21:43.
- Lucas 12:32.

Jeremias 31:31 - Hebreus 8:8.

- Aplicação das promessas de Israel e Judá à Igreja (12 apóstolos / 12 tribos).

Onde estava o monte santo? Gerisim ou Jerusalém?

- S. João 4:21
- Mat. 23:38
 - A destruição do templo é a maior prova de que não existe mais lugar santo. Isto já havia sido predito em Mal. 1:11. (A Igreja Católica usa este verso erroneamente, para provar que a Missa deve ser celebrada em todo o mundo).
- Deus não quer mais adoração só em Jerusalém, mas em todo o mundo. Em Mat. 18:20 aprendemos que onde houver dois ou três reunidos em nome de Jesus, aí Ele estará. Este é o Monte de Sião espiritual - o templo espiritual, porque Cristo aí está.
- Cristo não está onde está o templo, mas o templo está onde Cristo está.
- Qual o princípio que nos orienta? Geográfico ou Cristológico? Palestina ou Cristo?
- Em Mat. 5:14 Jesus afirma que os discípulos são a luz do mundo. Os apóstolos diriam que Jesus é a luz da Palestina, mas Jesus possuía a visão mais ampla.
- Jesus acrescenta outro pensamento: “Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte”. Jesus fala muito mais m profecias do que pensamos, e este verso pode ser uma interpretação de Isaías 2:1-4. O Monte de Sião era o Monte do templo, o monte da benção e da salvação. Nos últimos dias, Deus atrairia todos os povos para esta montanha.
- Isaías 2 é o oposto de Salmo 2 - os que virão a Jerusalém quererão seguir a lei de Deus, a revelação divina.
- Joel 3:9 e 10 também é oposto a Isaías 2. Esta profecia de Isaías 2 é exatamente a profecia de Miquéias 4:1-4. Elas são tão semelhantes que não se sabe quem proferiu antes. Pelo contexto parece ter sido Miquéias. Talvez Isaías tomou esta profecia de Miquéias.

A Sra. White falou-nos alguma coisa sobre Miquéias 4: “Miquéias 4 é uma profecia de grande reavivamento para a Igreja.” (citado no Comentário Bíblico Adventista).
- O Pentecostes foi o primeiro cumprimento de Isaías 2; e cumpre-se também quando somos convertidos pelo Espírito Santo; e será ainda cumprida por ocasião da chuva serôdia. Todos verão a igreja elevada diante de toda a terra.

Limitação geográfica eliminada:

- Hebreus 12:18-23 O que é Monte Sião? Igreja.
 - No verso 18 lemos que nós, como igreja não chegamos ao Monte Sinai, mas sim ao Monte Sião, como está no verso 22.
 - O que significa o fato de ter vindo a igreja ao Monte de Sião? Continuemos lendo o verso 22. O apóstolo aqui refere-se ao Israel espiritual. No verso 23 encontramos a palavra igreja. Aqueles que querem ir para Jerusalém devem vir primeiro para a igreja. Ser batizado em Cristo é ser batizado na igreja.
 - “Mas tendes chegado ao Monte Sião e a Jesus.” (versos 22 e 24) O que é mais importante, o Monte Sião ou Jesus? Jesus está no Monte Sião ou o Monte Sião está onde está Jesus? Não existe limitação geográfica.
- Apoc. 14:1-3 - Cordeiro no Monte Sião com os 144 mil.
 - Cordeiro - Jesus.
 - 144 mil - símbolo de Israel remanescente. (judeus + gentios).

As promessas do concerto à casa de Israel, tiveram um cumprimento inicial depois do exílio assírio - babilônico, e estão tendo um cumprimento presente no ajuntamento de judeus e gentios crentes na igreja de Cristo, e futuro na reunião universal de todos os judeus na volta de Jesus.

Davi - Salomão (900 A.C.) - 10 tribos (Efraim) - Amós e Oséias
 - 2 tribos (Judá e Benjamim) ao redor de Jesus - Isaías e Miquéias.

Os dispensacionalistas afirmam que em 1948 Israel foi restaurado na Palestina, de acordo com Scofield. Afirmam que Israel não pode significar Igreja.

Textos do Cativo Assírio - Babilônico:

- * Ez. 36:24; 37:21-24.
- * Isa. 11.

Aspecto Histórico - Cumpriram-se nos dois retornos.

Aspecto Cristológico -

Não basta ajuntar na terra, tem de ajuntar-se a Cristo!

- Mat. 12:30
- Mat. 18:20
- Mat. 23:37

A reunião é em torno da Igreja.

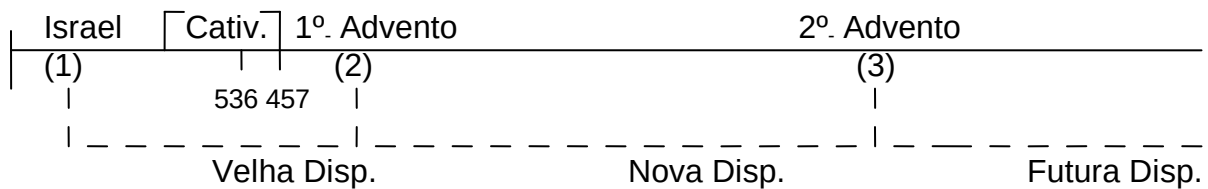
- S. João 12:39
- Amós 9:11-15 - Este texto é aplicado pelos dispensacionalistas a Israel como nação.
 - Cumprimento parcial - retorno do cativo.
- O correto é uma aplicação eclesiológica. - Atos 15, especialmente 15:13-18.
- Reforma foi um ajuntamento.
- Desapontamento foi uma dispersão

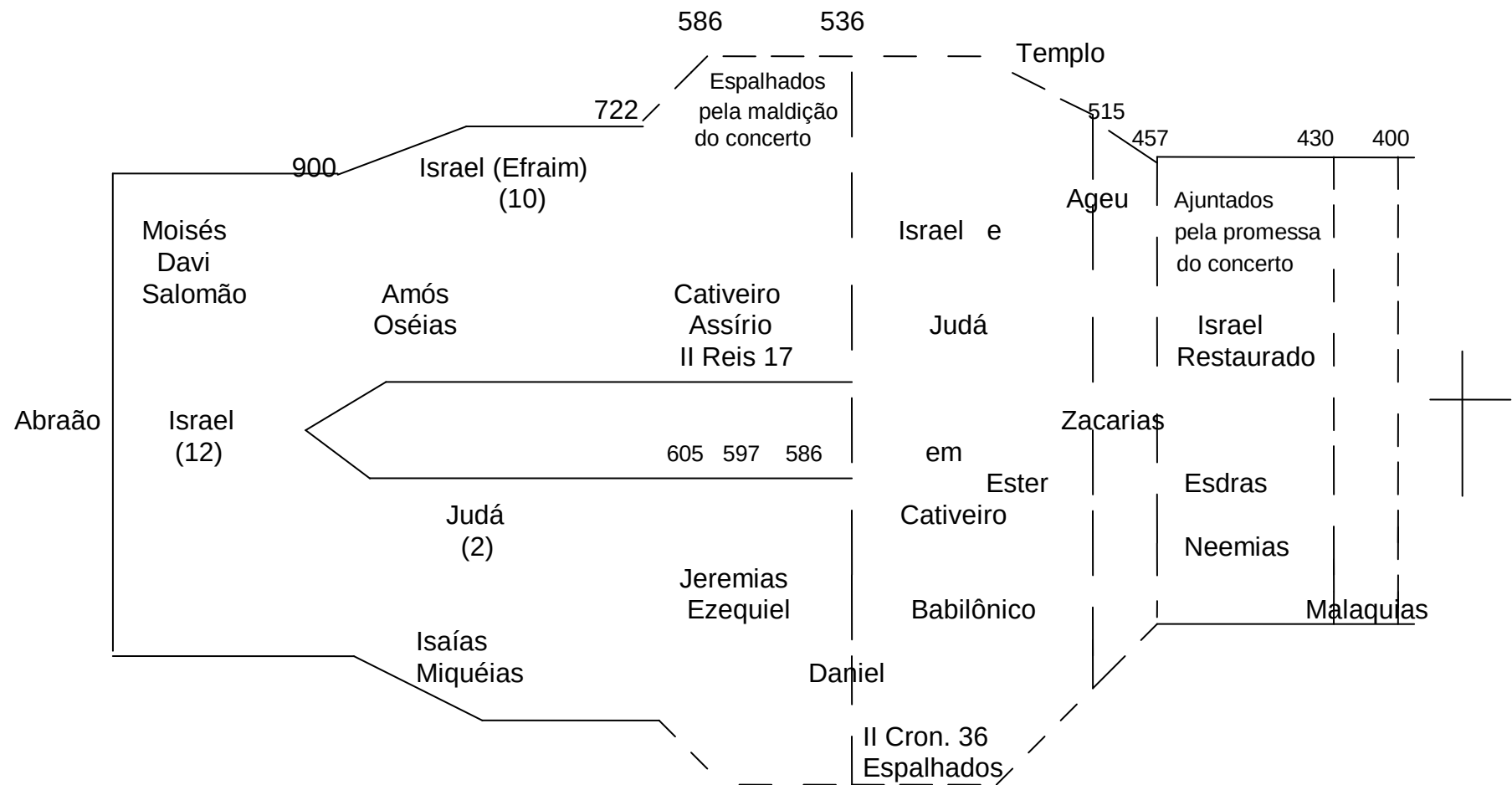
Ellen G. White aplica Isaías 11 (“reunirei outra vez”) ao movimento milerita. P. E. pp. 74-76.

- Haverá outro ajuntamento na chuva serôdia.
- “Saí de Babilônia” - Retorno de Babilônia que começou em 1844.
- último ajuntamento é S. Mat. 24: 30 e 31.

V.T.	N.T.
12 tribos	12 apóstolos
Babilônia (cativo)	Babilônia (Roma pagã)
70 anos	1260 anos
Ezequiel/Jeremias/Isaías	Chuva Serôdia Apoc. 18:4
Promessas de ajuntamento	Ajuntamento - Sai de Babilônia.

Consideremos este Gráfico:





AS QUATRO FASES DO ANTIGO ISRAEL

DENOMINAÇÃO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

I- Os Homens do Movimento

A- Charles Taze Russell.

1) Até os 20 anos (1852-1872)

- a) Nasceu em Pittsburgh, Pehhsylvania, em 16 de fevereiro de 1852. Seu pai foi um próspero comerciante de tecidos, de quem herdo sua extraordinária sagacidade financeira. Sua mãe faleceu quando Charles tinha 9 anos.
- b) Sua preparação intelectual foi escassa.
- c) Em sua vida religiosa, primeiramente foi presbiteriano, somente em sua juventude abraçou o Congregacionalismo.
 - Fundamentalista e ortodoxo, ficou perplexo quando em uma discussão comprovou que a doutrina da tormenta eterna não tinha fundamento bíblico.
 - Preocupado por esse descobrimento, se dedicou a examinar outras crenças com a Bíblia, e as achou também erradas. Isto o levou a duvidar da inspiração bíblica.
 - Em tais circunstâncias encontrou uma predicação Adventista (1872). Comentando-a escreveu em The Watchtower (julho de 1906): “Entre outras teorias tropecei com o adventismo. Ao aparecer, por acidente, uma tarde em um salão poeirento e sujo ... para ver se as pessoas que ali se reuniam tinham algo mais sensato a oferecer que os credos das grandes igrejas ... assim confesso minha dívida para os adventistas, assim como a outras denominações. As exposições da Bíblia que para Jonas Wendell não era anteriormente clara... foi suficientemente dirigida por Deus como para restabelecer minha vacilante fé na inspiração divina.”
 - Convém deixar claro que Russell nunca pertenceu a Igreja Adventista do Sétimo Dia, como ensinam alguns críticos, colocando estes dois movimentos religiosos num mesmo nível.

2) Organização do movimento (1872-1884)

- a) A reunião Adventista que assistiu despertou no jovem Russell um enorme desejo de estudar a fundo as profecias bíblicas. Encontrou outros com a mesma inquietude, e com eles constituiu o grupo inicial que mais tarde haviam de ser os Testemunhas de Jeová (condado de Alleghany, Pennsylvania).
- b) Comentando este processo religioso, Hebert M. Wyrick o resumiu assim: “Quando jovem, Russell era de natureza religiosa, e em sua moderada vida parece haver estado possuído por um temor doentio como inferno. A este extremo seguiu um período de dúvida e incerteza, durante o qual parece que se interessou nos mistérios das religiões orientais. Regressou, então, ao estudo da Bíblia e lançou longe todo o Credo Cristão, substituindo gradualmente a verdade evangélica das Escrituras pelas extravagâncias sobre as quais está edificado seu sistema de doutrina falsa.” Citado por M. Donevan Oswald, “The Jehovah’s Witnesses.” The Ministry, junho de 1949, p. 18.
- c) Rutherford, seu sucessor, escreveu acerca do mesmo: “Mais ou menos no ano 1870, Charles Taxe Russell, em Alleeghany, Pennsylvania, quem para esse então era um cuidadoso estudante da Palavra de Deus, se deu conta de que as Escrituras revelavam um grande e harmonioso plano para a salvação e benção da humanidade. Ele, igualmente a outros vigilantes, continuaram velando pelas evidências da verdade do Senhor. Cerca do ano 1875, enquanto estava cuidadosa e reverentemente estudando as Escrituras, chegou a convicção da segunda vinda do Senhor, dando como resultado um folheto intitulado ‘El Objeto y la Manera de la vuelta de nuestro Señor’, o qual teve uma enorme circulação entre os cristãos do mundo.” El Arpa de Dios, pp. 238, 239.
- d) Passos na organização:
- Depois da publicação do folheto, citado no parágrafo anterior, iniciou em 1879 a publicação da revista clássica das Testemunhas: Zion’s Watch Tower and Herald of Christ’s Presence (em castelhano, La Atalaya).
 - Ao crescer o movimento, se desprende de uma prisão de armazéns que dirigia, para dedicar-se a promoção de suas idéias.
 - Em 1884 inscreveu oficialmente sua sociedade como membro de Watch Tower Bible and Tract Society (Sociedad de Tratados Y Biblias de la Torre del Vigía).

3) Como chefe indiscutível (1884-1916).

- a) A partir da constituição oficial da sociedade, Russell viajou incansavelmente, sozinho por todo o território dos Estados Unidos, e também pelo mundo.
- b) Em 1888, já se encontravam seguidores seus nos Estados Unidos, Inglaterra, China, África, Índia, Turquia e Haiti.
- c) Esta rápida expansão manifestou a necessidade de um grande escritório central internacional que coordenasse todos os esforços: assim se criou a sede permanente em Brooklin, Nova York, com o nome de Associação do Púlpito do Povo (1906). Uma junta de 6 pessoas, presidida por Russell, recebeu a responsabilidade de dirigir o movimento, mas esta responsabilidade foi nominal, até que seu presidente tivesse todo o poder em suas mãos.
- d) Desempenhou uma atividade incansável até a sua morte, ocorrida em um trem perto de Pampa, Texas, em 31 de outubro de 1916. Enquanto estava realizando uma série de conferências
- e) Em seu funeral foi pronunciado frases como estas:
 - “Quando se encontra terminado de escrever a história da Igreja de Cristo, se encontrará que o lugar próximo do apóstolo Paulo, na galeria da fama, como expositor do Evangelho do Mestre, será ocupado por Charles Taze Russell.” Citado por Wilton M. Nelson, Los Testigos de Johová, p. 20.
 - Falando de sua obra: seus escritos foram “mais extensos que as cartas de São Paulo, São João, Arrio, Waldo, Wicliff e Martinho Lutero, os seis mensageiros que lhe precederam.” (Ibidem, p. 18).
 - Posteriormente, Ruthenford escreveu acerca dele: “Charles Taze Russell, quem mais tarde foi conhecido como o Pastor Russell, foi o maior pregador dos tempos modernos. Ele foi elegido pastor de mais de 1.200 congregações.” El Arpa de Dios, p. 239.
- f) Seus negócios.
 - Reuniu grande soma de dinheiro em favor de seu movimento, mediante métodos totalmente ilícitos, segundo têm demonstrado seus críticos.
 - Assustava as pessoas poderosas com a iminência do Armagedom, a fim de que entregassem suas fortunas para a promoção do “Reino”.
 - Vendeu “trigo milagroso” a 60 dólares o *buchel* (uns 35 litros), adicionando um rendimento 15 vezes maior que o trigo comum (que

custava 1 dólar o *buchel*); algo parecido com “flagelos do milênio”, “semente maravilhosa de algodão”, e vários remédios de sua invenção.

B- Joseph Franklin Rutherford.

- 1) Nasceu em 1870, em Missouri. Depois de completar seus estudos de direito, atuou como advogado, e participou como juiz em favor de alguns tribunais locais. Essa é a razão de seu título proferido e tão frequentemente citado pelos Testemunhas de Jeová, “juiz” Rutherford.
- 2) Com a morte de Russell, em 1916, o sucessor da chefia do movimento.
- 3) Rutherford publicou seu primeiro folheto: A Caída de Babilônia a Grande (1919), e pouco depois seu primeiro livro: Milhares que Agora Vivem não Morrerão Jamais (1920).
 - a) Ambas as obras produziram um tremendo impacto, porque o ambiente ajudava-o: O que haviam feito as grandes igrejas para impedir a guerra?; milhões já haviam morrido. O que ocorreria no futuro? Onde encontrar proteção segura?
 - b) A solução parecia evidente: Tudo terminaria em 1925, e não morreriam os que ingressaram na organização.

C- Nathan Homer Knorr, substituiu Rutherford após sua morte, em 1942.

ESTUDO DOUTRINÁRIO

A- Nome Desta Sociedade.

- 1) O primeiro nome parece haver sido “A Aurora do Milênio”; posteriormente o chamaram de “Watch Tower Bible and Tract Society”.
- 2) Mais tarde, em Nova York, o chamaram de “Associação do Púlpito do Povo”.
- 3) Por último, “na convenção de Columbus (Ohio), em 1931, Jeová revelou a seu povo que lhes havia dado um novo nome, e que os havia constituído Suas testemunhas” ... Jehovah, p. 231. Desta maneira, e com o caráter de pretendido cumprimento de Isaías 43:10 e 44:08, arrogam o título de “Testemunhas de Jeová”.

B- Características distintivas do movimento.

1) Propaganda Enérgica.

- a) Toda a energia de seus adeptos se volta para a propaganda, sem preocupação alguma em obras institucionais ou sociais.
- b) Este único objetivo, unido ao baixo custo de seus livros, explicam sua enorme difusão: a morte de Russell já se haviam distribuído 15.000.000 de exemplares de Estudo das Escrituras. Quatro anos depois da morte de Rutherford, se haviam vendido 500 milhões de seus livros.
- c) Outros meios de propaganda são os fonógrafos portáteis, dos quais há dezenas de milhares em uso; a venda anual de seus discos se contam por centenas de milhares; distribuem também amplificadoras adaptáveis para automóveis; e contam com uma emissora própria, a WBBR do Broklím.

2) Atitude para os Governos.

- a) Recusam votar, ocupar postos públicos, levar armas ou saudar a bandeira.
- b) Suas declarações são totalmente anarquistas:
 - “Em todo tempo a organização satânica tem empregado três elementos visíveis entre os homens para governar a gente. Estes elementos são:
 - (1) o elemento comercial, o qual domina o dinheiro e o comercio da terra;
 - (2) o elemento político, ou seja, os homens de estado que fazem e põem em vigor as leis, e
 - (3) o elemento religioso que se aproveita da superstição das pessoas para induzi-los a submeter-se aos poderes governantes”... Rutherford, *Juicio de los Jueces*, pp. 27 e 28.
- c) A razão desta atitude é que consideram que desde 1914 toda forma de governo político, econômico e religioso é ilegal; nesse ano, segundo seu esquema profético, Cristo tomou o governo, e desde então todas as autoridades caducaram.
- d) Durante a 2ª. Guerra Mundial passaram por tremendas dificuldades:

- Estiveram entre os primeiros a ingressar nos campos de concentração alemães: Se calcula que uns 6.000 Testemunhas sofreram toda sorte de humilhação nesses cercos, dos quais o mais cruelmente refinado foi o “batismo alemão” (consistindo na imersão em águas “cloacales”, repetidas vezes, para fazer-lhes abandonar suas crenças).

C- Doutrinas Distintivas.

1) Jesus é um deus, mas não é Deus.

a) Resumindo suas declarações.

- (1) Jesus foi o primeiro dos seres criados, e logo, Jeová o constituiu o Criador de todas as coisas e de todos os seres.
- (2) Antes de sua encarnação era um ser espiritual perfeito, inferior somente a Jeová.
- (3) Durante sua encarnação foi um ser humano perfeito, como os homens de sua época. Pare ele Jeová dispôs uma mudança de sua natureza.

2) A Doutrina da Trindade é um Invento Satânico.

a) Em síntese.

- (1) Somente Jeová é Deus.
- (2) Cristo é um deus desde sua exaltação.
- (3) O Espírito Santo é um poder, assim como uma influência emanada por Jeová. (Em sua versão do Novo Testamento, o colocam sempre com minúscula.)

3) A Morte de Jesus só Expiou a Culpabilidade de Adão.

a) Declarações sobre o tema:

- (1) “Um Redentor foi suficiente no plano adotado por Deus, porque somente um havia pecado, e somente um havia sido condenado... Uma vida inocente pode redimir uma vida condenada, porém não mais... Supondo que o número total de seres humanos desde Adão é de 100.000.000.000, e que somente a metade deles tivera pecado, isto requereria que os outros 50 bilhões de homens perfeitos e obedientes morressem com a finalidade de dar um

resgate... aos 50 bilhões de transgressores). *Estudio de las Escrituras*, vol. I, p. 133.

- (2) “O ‘resgate por todos’ dado pelo homem Cristo Jesus não proporciona ou garante vida eterna e bênçãos a qualquer homem; porém garante a cada homem outra oportunidade e prova para a vida eterna”. *Ibid.*, vol. I, p. 150.

b) Quanto a ressurreição de Jesus.

- (1) “O corpo humano de nosso Senhor foi removido sobrenaturalmente do sepulcro; porque se tivesse permanecido na tumba, teria constituído uma dificuldade insuperável para a fé dos discípulos... Não sabemos nada, absolutamente, do que passou com o corpo, a não ser que não se decaiu nem se corrompeu... Ninguém sabe se desovel-se em gases, ou se todavia está preservado em alguma parte como grandioso monumento do amor de Deus... Por conseguinte, Jesus, em, e depois de sua ressurreição foi um espírito - um ser espiritual; já não foi mais um ser humano em sentido algum”. *Ibid.*, vol. II, p. 129 e 130.

- (2) Sua existência humana terminou na cruz.

c) Em síntese.

- (1) Cristo morreu unicamente por Adão; isso demonstra que todos os homens têm uma segunda oportunidade.
- (2) Não ressuscitou, sendo que experimentou uma segunda mudança de natureza, de uma humana a uma espiritual; de seu corpo somente Deus sabe onde está, e o que aconteceu com ele.

4- Conceito acerca do homem.

- a) “O homem é uma alma. Ele não possui uma alma. Toda criatura que respira é uma alma”. *El Arpa de Dios*, p. 42.

b) Sintetizando.

- (1) O ser humano é uma alma; quando morre deixa de ser, para passar a um estado de sono e inconsciência até a ressurreição. (Isto é bíblico e admissível.)
- (2) Não aceitam a imortalidade da alma, nem conceitos tais como os de purgatório e de inferno.

5- Esquema Profético.

a) Introdução.

- (1) Russell se inspirou nas interpretações proféticas de Miller, disso não há a menor dúvida; porém arbitrariamente fiou datas que não correspondem com a realidade histórica.
- b) A diferença do período de 2.300 anos, fundamento da predição de Miller, Russel inventou um período de 2.520 anos que é o eixo de todo seu sistema.

(1) Esse período ele derivou de Daniel 4:25, interpretando que os 7 tempos concedidos a Nabucodonosor são um símbolo de um prazo de 2.520 anos outorgado as nações.

(a) Seu ponto de partida é o ano 607 a. c.. “Agora bem, posto que os tempos das nações iniciaram em 607 a. c. temos que contar adiante 2.520 anos. Onde nos leva isto? Ao ano de 1914 de J. C.” *De Paraíso Perdido a Paraíso Recobrado*, p. 172.

(b) Este é um grande período profético dos Testemunhas: “os tempos dos judeus”, terminou em 607 a. c.; e nessa data começaram os “tempos dos gentios” que terminarão em 1914.

(2) Outro período profético ao qual assinalam muita importância o derivam de Daniel 12:12, 1.335 anos. O entendem desde a caída da monarquia Ostrogoda, a qual colocam no ano 539, até 1874, ano da vinda espiritual de Cristo”.

(3) O terceiro período é o de Daniel 7:25, 1260 anos, que para eles se iniciaram no ano 539 e terminaram em 1799.

(4) Outro período é o correspondente ao Milênio: desde 1914 até 2914; seus primeiros 100 anos correspondem ao lapso da “segunda oportunidade”.

c) As datas e os significados que lhe concedem.

(1) Ano 607 a. C.

(a) Marcou o fim da teocracia judia, e o começo de um parêntesis de oportunidade, o último, outorgado aos gentios.

- (b) Lamentavelmente para eles, o acontecimento que fixaram nesse ano ocorreu na realidade 19 anos mais tarde, em 586 a. C.

(2) Ano 539.

- (a) Caída da monarquia Ostrogoda que dominava Itália, o que permitiu a aplicação do Edito de Justiniano que outorgou completa hegemonia ao Papado.
- (b) Esta data também está equivocada, já que o ano exato da tomada foi em 538.

(3) Ano 1799.

- (a) É o fim dos 1.260 anos, e o começo do “tempo do fim”.
- (b) O acontecimento assinalado ocorreu realmente em 1798, e não em 1799.

D- Organização da Sociedade, e Métodos de Trabalho.

1) Organização administrativa.

- a) Centros de Serviço: São as células mínimas do movimento; são os centros de reunião dos grupos menores: uma noite por semana para o estudo do livro que corresponda, e domingos pela manhã para coordenar a obra das “revistas”. Quando um centro tem 20 membros, o divide em dois.
- b) Congregações ou “Juntas de Companheiros”: se reúnem nos “Salões do Reino”. Quando sua membresia chega a 100, se divide em duas “congregações”.
- c) São circunscrições maiores:
 - (1) O circuito: composto por varias congregações.
 - (2) O distrito: composto por vários circuitos.
 - (3) A sucursal: todos os distritos de um país.

2) Métodos de Trabalho.

- a) 6 Passos de trabalho para ganhar um adepto.
 - (1) Colocar livros e revistas na mão do povo.

- (2) Estudo semanal com um “publicador”. É o estudo de capítulos de livros, nos quais são interrogados por instrutores, chamados por eles de “publicador”.
- (3) Levar a pessoa ao centro de serviço. Local onde se estuda uma vez por semana com um condutor.
- (4) Levar ao Salão do Reino.
- (5) Recebe treinamento para ser um vendedor de revistas e livros.
- (6) Batismo. Considerado por eles como uma espécie de rito de iniciação. Praticam a imersão tríplice.

E- Analisando algumas de suas doutrinas.

(A) 8 Razões pelas quais a Parousia não se deu em 1914.

1) Variedade de palavras empregadas por Cristo.

- a) Manifestação - I S. João 3:2.
- b) Aparecimento - Hebreus 9:28; I Pedro 5:4.
- c) Vinda, chegada - Mateus 24:3; Tiago 5:8.
- d) Presença II Tessalonicenses 1:9.
- e) Retorno - Lucas 12:36.

* Em 1914 Cristo não se manifestou, apareceu, etc.

2) Ele descreveu Sua vinda em termos objetivos, claros. Prometeu buscar os Seus.

- a) S. João 13:33, 36; 14:1-3.

3) Todo olho verá. Apocalipse 1:7.

a) Reação dos perdidos.

- (1) Mateus 24:27, 30, 31.
- (2) Marcos 14:61-64.
- (3) Apocalipse 14-17.

b) Jó 19:25-27.

- c) A promessa dos anjos - Atos 1:9-11. (Lucas24:3 e 4).
- 4) Após a ressurreição Cristo foi visto pessoalmente.
 - a) Lucas 24:13-40; João 20:20-29. (corporalmente).
 - b) O próprio Cristo profetizou que ressuscitaria em corpo - João 2:17-22.
 - c) Paulo e João falam a respeito do Seu corpo - Filipenses 3:20 e 21; I S. João 3:2.
- 5) Em 1914 não houve uma ressurreição dos salvos.
 - a) I Tessalonicenses 4:16 e 17; I Corintios 15:20, 23 e 51-54; II Timóteo 4:8.
 - b) S. João 11: 24, 25 - É dito que esta ressurreição ocorrerá no último dia.
 - c) Convocação dos salvos - S. João 5:28 e 29.
 - d) Paulo repreende aqueles que dizem que já houve ressurreição - II Timóteo 2:18.
- 6) A ceifa será por ocasião da ceifa de Cristo.
 - a) Os discípulos ligam a volta de Cristo ao fim do mundo - Mateus 24:3.
 - b) Parábola da Ceifa - Mateus 13:24-30 e 36-43 - fica claro que se refere ao fim do mundo.
 - c) Paulo diz que haveria fogo, vingança, recompensa - II Tessalonicenses 1:7 e 8; 2:1-4 e 8.
 - d) Judas 14 e 15 - fogo abrasador / ajuste de contas.
 - e) Apocalipse 6:14-17 - ímpios pedindo para esconderem-se da presença de Cristo.
- 7) Se tivesse ocorrido, muitos textos perderiam o sentido.
 - a) A oração do Pai Nosso (Mateus6:10) - Vem a nós o Seu Reino.
 - b) I Corintios 16:22 - Maranata - O Senhor logo vem.
 - c) I Corintios 11:26 - A Ceia.
- 8) Sinais da vinda de Cristo.

- a) Mateus 24:23-27.
- b) Sinais da proximidade - Mateus 24:32 e 33.
- c) Mateus 24:36 - Ninguém sabe o dia e a hora.

(B) Trindade.

- 1) Gênesis 17:21 - Vários indivíduos, um só corpo.
- 2) Mateus 3:16 e 17 - Separados, mas unidos.
- 3) João 14:26 Separados, mas unidos.
- 4) Atos 7:55 e 56.
- 5) Isaías 40:3 --- Mateus 3:3; Lucas 1:7.
- 6) Isaías 8:13-15 --- Lucas 20:17-18.
- 7) Zacarias 11:11-13 --- Mateus 26:15 e 27:1-10.
- 8) * Salmos 68:17 (Jeová) --- Atos 7:38 (Cristo).
- 9) Jesus tratado como Jeová.
 - a) S. João 20:28.
 - b) S. João 8:58 (referência ao Eu Sou de êxodo 4).
 - c) Salmo 97:6-7 --- Mateus 4:10; Hebreus 1:6; Filipenses 2:10 e 11.
 - d) Isaías 6:1-10 --- Jeová estava ali, Jesus estava ali (S. João 12:36-41); O Espírito Santo estava ali (Atos 28:25-27).
 - e) Gênesis 18:21 e 22 - Cristo e dois anjos.

(C) Transfusão de Sangue.

- 1) Gênesis 9:3; Lucas 17:10-12; Atos 15:20-29.
 - a) Todos os textos acima se referem a alimentação de sangue.

2) Há uma diferença entre sangue ingerido oralmente e injetado nas veias. O primeiro o suco gástrico destrói as células.

3) S. Lucas 12:23 - A vida está acima do alimento.

4) Mateus 12:7 - Misericórdia quero e não sacrifício.

a) Exemplo da aplicação deste princípio: I Samuel 21:1-15 (Davi comeu o pão sagrado para preservar a vida).

(D) Nome de Deus.

1) YHWH - Javé

2) Nome de Cristo - Atos 4:12.

3) Hoje deveríamos ser Testemunhas de Jesus - Atos 1:8 e 13:31.

4) O nome de Deus revela o Seu caráter.

5) Em 1931 é que eles adotaram o nome “Testemunhas de Jeová”, 50 anos depois do início de sua pregação.

6) Mateus 27:46 - Se a oração só é respondida quando feita a Jeová, então a oração de Cristo não foi atendida. S. João 1:41; 17:1.

(E) Neutralidade.

1) S. Mateus 5:41 - O contexto aqui é referente ao exército romano, colaboração com o exército.

2) I Pedro 2:13-17 - Honrar ao rei, refere-se a honrar a pátria (honrar não significa santificar).

3) Atos 25:11 e 12; 26:2 e 25 - A atitude de Paulo diante das autoridades foi de respeito.

4) Mateus 8:5-13 - Cristo cura o servo de um militar.

DENOMINAÇÃO DOS MORMONS

I- Biografia de Joseph Smith.

A- Até sua primeira visão (1805-1820).

1) Nascimento.

- a) Nasceu em Sharon, Vermont, em 23 de dezembro de 1805. Seus pais José Smith e Lucy Mack de Smith.
- b) Seus críticos escreveram que seu pai era praticante de bruxaria, e que em mais de uma oportunidade obteve dinheiro adivinhando a leitura de sorte, e vendendo bênçãos; sua mãe foi mulher inteligente, porém cria em visões, aparições, sonhos e curas por fé.

2) Infância e juventude.

- a) Nos primeiros anos de sua vida seus pais se mudaram varias vezes.
- b) Em 1815 se instalaram em Palmyra, Nova York. Ali ficaram durante anos, adquirindo reputação de desonestos e mentirosos; tanto José como seus irmãos eram pouco afetivos ao trabalho, e vários deles não sabiam ler.
- c) Uma nova mudança o levou a Manchester, Nova York (1819). No segundo ano em que estava ali, a celebração de reuniões por varias denominações protestantes (metodistas, presbiterianos e batistas), promoveu uma grande agitação de caráter religioso.
- d) José se sentiu inclinado para o Metodismo; contudo, não plenamente convencido, recordou da passagem de S. Tiago 1:5; aferrando-se desta promessa, orou a Deus por sabedoria. Em tais circunstâncias teve a sua primeira visão.

2) Sua primeira visão.

- a) Em uma bela manhã de primavera, enquanto se encontrava em um bosque implorando sabedoria do Céu, repentinamente se sentiu presa de uma poderosa força invisível; sua língua se

travou, e pareceu que tudo se movia brumoso ao seu redor, e pensou que havia chegado seu último momento.

- b) Empregando suas últimas energias começou a pedir ajuda a Deus contra esse poder maligno que o prendia; de imediato uma coluna de luz, mais brilhante que a luz solar, desceu sobre ele.
- c) Livre já de seu opressor, observou a presença de dois personagens luminosos; um deles, chamando-o por seu nome, indicou para o outro e disse: “Este é o meu Filho Amado: Escuta-lhe!”. Sem sair de seu espanto lhe perguntou a que denominação devia unir-se para obter a verdade; a resposta que recebeu foi categórica: todas estavam desencaminhadas e seus credos eram abomináveis a vista de Deus.
- d) Dias depois narrou sua visão a um ministro metodista, o qual zombou dele. Ao difundir-se a notícia, disse Smith que todas as sitas e denominações se uniram para persegui-lo, porém não aclarar em que constituía a perseguição.

B- Até a organização da igreja (1820-1830).

1) Novas visões.

- a) Na noite de 21 de setembro de 1823, enquanto orava junto a sua cama, uma luz brilhante inundou seu cômodo, e em meio dela viu um personagem em pé no ar, ao lado da cama. Tinha uma túnica solta de esquisita brancura, que deixava descoberto os pés, mãos, cabeça, pescoço e parte das pernas e antebraços.
- b) Dirigindo-se a José, se identificou como Moroni, mensageiro enviado pelo Senhor para dizer-lhe que Deus tinha uma obra para ele; lhe falou de certas placas de ouro, unidas na forma de um livro, que estavam ocultas, e nas quais estavam narradas a história dos primitivos habitantes da América, e nas quais se revelava a plenitude do evangelho.
- c) Terminou a mensagem mostrando-lhe em visão o local no qual se encontravam as placas, e proibindo-lhe de mostra-las a qualquer pessoa, sob pena de ser destruído.
- d) Ele foi para o local que tinha visto em visão: na parte ocidental da colina Gumorah, chegando ao lugar localizou um cofre de pedra do qual somente se observava parte da placa que o cobria.

- e) Com a ajuda de uma alavanca levantou a pedra, e observou maravilhado o livro e as pedras necessárias para sua tradução. Quis sacá-los, porém Moroni o proibiu pois ainda não havia chegado o tempo. Devia regressar na mesma data (22 de setembro) durante quatro anos, a fim de encontrar-se com Moroni e receber novas instruções.
- f) Por fim chegou o grande dia: 22 de setembro de 1827 e foram entregues as placas.

2) O Livro de Mórmon.

- a) Seu primeiro secretário na obra de tradução das placas foi Martin Harris: agricultor prudente, que havia sido quakers, universalista, batista e por último presbiteriano; afirmava também haver estado na lua. O certo é que creu cegamente em toda a história que Smith lhe narrou, e se pôs a escrever o que lhe ditava.
- b) Trabalhando juntos chegaram até a página 116; em tais circunstâncias, a esposa de Harris, preocupada com as coisas raras em que estava ocupado seu esposo, jogou o manuscrito ao fogo. Quando Harris levou a notícia a Smith, este se alarmou muito pois desconfiou da veracidade de seu amanuense; tudo se arranjou diante da nova visão, na qual lhe foi dito que o que havia sido queimado não era preciso, e que não devia preocupar-se mais por isto.
- c) Já em Harmony, primeiramente sua esposa, Emma Hale, serviu de secretária; e desde 7 de abril de 1829, Oliverio Cowdery. Cowdery era mestre em Manchester; vivendo em casa de José Smith, pai, se inteirou das visões de José, e cheio de curiosidade viajou a Harmony para comprovar o que ela havia dito. Aceitou o que Smith contava, e durante 60 dias transcreveu o que este lhe ditava de detrás de uma cortina.

3) Novas revelações e visões.

- a) Em 15 de maio de 1829, enquanto, todavia, se encontravam Smith e Cowdery traduzindo o livro, chegaram a uma passagem que fazia referência ao batismo. Preocupados com o tema, se retiraram a um bosque a orar; enquanto o faziam desceu um mensageiro angélico em uma nuvem de luz, dizendo-lhes: “Sobre vocês, meus conselhos, no nome do Messias confiro o Sacerdócio de Arão, o qual tem as chaves da ministração de anjos, e do evangelho do arrependimento, e do batismo por

imersão para a remissão de pecados”... Citado por Rulon S. Howells, *La Historia Mormona*, p. 26.

- b) O mensageiro se identificou como João o Batista: dizendo atuar sob ordens de Pedro, Tiago e João, quem se apresentariam mais tarde para conferi-lhes o Sacerdócio de Melquisedeque. Lhes ordenou que batizassem, e que Smith fora o primeiro elder, e Cowdery o segundo.
- c) Obedecendo a indicação, Smith batizou a Cowdery nas águas do rio Susquehanna (Pennsylvania) e a sua vez foi batizado por este. Depois disto, foram cheios do Espírito Santo e começaram a profetizar eventos futuros.
- d) Isto, por suposto, é versão de Smith; mais tarde Cowdery, expulso da igreja, escreveu uma obra intitulada Defensa na qual comenta tal visão com estas palavras: “Eu recebi o batismo por ordem do anjo de Deus, cuja voz, segundo me chamou a atenção desde então, me pareceu misteriosamente muito semelhante a de Anciano Sidney Rigdon”. Citado por Gordon H. Fraser, *Es Cristiano el Mormonismo?*, p. 21.

4) Organização da igreja.

- a) Este importante passo foi dado em Fayette, distrito de Sêneca (Nova York), em 6 de abril de 1830.
- b) O singelo ato se realizou em uma parte da casa de Pedro Whitmer, com a presença de 6 pessoas: José Smith, Oliveira Cowdery, Hyrum Smith, Pedro Whitmer, David Whitmer, e Samuel Harrison Smith. Smith ordenou a Cowdery como elder da igreja, partiram pão e beberam vinho, e os dois juntos puseram suas mãos sobre as cabeças dos outros quatro presentes: alguns profetizaram e outros louvaram.
- c) O nome da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi ordenado por visão, em 26 de abril de 1838.

C- Até a morte de José Smith (1830-1844).

1) Primeiros anos do movimento.

- a) Em 1831 a nascente igreja estabeleceu sua sede em Kirtland (Ohio).

(1) Desde ali foram enviados numerosos missionários, os que em pouco tempo estabeleceram novos centros de fé Mórmon.

(2) Em Kirtland se deram os primeiros passos para uma organização mais efetiva, sempre sobre a base de revelações e visões: se constituiu a primeira presidência, com Smith, Rigdon e Willians (1834), se nomeou os primeiros 12 apóstolos, entre os quais se contou Brigham Young (1835), e se formou o Primeiro Quorum dos Setenta (1836).

(3) Também desde Kirtland se enviaram os primeiros missionários fora dos Estados Unidos: os apóstolos Hyde e Kimball viajaram à Inglaterra (1837), tal foi o êxito que tiveram que três anos mais tarde os batizados ascendiam já a 4.000.

b) Porém cometeram também alguns desacertos que trouxeram péssimas repercussões:

(1) A igreja perdeu alguns de seus pilares, como os três “testemunhas” que foram expulsos do movimento (1836).

(2) Começaram os primeiros intentos da prática da poligamia, porém Smith os condenou com esta declaração de Doutrinas e Convênios: “Posto que como a Igreja de Cristo haja sido acusada de crime de fornicação e poligamia: nós declaramos que cada homem deveria ter uma mulher, e cada mulher um marido”. (1835). (Não aparece esta declaração em edições posteriores de Doutrinas e Convênios.)

(3) Por revelação também Smith fundou um banco (1836), porém dois anos mais tarde quebrou; se iniciaram vários juízos sobre o profeta, sem embargo não puderam concretizar-se porque se havia mudado a Missouri a fim de organizar algumas comunidades de Mórmons que haviam surgido ali; essas comunidades deram origem aos povos de Clay, Caldwell e Daviess.

2) Instalação em Nauvoo (Illinois).

a) Reunindo sua gente dispersa, Smith veio desaguar numa região pantanosa na orla oriental do Mississipi, onde se erigiu uma povoação a que batizaram Nauvoo (“A Formosura”).

(1) Organizou um corpo militar sob sua direção, e não satisfeito com os candidatos presidenciais para as eleições de 1841, proclamou-se candidato.

b) Para aumentar seu poder praticou uma aberta libertinagem; para tranqüilizar a indignação de sua esposa, autorizou a um grupo reduzido de adeptos a praticar a poligamia.

3) Assassinato de José Smith.

a) Foi encerrado em um cárcere de Carthage, juntamente com vários de seus partidários (24 de junho de 1844); três dias depois seus inimigos assaltaram o presídio, e lhe mataram a tiros. Por ocasião disso tinha 39 anos.

b) Vários candidatos pretenderam o direito de sucessão:

(1) Sidney Rigdon: porém foi expulso do movimento.

(2) Strang: anunciou que por revelação se havia conferido a chefatura; ao não ser reconhecido se apartou com um grupo de admiradores; anos mais tarde, em 1856 acabou morto em um tiroteio.

(3) José Smith, filho: apoiado por um grupo de jovens, os “jovens josesistas”, organizou entre 1852 e 1860 a Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

(4) Brigham Young: nascido em 1 de junho de 1801, ingressou no movimento por batismo em 14 de abril de 1832; com preparação manual unicamente, demonstrou não obstante dotes de chefe militar nato, o que lhe valeu um local entre os Doze Apóstolos. Foi Young quem finalmente substituiu a Smith.

D- A questão da poligamia.

1) Generalizada por indicação de Brigham Young (852), lhes acarretaram inúmeros problemas. (Que Young foi um convencido das bondades do sistema o revela o número de suas esposas: teve 25, e de todas elas, 56 filhos, obteve).

2) Em 1890 a Suprema Corte de Justiça dos Estados Unidos declarou constitucionalmente as leis contra a poligamia, e ordenou a confiscação de suas propriedades, qualificando o mormonismo de rebelião organizada.

- 3) Uma revelação providencial levou a Woodruff, presidente dos mórmons, a anular a poligamia (25 de setembro de 1890); seus adeptos demoraram a entrar em razão, porém algumas prisões e confiscações do governo federal contribuíram para que a nova revelação fosse finalmente aceita.

ESTUDO DOUTRINÁRIO

I- Livros Sagrados.

A- A Bíblia.

- 1) Em seus artigos de fé sustentam: “Cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus enquanto está bem traduzida. Cremos também que o livro de Mórmon é a Palavra de Deus”. (Art. 8vo.)
- 2) José Smith preparou uma nova versão da Bíblia (1832), que foi publicada em 1866 pela Igreja Reorganizada. E quanto a sua fidelidade, basta considerar que o livro de Gênesis agregou várias centenas de versículos, especialmente em relação com a criação de Adão, a vida de Enoque e o Sacerdócio de Melquisedeque.

B- O Livro de Mórmon.

1) Sua origem.

- a) Pretendem que contêm os registros sagrados provenientes de 3 antigas civilizações: Jareditas, nefitas e lamanitas.

(1) Os Jareditas: Chegaram a América (por volta do ano 2.200 a. C.) como fruto da dispersão ocasionada pela confusão de línguas entre os construtores da Torre de Babel (Gên. 11:6-8). No livro de Ester se registra a história deste povo, destruído por não haver cumprido os mandatos de Deus. Porém deixaram escritos.

(2) Os nefitas: Posteriormente Deus conduziu a América desde Jerusalém, a Levi e sua família (por volta do ano 600 a. C.).

(3) Os lamanitas: Depois de haver destruído a população branca nefita, se dividiram em numerosas tribos, e cujas

ruínas seriam as dos impérios inca, asteca, chibcha, maia, etc.

b) Pretendem os Mórmons, que numerosas passagens bíblicas fazem referência aos habitantes da América, como por exemplo:

(1) Deut. 33:13-17.

(2) Gên. 49:22-26.

(3) Ezequiel 37:15-20.

(4) Isaías 29:1-4.

II- Conceito do Homem.

A- Antes da criação da Terra houve um concílio no Céu, segundo o que foi revelado a Abraão. Nesse concílio, Deus pronunciou as seguintes palavras diante de todos os espíritos ali presentes: “Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos estes materiais, e faremos uma terra onde estes possam morar; e assim os provaremos, para ver se farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar”. *Abraão, 3:24-26.*

- 1) A Terra foi criada com o propósito de preparar um lugar onde os espíritos engendrados por Deus possam ser provados.
- 2) Sustentam a crença da eternidade do homem: “O homem foi também no princípio como Deus. A inteligência, ou a luz da verdade, não foi criada nem feita, nem tão pouco pode ser”. *Doutrinas e Convênios, 93:29.*

B- Propósitos da existência humana.

- 1) Prova para os espíritos: “para ver se farão todas as coisas que o Senhor seu Deus os mandarem”. *Abraão 3:25.*
- 2) Receber um corpo de carne e osso; quando o corpo e o espírito estão separados, “no podem receber a plenitude de gozo”. *Doutrinas e Convênios 93:33-34.*
- 3) Demonstrar que podem guardar seu segundo estado, assim como guardaram o primeiro; isto é necessário para que recebam “aumento de glória sobre sua cabeça para sempre jamais”. *Abraão 3:26.*
- 4) Desflorar dons e talentos que Deus os outorga no momento de seu nascimento, a fim de sejam aprovados quando se examine o uso de sua mordomia.

- 5) Unir-se a um companheiro ou companheira para esta vida e toda a eternidade, mediante a intervenção de quem tem autoridade do Senhor para esse selamento; do contrário não lhes será possível alcançar o grau mais alto da glória celestial (*Doutrinas e Convênios 131:1-4*).
- 6) Ter filhos. Deus não pôde abençoar plenamente a Abraão até que teve filhos.

C- O homem e a morte.

- 1) Ao morrer o homem, a alma se separa do corpo em forma transitória; logo o corpo lhe será restaurado.
- 2) “A alma será restaurada ao corpo, e o corpo a alma; sim, e cada membro e conjuntura será restabelecido a seu corpo; sim, nem um cabelo da cabeça se perderá, tudo será restabelecido a sua própria e perfeita alma”. *Alma 40:23*.
- 3) “Quando se manifestar o Salvador, o veremos como é. Veremos que é um varão como nós mesmos. E a mesma sociabilidade que existe entre nós aqui, existirá entre nós lá; porém a acompanhara uma glória eterna que agora não conhecemos”. *Doutrinas e Convênios 130:1, 2*.
- 4) Os Mórmons sustentam que haverá duas ressurreições: a primeira será a dos justos; mil anos depois ocorrerá a segunda, que será a dos ímpios. Os justos herdarão a terra renovada: “E lhes será dada a terra por herança; e se multiplicarão e se farão fortes, e seus filhos crescerão sem pecado até salvarem-se”. *Doutrinas e Convênios 45:58*.

D- O que ocorrerá durante o milênio?

- 1) Os santos terão acesso aos livros divinos, e poderão rastrear sua ascendência até Adão.
- 2) Buscarão a parentes e amigos, os ressuscitarão, e lhes pregarão o evangelho. Desta forma, o evangelho será pregado como nunca antes, e a obra será completada.
- 3) No fim do milênio descerão as duas Jerusaléns: a “Jerusalém nova” (Apoc. 21:2), na América; e a “grande cidade santa de Jerusalém” (Apoc. 21:10), na Palestina.

III- O Batismo pelos Mortos, doutrina típica dos Mórmons.

A- O texto fundamental é I Cor. 15:29.

- 1) juntamente com este, dão grande importância a Malaquias 4:5, 6: fazem notar que já na terceira visita de Moroni (21 de setembro de 1823) foi citado como profecia da restauração plena da verdade.
- 2) O significado destes textos foi explicado em visão a José Smith e Oliverio Cowdery (Kirtland, Ohio, 3 de abril de 1836), por Jesus, Moisés e Elias; nessa visão, Elias lhes entregou as chaves da dispensação de converter os corações dos pais e seus filhos, e vice-versa. Desde então começaram a pregar e praticar o batismo pelos mortos.
- 3) Em uma visão posterior (19 de janeiro de 1841), recebeu Smith a ordem de construir templos para o cumprimento desta prática. (Até a década de 60 possuíam 12 em todo o mundo).

IV- Temperança.

A- (Suas normas procedem de uma visão recebida por José Smith, em Kirtland, Ohio, em 27 de fevereiro de 1833; estão consignadas na seção 89 de Doutrinas e Convênios, a qual se conhece como Palavra de Sabedoria. Abaixo elas são enunciadas brevemente, em resumo feito por José H. Weston, Estos Asombrosos Mormones. I, p. 48). Falando da Palavra de Sabedoria:

- 1) Proíbe o uso de bebidas alcóolicas salvo em lavamento dos corpos enfermos dos seres humanos;
- 2) Proíbe o uso de tabaco com exceção de seu emprego como erva curativa;
- 3) Desaprova o uso de bebidas quentes (com exceção de umas poucas, tais como a limonada quente e o chocolate morno);
- 4) Da mecha para o uso de ervas saudáveis, frutas e legumes para o uso do homem, especialmente quando estão em sua maturação;
- 5) Aprova o uso da carne dos animais e das aves, porém com a provisão de que se usem limitadamente e com ação de graças, (analisando que agrada a Deus que se usem sobre tudo na estação do inverno, em épocas de frio ou de fome).

ORGANIZAÇÃO ECLESIAÍSTICA DO MORMONISMO

I- O Sacerdócio.

A- O Sacerdócio Aarônico.

- 1) Outorga autoridade para administrar as ordenanças externas da Igreja: batismo por imersão, manejo de fundos, etc. É um período de prova para demonstrar se é capaz de levar maiores responsabilidades
- 2) Abarca 4 ofícios.
 - a) Diáconos: são ordenados aos 12 anos, e continuam neste ofício até os 15.
 - b) Mestres: duram uns 2 anos, entre os 15 e os 16 anos. Ajudam os presbíteros, tratando de manter a unidade entre os membros.
 - c) Presbíteros: entre os 17 e 18 anos. Devem pregar, ensinar, exortar, batizar e administrar a Santa Ceia.
 - d) Bispos: se bem que este ofício corresponde ao sacerdócio Aarônico, somente pode ser desempenhado por quem tenha alcançado o sumo sacerdócio de Melquisedeque.

B- O Sacerdócio Melquisedequeiano.

- 1) Outorga maior jurisdição em todas as atividades da igreja, especialmente no que tange as ordenanças espirituais ou internas.
- 2) Compreende 6 ofícios ou cargos:
 - a) Elder: aos 19 anos, outorga a posseção plena das chaves; em cada barril pode haver até 100 eldres. Eles podem batizar, ordenar eldres, presbíteros, mestres e diáconos; impor as mãos, ensinar, exortar; administrar a Cena, presidir todas as assembléias, etc.
 - b) Setenta: são os ministros viajantes da igreja, cuja função consiste em pregar o evangelho e construir igrejas. Geralmente se chega a esta hierarquia aos 21 anos.

- c) Sumo sacerdote: são homens maduros, de rica experiência, modelos de virtudes.
- d) Patriarcas e evangelistas: É cargo hereditário que deve existir em cada rama; têm “as chaves das bênçãos patriarcais”, de tal forma que a quem abençoarem serão benditos e a quem amaldiçoarem serão malditos.
- e) Apóstolos: Formam um conselho de 12 membros, dos quais o mais velho é o presidente. Viajam por todo o mundo: são os autores de quase toda a literatura religiosa dos Mórmons. Devem eleger um sucessor quando o presidente falece. Têm as chaves de sacerdócio, porém não podem usá-las a menos que o presidente tenha morrido.
- f) Presidente do Sumo Sacerdócio: É a máxima hierarquia; governa a igreja com a assistência dos conselheiros que ele escolhe: com eles forma a Primeira Presidência. É um profeta, vidente e revelador.

II- Organização territorial.

A- Barril.

- 1) É a célula básica: corresponde a uma área geográfica em que haja de 200 a 900 Mórmons.
- 2) Cada barril dispõe de uma capela apropriada, com órgão e piano; salão de recreio com comodidades para bailes, teatro, cinema, basquetebol; salas de classe, etc.
- 3) As capelas (cada ano se constróem 250 novas em todo o mundo) são o resultado de um plano de colaboração muito efetivo: os membros entram com mão de obra e dinheiro até uns 50%, e a metade restante é provida pela administração central.
- 4) Está dirigida por um bispo, dois conselheiros e vários sacerdotes; o bispado orienta a obra dos quorum do sacerdócio Aarônico, cuida do edifício, trata de que todo membro tenha oportunidade de trabalhar, etc.
- 5) Quando a área correspondente de um barril tem suficientes membros, ela se denomina Rama.

B- Estaca.

- 1) Formada por 3 a 15 barris, sendo 8 o número médio. Se a área da estaca não tem suficientes membros, se denomina Missão: esta pode abarcar de 3 a 100 ramas.
- 2) Para seu governo a estaca conta com um presidente e 3 sumo sacerdotes, um Sumo Conselho de 12 sacerdotes, 1 secretário, 1 ou mais patriarcas, 1 quorum de sumo sacerdotes com seu presidente e secretários, 1 ou mais quoruns de 70 cada um com seus 7 presidentes e 1 secretário, vários quoruns de elders, com seus presidentes e secretários, etc.

Analisando Algumas Doutrinas

I- Somos deuses?

A- “Deus mesmo foi uma vez como agora somos, e é um homem exaltado” (citado por Brigham Young, em The Journal of Discourses, tomo 6, p.3; sermão dado em 6 de abril de 1844). Brigham Young ensinou: “Quando nosso pai Adão veio ao horto do Éden, chegou a ele com um corpo celestial e trajo a Eva, uma de suas esposas celestiais, com ele.... Ajudou a criar e organizar este mundo. Ele é MIGUEL, o Arcanjo, o ANCIÃO DE DIAS, acerca de quem homens santos tem escrito e falado - é o nosso PAI, e nosso DEUS e o único Deus com quem NÓS temos que tratar” (Ibid., p. 50. As maiúsculas estão no original para dar ênfase).

B- A resposta bíblica a esta doutrina se dá mostrando que Deus é eterno (Salmos 90:2), que a divindade consiste unicamente no Pai, o Filho e o Espírito Santo (Mateus 28:18, 19), e que estas três pessoas são separadas, como se mostra pelo papel diferente que desempenha cada um deles no batismo de Cristo (Lucas 3:21, 22); e seu embargo são um em propósito, tal como nós outros devemos ser Nele. (João 17:21, 22.) Os seguintes textos mostram a verdade de que há um só Deus e não uma pluralidade de deuses: Isaías 44:6; 45:5; Marcos 12:29; Malaquias 3:6. Foi Cristo quem criou o mundo, e não Adão (Colossenses 1:14-16; Hebreus 1:1-3; João 1:1-3).

- 1) Deus nunca foi um homem (Oséias 11:9), e Deus sempre tem sido Deus (Salmo 90:2; Isaías 43:10; 44:6; 45:5; 46:9). O homem nunca chegará a ser Deus, porém se lhe permitirá estar com Ele e ser semelhante a Ele, em caráter e propósitos (João 17:24; Apocalipse 21:7; I João 3:1, 2). A mentira pronunciada por Satanás no horto do Éden consistiu em dizer que Adão e Eva não morreriam e que seriam como “deuses”. Ele tem estado pronunciando a mesma mentira desde então.

II- Existíamos antes de virmos a este mundo?

A- A seguinte declaração dada por Orson Pratt resume muito bem a crença fundamental da Igreja Mórmon: “No céu donde nasceram nossos espíritos, tem muitos deuses, cada um dos quais têm sua própria esposa e esposas, as quais lhes foram dadas antes de sua redenção, enquanto ainda estavam em um estado mortal. Cada Deus, através de sua esposa e esposas, têm uma numerosa família de filhos e de filhas; em realidade, não haverá fim ao aumento de seus próprios filhos porque cada pai e mãe estarão em condição de procriar para sempre jamais. Tão pronto como ... sua herança celestial será demasiado pequena para acomodar confortavelmente a sua grande família, ele, ... organiza um novo mundo segundo uma ordem similar a aquele no qual agora habitamos.... Se requer dos habitantes de cada mundo que reverenciem e adorem a seu próprio pai pessoal, o qual mora no céu e no qual eles habitam anteriormente” (The sear, tomo 1, número 2, fevereiro de 1853, p. 37).

B- Uma breve resposta a esta doutrina se resume como segue:

- 1) De todos os que têm habitado esta terra, unicamente Jesus Cristo já tem preexistência (Colossenses 1:13-16; Hebreus 1:1, 2; Jó 14: 1, 2; 38:4; João 8:23; 16:27, 28).
- 2) A primeira existência do homem como “alma vivente” foi quando Deus o criou como pó da terra. (Gênesis 2:7.) Esta alma pode morrer. (Ezequiel 18:4.) Nada “pode conservar a vida a sua própria alma” (Salmo 22:29). A alma dos maus perecerá finalmente no inferno. (Mateus 10:28.)
- 3) A alma viveu como resultado de uma união do espírito, o poder de Deus, com o povo. As palavras espírito e fôlego se usam em forma intercambial posto que as mesmas procedem das mesmas palavras gregas e hebraicas. Exemplos: Salmo 104:29, 30; Jó 27:3; Tiago 2:26. A alma vivente não existiu antes de ter ocorrido esta união do espírito, o fôlego, com o pó.
- 4) Primeiro existiu o corpo natural ou terreno antes do corpo espiritual (I Coríntios 15:42-46). O corpo espiritual não existe em um lapso que media até o momento da ressurreição dos mortos.

III- Deveríamos trabalhar pelos mortos?

A- A Igreja Mórmon ensina que a morte é unicamente um passo que se dá até um maior grau de glória, por tanto é uma promoção. Seus serviços funerários são virtualmente exercícios de graduação.

B- Para apresentar a verdade acerca deste tema resulta excelente um estudo sensível e positivo acerca do estado dos mortos. Posto que os Mórmons crêem no batismo dos mortos, e no casamento para este tempo e a eternidade, e em

realizar algumas obras pelos mortos, alguns pontos adicionais deveriam ser tratados. São os seguintes:

- 1) Quando um homem morre, volta ao pó e sua natureza má não pode alterar-se. (Gênesis 3:19; João 5:28, 29.)
- 2) A natureza pecaminosa do homem deve alterar (mudar, converter) antes de sua morte se deseja obter a salvação. (Isaías 38:18; Salmo 146:4; Hebreus 9:27).
- 3) Os mortos estão inconscientes, não sabem nada, não têm amor ou ódio, e não podem esperar receber a verdade de Deus, o qual mostra que não é benéfico pregar a eles, batizá-los, ou fazer qualquer outra obra em benefício deles. (Eclesiastes 9:5, 6; Salmo 115:17; 146:4; Isaías 38:18.)
- 4) Nada pode redimir a outro indivíduo, ou pagar um resgate por ele. (Salmo 49:7.)
- 5) O filho não pode levar a iniquidade do pai, nem tão pouco o pai pode levar a iniquidade do filho. (Ezequiel 18:20.)
- 6) Uma pessoa pode livrar unicamente sua própria alma durante o tempo que dura sua vida. (Ezequiel 14:14.)
- 7) Os mortos serão julgados de acordo com a obra que fizeram enquanto estiveram vivos e segundo se registra nos livros do céu. (Apocalipse 20:12.)

C- A obra vicária pelos mortos começou com os pagãos e não com o povo de Deus. (Veja Levítico 19:28; Deuteronômio 14:1; Jeremias 47:1, 4, 5; Isaías 65:2-4; Salmo 106:28; Jeremias 16:10-13.)

D- Tertuliano, proeminente pai da igreja do século II, disse que os marcionitas, uma seita herética de cristãos que existia em seus dias, “eram pretensiosamente batizados pelos mortos” (Against Marcion, livro 5, cap. 10, em ANF, tomo 3, p. 449). Notemos que estes cristãos hereges praticavam o batismo pelos mortos, porém não o verdadeiro povo de Deus. Crisóstomo (345[?]-407 DC) fala do procedimento que seguiam para fazer isto: colocavam um homem vivo “debaixo da cama do morto”, depois disto “se aproximavam do cadáver e falavam com ele, e lhe perguntavam se desejava ser batizado; logo, como o cadáver não contestava, o que estava escondido debaixo falava em seu lugar e dizia que por suposto que queria ser batizado; e assim o batizavam no lugar do morto, como se tratava de uma farsa feita num cenário”. (Homilies on First Corinthians, I Coríntios 15:29, em The Nicene and Post-Nicene Fathers, primeira série, tome 12, p. 224).

IV- Há três graus de Glória?

A- Os Mórmons ensinam que no céu há três graus de glória: celestial para aqueles que chegam a ser deuses; terrestre para aqueles que se convertem depois da morte e que não podem ser deuses: telestial para aqueles que são mentirosos, bruxos, adúlteros, etc.

B- A resposta bíblica diz que há um lugar final para os justos: a nova Jerusalém a qual descera a esta terra renovada. Se não fizermos parte dos que serão salvos neste lugar de glória, estaremos perdidos. (Apocalipse 20:15; 21:8, 27; 22:15; Hebreus 2:2, 3; 10:26, 27; Gálatas 6:7, 8.) A palavra celestial que se encontra em I Coríntios 15:40 significa que pertence ao céu, no original grego, e a palavra terrestre significa que pertence a terra. Este texto não faz mais que comparar nossa vida atual, terrena, com a maravilhosa vida que ocorrerá depois da manhã da ressurreição, a qual é celestial, o que pertence ao céu.

DENOMINAÇÃO METODISTA

I- SURGIMENTO HISTÓRICO.

A- João Wesley (1703-1791).

1) Seu pai foi Samuel Wesley, eficiente pastor anglicano.

a) Casado com Susana Annesley, teve 19 filhos, dos quais 8 morreram na infância, Destes filhos, João foi o 15º. e Carlos o 18º..

b) Foi um homem completamente consagrado a seu ministério; quando supôs que seus filhos estavam sendo objeto de zombaria em Oxford, escreveu: “Digo que meu filho tem a honra de ser apelidado como o ‘pai do Clube Santo’. Se é assim, eu devo ser o avô desse Clube, e não necessito dizer que prefiro que meus filhos sejam deste modo denominados e distinguidos que não com o título de Sua Santidade”. Citado por João Alfredo Faulkner, Los Metodistas, p. 8.

c) A influência de Susana também foi muito grande sobre seus filhos; profundamente cristã, soube orientar seus passos com sabedoria e firmeza.

2) Biografia.

a) Nasceu em Epworth (Lincolnshire) em 17 de junho de 1703.

b) Estudou em Oxford entre 1720 e 1727.

(1) Em fevereiro de 1727 obteve sua graduação de Mestre, em uma brilhante defesa de sua tese.

c) Já presbítero, ajudou a seu pai na paróquia de Epworth, desde agosto de 1727 a novembro de 1729. Durante este lapso fez freqüentes visitas a Oxford, sempre com o desejo de conseguir uma melhor preparação.

d) Em 1729 voltou a Oxford, novamente como aluno.

(1) Com seu irmão e outros três companheiros iniciou a prática de reunir-se semanalmente para estudar o Novo Testamento em grego; realizar obras de caridade, especialmente entre

presos e enfermos, e preparar-se espiritualmente para uma participação freqüente dos sacramentos.

(2) Com o tempo chegaram a ser 25 associados deste “Clube Santo”; seus companheiros, em som de zombaria, lhes puseram o nome de “metodistas”.

(3) Anos depois, recordando Wesley a primeira reunião deste Clube (novembro de 1729), a qualificou como “primeira fundação do Metodismo”.

e) Evangelismo na América.

(1) Pouco depois da morte de seu pai (abril de 1735), aceitou um convite do governador Oglethorpe, da Georgia (Estados Unidos), quem havia escutado acerca da piedade dos Wesley; com a ajuda da Sociedade para a Propagação do Evangelho, cruzou o Atlântico acompanhado por seu irmão Carlos.

(2) Durante a viagem recebeu uma forte impressão pela conduta irrepreensível de algumas famílias dos irmãos moravios”, que viajavam no mesmo barco. Em palavras do próprio Wesley: “Já muito antes havia notado a grande rigidez de conduta daquela gente. De sua humildade haviam dado provas manifestas, ao prestar-se a desempenhar em favor dos outros passageiros as tarefas servis que nenhum dos ingleses queria fazer, e ao não querer receber salário por estes serviços, declarando que era um benefício para seus corações e que seu amante Salvador havia feito mais por eles. E dia após dia manifestavam uma mansidão que nenhuma injúria podia alterar. Sim eram empurrados, golpeados e derrubados, se punham em pé e se marchavam para outro lugar; porém sem queixarem-se. Agora se apresentava a oportunidade de provar se haviam ficado livres do espírito de temor como do de orgulho, ira e vingança. Quando liam a metade do salmo que estavam entoando ao começar seu culto, o mar embravecido derrubou a vela maior, inundou a embarcação e penetrou de tal modo pela coberta que parecia que as tremendas profundidades nos haviam tragado já. Os ingleses se puseram a gritar desaforadamente. Os alemães seguiram cantando com serenidade. Mais tarde, perguntei a um deles: ‘Não tiveste medo?’ E me disse: ‘Não, graças a Deus’. Voltei a pergunta-lhe: ‘Não tinham temor pelas mulheres e os filhos?’ E me contestou com calma: ‘Não; nossas mulheres e

nossos filhos não têm medo de morrer'. Citado por Ellen G. White, em O Grande Conflito, p. 255.

- (3) Wesley fracassou em seu intento de estabelecer uma missão entre os indígenas, e tão pouco teve êxito em seu desempenho entre os brancos, devido a seu estrito apego as normas inglesas e sua falta de adaptabilidade.
- (4) Seu irmão Carlos votou a Inglaterra em 1736, por causa de sua saúde. João silenciou-se até 1738, ano em que também voltou com uma sensação de total fracasso. Mais tarde, comentando suas primeiras experiências, dizia que desde 1725 a 1729 pregou muito, porém sem fruto algum, porque supunha que todos os seus ouvintes eram crentes e não necessitavam arrepender-se de nada; entre 1729 e 1734 se dedicou a pregar o arrependimento, e já viu algum resultado; por último, entre 1734 e 1738, falou do arrependimento e da fé em Cristo com melhores resultados. Não obstante se sentia um fracasso.

f) Sua conversão, e atividades conseqüentes.

- (1) De regresso, em Londres, entrou em contato com um pregador moravio, Peter Bohler, quem teve muita influência sobre ele e o instou a pregar somente da fé que salva.
- (2) E foi em uma reunião dos “irmãos moravios” realizada em uma pequena capela da rua Aldersgate, donde segundo Wesley se produziu sua conversão (29 de maio de 1738). Em suas palavras: Enquanto escutava a leitura do prefácio a Epístola aos Romanos, escrito por Lutero, e na qual explica a justificação pela fé, “senti um estranho ardor de coração, senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para minha salvação; e tive a segurança de que havia quitado meus pecados, até meus pecados, e havia-me livrado da lei do pecado e da morte”. Citado por Faulkner, Op. Cit., p. 10.
- (3) Por experiência similar haviam passado já seu irmão Carlos e seu amigo Jorge Whitefield, os quais já estavam pregando a salvação pela fé. Com eles e outros mais, constituiu a Sociedade Unida (1 de maio de 1739), cujas reuniões se realizavam em Fetter Lane (Londres) juntamente com os “moravios”.
- (4) Depois de sua conversão viajou a Alemanha, donde por algumas semanas viveu com os moravios, conhecendo

melhor seus princípios e doutrinas; regressou a Londres com sua fé grandemente fortalecida.

- (5) Foi por esta época quando a oposição eclesiástica começou a sentir-se: uma a uma se lhes foram cerrando as paróquias, apesar de que nunca haviam falado de constituir outra igreja, senão somente de reformar os males existentes. Em tais circunstâncias o Metodismo descobriu o método de pregação que havia de dar-lhes maiores resultados: foi Whitefield, em Bristol, quem ante a impossibilidade de pregar nas igrejas, reuniu as pessoas ao ar livre em Kingswood Hill; até 20.000 pessoas se congregaram para escutar sua mensagem. Aconselhou a Wesley a fazer o mesmo em Londres: depois de alguma resistência o ensaio com excelentes resultados; dali em diante foi o método preferido dos pregadores wesleyanos, e o mais poderoso para alcançar as massas.
- (6) Por esta época, com a Sociedade Unida plenamente desenvolvida, aparecem as primeiras divergências doutrinárias, o quietismo dos morávios não era bem mirado por Wesley, pelo qual se apartou deles em 1740; e no ano seguinte rompeu com Whitefield ao sustentar esta postura calvinista no tocante a eleição para a salvação (predestinação).

g) Até sua morte.

- (1) A atividade desenvolvida por Wesley nas décadas posteriores foi extraordinária: durante esses 50 anos percorreu 400.000 Km, visitando 22 vezes a Escócia, 41 a Irlanda e 24 a Gales. Pregou 46.000 sermões, a uma média de um por dia. Escreveu, traduziu e editou 233 obras, sobre os temas mais diversos, dando um grande impulso à instrução na Inglaterra.
- (2) No que raiou a altura de um gênio foi na organização que imprimiu a seu movimento: este era um talento realmente peculiar nele, e sempre o reconheceu como um dom de Deus.
- (3) Sua vida matrimonial não foi feliz nem duradoura: em 1751 se casou com Mary Vazeille, uma viúva, que em pouco tempo o abandonou.
- (4) Um motivo de preocupação em seu ministério prematuro foram as exteriorizações emocionais das pessoas: gritavam,

gemiam, riam a gargalhadas, caíam no chão, se retorciam, etc. Depois de observar por algum tempo estas manifestações, chegou a conclusão que não eram fruto do Espírito de Deus, e começou a freiá-las; com o tempo desapareceram quase por completo.

(5) Faleceu em Londres, em 2 de março de 1791, e sete dias depois foi sepultado em Westminster; uma simples lápide guarda um de seus pensamentos favoritos: “Miro a todo o mundo como a minha paroquia”. A sua morte ficaram para continuar o movimento nas Ilhas Britânicas, 300 pastores, 1.000 pregadores locais e 80.000 membros.

II- O Metodismo nas Ilhas Britânicas.

A- Metodismo Calvinista.

B- Metodismo Arminiano.

1) Associação Metodista Wesleyana.

C- Membresia total nas Ilhas Britânicas: de 970.000 em 1910, desceram a menos de 950.000 (1950), devido às duas guerras, emigração, perda da agressividade evangelística, etc.

D- No resto da Europa.

1) O Metodismo está estabelecido em 19 países, com 139.000 membros (1950).

2) Porém seus progressos são muito lentos.

III- O Metodismo na América do Sul.

A- Mantém obra em 10 países; tendo cerca de 58.000 membros (1950), dos quais 35.000 pertencem ao Brasil. (Desde 1930 a Igreja Metodista do Brasil é autônoma.)

B- A entrada dos metodistas neste continente se produziu a partir de 1835.

1) Nesse ano Fountain E. Pitts fez algum trabalho no Rio de Janeiro, Montivideo e Buenos Aires.

2) Lhe seguem 3 colportores (1836), Justin Spaulinding, Juan Dempster, e no ano seguinte Daniel F. Kidder; começaram a trabalhar no Brasil, porém foram também a outros países, até que regressaram aos Estados Unidos em 1841.

IV- Em Síntese Mundial.

A- Cifras.

- 1) A denominação metodista trabalha em 75 países ou divisões políticas, através de não menos de 40 de seus corpos constitutivos.
- 2) Sua membresia total foi calculada em 14.400.250 (1952).

V- Teologia Metodista.

A- Considerações Gerais.

- 1) Com propriedade disse o Dr. William P. Tolley referindo-se aos metodistas dos primeiros tempos: “Com exceção da crença da Trindade não tinham teologia nem dogmas, e mui escassa doutrina.”
- 2) Seus princípios cardeais não diferem dos do protestantismo clássico:
 - a) Autoridade das Escrituras.
 - b) Direito ao juízo privado, com suas conseqüências a liberdade e a tolerância.
 - c) Justificação pela fé.
 - d) Livre arbítrio.
 - e) Santidade da conduta diária.
 - f) Concepção da fé como um ato divino (iniciativa por meio da graça) e humano (importância da experiência religiosa pessoal). Esta ênfase sobre a experiência individual foi, em última instância, o que produziu o grande despertar metodista.
- 3) Quanto a salvação Wesley destacava 2 fatores essenciais:
 - a) O perdão, isto é, a justificação u juízo da graça, mediante o sacrifício de Jesus.
 - b) A santificação, processo continuado até a perfeição, e que finalmente será objeto do juízo das obras no dia final.
- 4) É também notável a omissão a todo requisito doutrinal em:
 - a) As 3 perguntas que dirigem o candidato antes do batismo:

(1) Esta verdadeiramente arrependido de seus pecados, e aceita e confessa a Jesus como seu Salvador e Senhor?

(2) Tratará de guardar a santa vontade de Deus e seus mandamentos?

(3) Deseja ser batizado nesta fé?

5) Outra demonstração de sua elasticidade doutrinal está dada por estes 4 fatos:

a) Aceitam qualquer forma de batismo e de qualquer igreja.

b) Na Ceia do Senhor comungam com todos, e convidam a todos a participar.

c) Aceitam a validade da ordenação dos ministros de qualquer igreja.

d) Em suas sociedades admitem por simples voto aos membros de qualquer outra denominação.

B- Todavia, têm algumas coisas imutáveis no Metodismo.

1) Sua lealdade às obras de Wesley e os princípios contidos nelas; particularmente aos 4 volumes de Sermões, e as Notas sobre o Novo Testamento. A estes livros se ajustam como a uma espécie de cânon ou credo.

OS MAOMETANOS (ISLAMISMO)

I. Breve comentário.

A religião islâmica é uma das religiões que mais cresce no mundo religioso. O número dos seus adeptos em todo o mundo é calculado em mais de 800 milhões. Fundada por Maomé nos princípios do séc. VII, a fé islâmica saliente a necessidade de uma obediência ao único Deus, Allah. A palavra Islão vem da raiz duma palavra que significa entregar-se , submeter-se alguém a Deus, renunciando a qualquer outro objeto de adoração. A idéia de paz está associada à raiz arábica “*salam*”.

A- As obrigações religiosas básicas, chamadas os pilares do Islamismo, são cinco:

- 1- Pronunciar “*shahada*”, ou testemunhar: “Não existe outro Deus além de Allah e Maomé é o seu profeta”.
- 2- A oração ritual (*Salat*) a pronunciar cinco vezes por dia (de manhã, ao meio dia, à tarde, ao por do sol e à noite), com o rosto voltado para Meca, o lugar em que Maomé nasceu.
- 3- Entrega de uma oferta (*Zakat*) ou uma taxa percentual fixa cobrada pelos governos islâmicos aos fiéis.
- 4- Um jejum durante o mês do Ramadão.
- 5- *Hajj* ou uma peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida.

O Islamismo aceita o *Corão* como sendo a inalterada e literal mensagem de Deus. Estabelece a sua origem em Abraão que terá oferecido Ismael como o filho da promessa em vez de Isaque. Traçando a sua linhagem através de Abraão, Moisés e João Batista, acreditam que Jesus foi simplesmente um profeta. O Islamismo está mais perto do Judaísmo e do Cristianismo do que qualquer outra grande religião no mundo. Os Maometanos proclamam que o Judaísmo folhou e que o Cristianismo se tornou espiritualmente corrupto; por isso, Deus suscitou o profeta Maomé para reformar as corrupções de uma religião apóstata.

B- Algumas Doutrinas em Comum com os Maometanos

- 1- Os Maometanos acreditam num Deus todo - poderoso, onisciente e cheio de amor.

- 2- Os Maometanos acreditam no juízo final. Aceitam o fato de que os seres humanos são moralmente responsáveis por suas ações.
- 3- Os Maometanos acreditam numa ressurreição final dos mortos na altura da volta do Messias.
- 4- Os Maometanos (ou Muçulmanos) dão grande ênfase à assistência e ajuda aos pobres.
- 5- Os Maometanos dão prioridade à oração.
- 6- Os Maometanos proíbem o álcool, os jogos de azar e a carne de porco.
- 7- Os Maometanos dão muito valor à obediência a Deus.
- 8- Os Maometanos acreditam numa grande controvérsia entre os anjos bons e os anjos maus.

C- Algumas Crenças Muçulmanas que Contrariam os Ensinos da Bíblia e os Textos Bíblicos para as Refutar

- 1- Jesus é um profeta mas não é o eterno Filho de Deus.
(Ver: João 8:58; comparar com Êxo. 3:14; Heb. 1:6-8; Miq. 5:2; Isa. 9:6).
- 2- A Bíblia não é digna de confiança, uma vez que está cheia de erros humanos e não foi copiada com exatidão.
(Ver: 2 Tim. 3:16; 2 Pedro 1:21; Sal. 12:6,7; Mat. 24:35; Sal. 119:105).
- 3- A salvação é alcançada ao seguir-se as cinco disciplinas do Islão.
(Ver: Rom. 3:23; Isa. 59:1,2; Rom. 6:23; Efésios 2:8; Heb. 2:8,9; 2 Cor. 5:21; Gál. 3:13).
- 4- As revelações transmitidas por Maomé substituem a Bíblia. Elas são uma fonte de salvação.
(Ver: João 17:17; 14:6; Atos 4:12; Isa. 45:22).

D- Maneiras de nos Aproximarmos dos Amigos Muçulmanos.

- 1- Estabelecer uma amizade baseada nos pontos que temos em comum.
- 2- Convidá-los a nossa casa para uma refeição vegetariana.
- 3- Transmitir-lhes a nossa preocupação por um Cristianismo genuíno. Reconhecer a apostasia no Cristianismo e a necessidade de reforma.

- 4- Estudos sobre profecias bíblicas que ajudem a confirmar a autenticidade das Escrituras.
- 5- Dado que a unidade da família islâmica é extremamente forte com autoridade paterna, altamente respeitada, devemos assegurar-nos do respeito que é devido ao pai como chefe da família.
- 6- Entregar literatura como por exemplo o livro *“Profetas e Reis”*, Como também o livro *“Patriarcas e Profetas”*.
- 7- No momento apropriado, devemos dar-lhes o nosso testemunho pessoal e descrever o plano da salvação em pormenor. Defender que Jesus reclama, repetidamente, ser o Filho de Deus. Ou Ele é divino ou então é um mentiroso ou um lunático. Uma vez que o Corão declara ser Ele um profeta, como poderia um profeta justo mentir a respeito da sua identidade?
Devido a entrincheiradas tradições, a fortes laços familiares e a pressões sociais extremamente fortes, conquistar muçulmanos ao Cristianismo é muito difícil. Temos que ter paciência. Vamos apresentando a verdade gradualmente. Há que estabelecer com eles um relacionamento positivo e só depois, na altura apropriada, falar de Jesus.

OS PENTECOSTAIS

I- Breve Histórico.

O Pentecostalismo é muito conhecido como “a terceira força” do Cristianismo ao lado do Catolicismo tradicional e do Protestantismo histórico. Os Pentecostais estão crescendo rapidamente ao redor do mundo. Com um número superior a 10 milhões em, pelo menos, 15 principais assembléias e muitos grupos pequenos independente, eles dão particularmente ênfase “no batismo do Espírito Santo”, acompanhado de falar línguas (glossalalia), curas divinas e dons carismáticos da igreja primitiva. O movimento Pentecostal atual começou nos Estados Unidos como um movimento de acentuada santidade que caracterizou os últimos anos de 1800 e os primeiros de 1900. O crescimento registado no séc. 20 é um dos notáveis fenômenos do Cristianismo moderno. Os Pentecostais são encontrados por toda a parte do mundo, com largas concentrações na América do Sul, na América Central, como também nos Estados Unidos. Mesmo na secular Europa, os Pentecostais estão a crescer. Numa época de formalismo visível nas principais instituições religiosas, a espontaneidade, a alegria e o fervor dos Cultos Pentecostais, atraem milhares de pessoas. Evitando liturgias elaboradas, esforçam-se por adquirir à simplicidade da Igreja Primitiva. Por vezes, os seus espontâneos serviços religiosos, incluindo os testemunhos, as línguas e as curas, tornam-se desordenados.

II- O Início do Movimento Pentecostal no Brasil.

A- De além mar a um movimento nacional.

- 1) Emílio Conde, autor do livro “A História das Assembléias de Deus no Brasil” traça a origem do movimento pentecostal do Brasil diretamente ao reavivamento de “Azusa Street”, Los Angeles, via South Bend, Indiana e Chicago.
 - a) Em 1906 irrompeu a mais notável manifestação pentecostal em Los Angeles, na rua “Azusa nº. 312”, considerado por muitos a origem do movimento pentecostal no mundo.
 - b) De Azusa a influência pentecostal se espalhou para todo o mundo.
 - c) A influência se estende para Chicago. Em Chicago, Gunnar Vingren de origem sueca e pastor batista, recebeu o batismo no

Espírito Santo em 1909. Ainda como pastor batista começou a pregar o batismo do Espírito Santo nas igrejas batistas de Menominee (Michigan) e South Bend (Indiana).

Em South Bend, Gunnar Vingren encontrou-se com Daniel Berg, também de origem sueca.

Certo dia, reunidos em casa de Adolfo Uldin, o Espírito Santo falou-lhes por intermédio de Adolfo - Adolfo profetizou que Gunnar Vingren e Daniel Berg deveriam ir a um lugar chamado Pará. Eles não sabiam onde ficava Pará, mas indo à biblioteca de South Bend descobriram de que se tratava de um estado do Brasil. Considerando ser isto uma indicação da vontade de Deus, Gunnar Vingren e Daniel Berg tomaram um navio cargueiro em Nova York, em 05 de novembro de 1910, rumo a Belém do Pará, onde chegaram sem dinheiro algum.

(1) Hospedados no porão da Igreja batista de Belém.

(2) A Febre Amarela.

(3) Reunião de orações pelos enfermos.

(4) Em 1911 vários batistas foram batizados pelo Espírito Santo.

(5) Em 13 de junho de 1911 a igreja batista desligava a maioria de seus membros que diziam crer no batismo do Espírito Santo. Estes se reuniram em casa de um dos membros desligados e ali foi realizado o primeiro culto oficial das Assembléias de Deus no Brasil.

d) Luis Francescon, o fundador da “Congregação Cristã do Brasil”, um nativo da Itália e católico, foi convertido em Chicago em 1907, e uniu-se à igreja presbiteriana italiana de Chicago. Em 1910 “foi selado pelo Espírito Santo” segundo ele afirma e recebeu repetidas mensagens do Senhor que lhe sugeriu ser um missionário. Assim ele, juntamente com um outro italiano vieram à Argentina. Poucos meses mais tarde, em 1911, dirigidos pelo Espírito Santo, segundo eles declaram, chegaram a São Paulo. Em São Paulo, Francescon foi convidado a pregar na Igreja Presbiteriana. A maioria rejeitou a mensagem de Luis Francescon e um dos anciãos violentamente ordenou que Francescon se retirasse. Ao se retirar, os que aceitaram as suas idéias saíram com ele e eventualmente deram início à Igreja Pentecostal “Congregação Cristã do Brasil” em 1911.

B- A Expansão Pentecostal: 1911 - 1932.

- 1) O crescimento numérico dos pentecostais não foi paralelo à sua rápida expansão geográfica.
- 2) Erasmo Braga, no seu livro "The Republic of Brazil", declara que em 1932 apenas 9,5% dos protestantes no Brasil eram pentecostais.

C- Progresso e Explosão Pentecostal: 1932 - 1975.

- 1) Na década de 1930 os pentecostais estabeleceram igrejas em todos os Estados do Brasil.
- 2) Na década de 1940 os Assembléias de Deus estabeleceram a sua Casa Publicadora no Rio de Janeiro.
- 3) No início da década de 1950, Harold Williams, um missionário da "Four Square Gospel Church", (Igreja do Evangelho Quadrangular ou Cruzada Nacional de Evangelização) dirigiu reuniões de cura em São Paulo. Deste reavivamento com ênfase na cura divina surgiram na década de 1950 muitas igrejas pentecostais independentes, entre elas, a mais importante é a igreja pentecostal "O Brasil para Cristo" iniciada por Manuel Melo na metade da década de 1950. As igrejas pentecostais independentes podem ser classificadas em 4 grupos:
 - a) Aquelas pertencentes à Confederação das Igrejas Pentecostais Independentes de São Paulo;
 - b) Aquelas que se separaram das igrejas - mães pentecostais e não desejam ser identificadas com sua denominação anterior;
 - c) Aqueles que são completamente autóctonas, isto é, que se desenvolveram sem a ajuda de outras igrejas ou missões;
 - d) Aquelas que têm surgido de igrejas não - pentecostais e não podem ser identificadas com as suas denominações anteriores.

III- O Surgimento do Neo-Pentecostalismo.

A- Na metade do século vinte apareceu uma nova constelação de pentecostais. Estes, por especialmente manifestarem a experiência do batismo do Espírito Santo, tornaram-se conhecidos como neo - pentecostais. Comumente os neo - pentecostais têm sido pessoas não integrantes das denominações pentecostais tradicionais. O neo - pentecostalismo tem ganhado terreno entre protestantes católicos. O movimento neo - pentecostal está gradualmente assumindo o nome de "Carismático".

B- De 1953 para cá tem-se ouvido mais freqüentemente de protestantes e não cristãos e de 1966 para cá, de católicos que têm recebido o batismo no Espírito Santo.

C- Por que surgiu o neo - pentecostalismo? Igrejas protestantes e católicas desde o Segundo Concílio do Vaticano têm criticado vigorosamente as suas próprias igrejas; sua irrelevância, institucionalismo, formalismo e letargia espiritual. O neo - pentecostalismo tem-se apresentado como a solução para estes problemas. Ambos, pentecostalismo e neo - pentecostalismo, advogam que o poder para a vida espiritual do indivíduo e da igreja se encontra na negligenciada mas agora redescoberta experiência do batismo no Espírito Santo com as suas manifestações. O cristianismo carismático promete às igrejas protestantes e católicas a fonte de reavivamento.

IV- Algumas Crenças do Pentecostalismo.

- 1- A Bíblia como única regra de fé e conduta.
- 2- Salvação por meio do sangue de Cristo.
- 3- A realidade da breve volta de Jesus.
- 4- Batismo por imersão.
- 5- A Ceia do Senhor (alguns realizam o lava-pés).
- 6- O nascimento virginal.
- 7- Os dons do Espírito manifestar-se-ão na Igreja de hoje, incluindo o dom bíblico da profecia.

V- Alguns dos Principais Erros dos Pentecostais e os Textos Bíblicos para os Refutar.

1- **O Arrebatamento Secreto.** A crença de que Cristo virá secretamente antes da tribulação (pragas) para levar ou arrebatara a Sua Igreja, deixando os perdidos na terra para sofrerem por meio das pragas.

(Ver: 1 Tess. 4:16,17; 2 Tess. 1:7-9; Mat. 13:30; Luc.17:26-37; Apoc. 19:12-21; Mat. 24:27; Sal. 50:3; Apoc. 1:7).

2- **Imortalidade da alma.** A crença de que cada indivíduo possui uma alma imortal e indestrutível, distinta do corpo, mas que deixa o corpo por ocasião da morte e que vai para o céu ou para o inferno.

(Ver: 1 Tim. 6:15,16; Gên. 2:7; Ecles.12:7; Jó 27:3; Sal.146:4; 6:5; 115:17; João 11:11-14).

Lembrar que a Bíblia emprega a palavra “alma” 1.600 vezes e nem uma só vez diz “alma imortal”. A Bíblia compara a morte ao sono 53 vezes.

- 3- **Uma vez salvo, salvo para sempre.** A crença de que, uma vez que uma pessoa aceita a Cristo, essa pessoa nunca mais perde a sua salvação.

(Ver: 1 Cor. 15:1,2; 2 Pedro 2:20-22; 1 Cor. 9:27).

(Aqui, a palavra, “reprovado” é a mesma palavra usada em Jer. 6:30 para rejeitado ou queimado); Heb. 4:4-7; Apoc. 3:5; ver também Fil. 4:3. Quando aceitamos a Cristo, os nossos nomes são colocados no Livro da Vida. Uma vez que eles podem ser removidos, é possível serem rejeitados aqueles que uma vez aceitaram a Cristo.

- 4- **Santidade do Domingo.** A crença de que, uma vez que Jesus ressuscitou dos mortos no primeiro dia, todos os cristãos deveriam observar esse dia.

(Ver: Gên. 2:1-3; Êxo. 20:8-11; Ezeq. 20:12,20; Luc. 4:16; Mat. 24:20; Atos 13:42-44; Apoc.1:10; Mat. 12:8; Luc. 6:5; Isa. 66:22,23).

- 5- **Falar Línguas.** Um sinal de que uma pessoa está cheia do Espírito Santo manifesta-se pelo modo de se expressar de forma estática (a linguagem do Espírito Santo), não compreendida pelo que a expressa, mas compreendida unicamente por Deus. Muitos Pentecostais acreditam que, sem línguas, não há batismo do Espírito Santo.

- a) Explicar aos nossos amigos Pentecostais que nós acreditamos no dom bíblico, genuíno e autêntico, das línguas.
- b) Provar que é Deus que escolhe aquele que recebe esse dom. Os dons são individualmente distribuídos por Deus como Ele muito bem entende (1 Cor. 12:11).
- c) Provar que nem todos recebem o dom das línguas. As línguas é apenas um dom de uma longa lista de dons e o menor dessa lista (1 Cor. 12:27-31).
- d) O amor é mais importante para Deus do que línguas ou profecia (1 Cor. 13:1,2).
- e) O sinal de que uma pessoa está realmente cheia do Espírito Santo está num coração cheio de amor que deseja testemunhar de Jesus (atos 1:6-8).

- f) As línguas não são especificamente dadas aos crentes para se edificarem a si próprios, mas como um sinal confirmativo para convencer os incrédulos do Evangelho (1 Cor.14:22).
- g) As línguas são uma língua real dada por Deus para quebrar as barreiras lingüísticas, permitindo a comunicação do Evangelho (atos 2:4-11).
- h) Em 1 Cor. 14, Paulo está a defender a necessidade de se pronunciar palavras inteligíveis e não usar uma linguagem que ninguém entende (1 Cor. 14:26,27).
- i) O apóstolo dá as seguintes diretrizes se forem usadas línguas na igreja:
- Cada um deve falar por sua vez. Não deveria haver manifestações espontâneas com muitas pessoas a falarem ao mesmo tempo (1 Cor. 14:26,27).
 - Apenas duas ou, no máximo, três pessoas deveriam falar num dado serviço (1 Cor. 14:26,27).
 - Deve haver um intérprete (ou tradutor) da língua estrangeira de forma a que toda a congregação possa ser edificada pelo que está a ser dito, e participarem, todos juntos, no serviço de adoração (1 Cor. 15:28).
- j) A plenitude do Espírito Santo é concedida àqueles que obedecem, com amor, à verdade de Deus (Atos 5:32; João 14:15,16).

VI- Como nos Aproximarmos dos Pentecostais

- 1- Ao aproximarmo-nos dos nossos amigos Pentecostais, devemos confessar, abertamente, o nosso grande amor pelo Senhor.
- 2- Partilhar com eles da nossa experiência pessoal com Jesus como o fundamento da nossa certeza de vida eterna. Salientar que a Palavra de Deus deve ser a base da nossa fé (João 17:17).
- 3- Não podemos confiar nas nossas emoções. Às vezes elas estão em cima, outras vezes em baixo. Satanás pode muito bem manipulá-las.

Ele até pode imitar milagres genuínos, ou sinais e maravilhas com o propósito de enganar (Mat. 24:24; Apoc. 16:13,14).

- 4- Alguns deles vão declarar que Cristo tem trabalhado poderosamente nas suas vidas e por seu intermédio. Terão, até, expulsado demônios em Seu nome, mas Jesus poderá dizer-lhes: “nunca vos conheci” (Mat. 7:21-23).
- 5- A fé deve ser baseada na palavra escrita de Deus para poder manter-se de pé (Mat. 7:24).
- 6- A nossa única salvaguarda consiste em conhecer a Palavra de Deus e viver através da Sua verdade (Isa. 8:20).
- 7- É a verdade que nos mantém livres do erro (João 8:32).
- 8- Foi o Espírito Santo que escreveu a Bíblia (2 Pedro 1:21).
- 9- Ser cheio do Espírito Santo significa fazer das palavras de Jesus as nossas próprias palavras (João 6:63).
- 10- O maior milagre é a mudança do coração humano (João 3:2-7).
- 11- Olhar para milagres espetaculares e, ao mesmo tempo, rejeitar a verdade, é anti - bíblico (Luc. 16:27-31).
- 12- A nossa única salvaguarda contra o engano está em recebermos a verdade de Deus como ela se encontra nas Escrituras (2 Tess. 2:9-12).

VII- Igreja Universal do Reino De Deus.

A- A Igreja Universal do Reino de Deus, fundada no Brasil pelo “Bispo” Macedo, começa a sua atividade em Portugal em 1989, através do ministério do “Bispo” Paulo Roberto, presentemente a viver em Espanha. Como acontece com a igreja Maná, a Igreja Universal do Reino de Deus dá muito ênfase aos dons do Espírito Santo, com particular realce para o das línguas e, em especial, o da cura (milagres). Manejando este último dom com extrema habilidade, esta igreja tem registrado um crescimento, quicá mais espetacular que o registrado pela Igreja Maná. Em quatro anos apenas, conta com largas dezenas de milhar de crentes em todo o País, com perto de uma centena de igrejas, sendo proprietária de alguns grandes edifícios, ex-cinemas, como, por exemplo: o cinema Império e o cinema Alvalade (em Lisboa), o cinema de Cascais, o cinema de Matosinhos, etc. Com escassa formação teológica, ou mesmo acadêmica, os seus pastores, na sua maioria

vindos do Brasil, desenvolvem uma atividade intensa, com reuniões públicas diárias, de 2 horas cada, (uma às 7:00h e outra às 15:00h), precedidas e/ou seguidas de acompanhamento dos crentes ou visitantes, a quem prestam o chamado “aconselhamento” para solução de problemas de ordem espiritual, física, psíquica, moral, familiar ou mesmo social. Através da imposição das mãos e de orações que nem mesmo os anjos entendem, algumas delas desordenadas e estrepitosas, milhares de pessoas acorrem, diariamente, às suas igrejas para receberem respostas aos seus anseios. A sua hierarquia difere um tanto da maior parte das igrejas evangélicas. O responsável mais graduado é o bispo. A seguir, vem o pastor. São coadjuvados por um grupo de homens e mulheres, principalmente jovens, chamados “obreiros”, que não auferem nenhum tipo de remuneração: são voluntários.

B- Algumas Crenças em Comum Com a Igreja Universal do Reino de Deus.

- 1) A Bíblia como única regra de fé e conduta.
- 2) Salvação por meio do sangue de Cristo.
- 3) A realidade da volta de Jesus, embora não reconheçam a brevidade desse evento.
- 4) Batismo por imersão.
- 5) Os dons do Espírito manifestar-se-ão na Igreja de hoje.

C- Alguns dos Principais Erros da Igreja Universal do Reino e os Textos para os Refutar.

- 1) **Imortalidade da alma.** A crença de que cada indivíduo possui alma imortal e indestrutível, distinta do corpo, mas que deixa o corpo por ocasião da morte e que vai para o céu ou para o inferno.

(Ver: I Tim. 6:15, 16; Gên. 2:7; Ecles. 12:7; Jó 27:3; Sal. 146:4; 6:5; 115:17; João 11:11-14). Lembrar que a Bíblia emprega a palavra “alma” 1.600 vezes e nem uma só vez diz “alma imortal”. A Bíblia compara ao sono 53 vezes.

- 2) **Santidade do Domingo.** A crença de que, uma vez que Jesus ressuscitou dos mortos no primeiro dia, todos os cristãos deveriam observar esse dia.

(Ver: Gên. 2:1-3; Êxo. 20:8-11; Ezeq. 20:12, 20; Luc. 4:16; Mat. 24:20; Atos 13:42-44; Apoc. 1:10; Mat. 12:8; Luc. 6:5; Isa. 66:22, 23).

- 3) **Falar Línguas.** Um sinal de que uma pessoa está cheia do Espírito Santo manifesta-se pelo modo de se expressar de forma estática (a

linguagem do Espírito Santo), não compreendida pelo que a expressa, mas compreendida unicamente por Deus. Muitos pastores desta igreja acreditam que, sem línguas e sem curas, não há batismo do Espírito Santo.

- a) Explicar aos nossos amigos desta Igreja que nós acreditamos no dom bíblico, genuíno e autêntico, das línguas.
 - b) Provar que é Deus quem escolhe aquele que recebe esse dom. Os dons são individualmente distribuídos por Deus como Ele muito bem entende (I Cor. 12:11).
 - c) As línguas é apenas um dom de uma longa lista de dons e o menor dessa lista (I Cor. 12:27-31).
 - d) O amor é mais importante para Deus do que línguas, profecias ou curas (I Cor. 13:1, 2).
 - e) O sinal de que uma pessoa está realmente cheia do Espírito Santo está num coração cheio de amor que deseja testemunhar de Jesus (Atos 1:6-8).
 - f) As línguas são uma língua real dada por Deus para quebrar as barreiras lingüísticas, permitindo a comunicação do Evangelho (Atos 2:4-11).
 - g) Em I Cor. 14 Paulo está a defender a necessidade de se pronunciarem palavras inteligíveis e de se não usar uma linguagem que ninguém entende (I Cor. 14:26, 27).
 - h) Segundo o apóstolo Paulo, sempre que seja usada uma língua estrangeira, deve haver um intérprete (tradutor), de forma a que toda a congregação possa ser edificada pelo que está a ser dito, e participarem, todos juntos, no serviço de adoração (I Cor. 15:28).
 - i) A plenitude do Espírito Santo é concedida àqueles que, com amor, obedecem à verdade de Deus (Atos 5:32; João 14:15, 16).
- 4) **Milagres, Curas, Maravilhas.** A crença de que os milagres autenticam, confirmam e estabelecem a verdade. A posição bíblica é que, uma vez que Satanás pode realizar milagres e imitar, todos os milagres devem ser testados pela Palavra de Deus.

(Ver: Apoc. 16:13, 14; 19:20; Mat. 7:21-23; 24:24; Deut. 13:1-3; Isa. 8:20; Luc. 16:31).

- 5) **Satanás tem poder para operar milagres.** Em Apoc. 13:14, João fala de “espíritos de demônios que operam maravilhas”. Paulo adverte-nos em II Tess. 2:9-11 que Satanás usa “todo o poder e sinais e prodígios de mentira”. O apóstolo dá-nos a razão por que as pessoas serão enganadas. Diz ele: “Essas pessoas não receberam o amor da verdade”. A única segurança que há contra o engano é o conhecimento de Jesus, o Autor da verdade e conhecer a verdade de que Ele é Autor. Isa. 8:20 revela esta norma importante: “à lei e ao testemunho; se não falarem de acordo com a sua palavra é porque não têm iluminação (ou: não há luz neles)”. Mat. 7:21 diz que muitos virão a Jesus no fim, declarando terem realizado milagres em Seu nome. Mas o Salvador lhes dirá: “nunca vos conheci (mesmo quando operavam milagres em Seu nome); apartai-vos de mim, vós, que praticais a iniquidade”. A palavra iniquidade aqui é a mesma palavra que se encontra em I João 3:4, quando João diz: “pecado (iniquidade) é a transgressão das leis da saúde que Deus colocou em cada nervo, em cada tecido do nosso corpo, ou se levarem à transgressão da Sua lei moral, os Dez Mandamentos, o poder que está detrás desses milagres não vem de Deus.

D- Como nos Aproximarmos dos Membros desta Igreja.

- 1) Ao aproximarmo-nos dos membros desta Igreja, devemos confessar, abertamente, o nosso grande amor pelo Senhor Jesus e pelo Seu Representante nesta terra, o Divino Espírito Santo.
- 2) Partilhar com eles da nossa experiência pessoal com Jesus como o fundamento da nossa certeza de vida eterna. Salientar que a Palavra de Deus deve ser a base da nossa fé (João 17:17).
- 3) Não podemos confiar nas nossas emoções. Às vezes elas estão em cima, outras vezes em baixo. Satanás pode muito bem manipulá-las. Ele até pode imitar milagres genuínos, ou sinais e maravilhas, com o propósito de enganar (Mat. 24:24; Apoc. 16:13, 14).
- 4) Alguns deles dirão que, por seu intermédio, têm sido operadas curas, expulsados demônios, em nome de Jesus e pelo poder do Espírito Santo, mas Jesus poderá dizer-lhes: “nunca vos conheci” (Mat. 7:21-23).
- 5) A fé deve ser baseada na palavra escrita de Deus para poder manter-se de pé (Mat. 7:24).
- 6) A nossa única salvaguarda consiste em conhecer a Palavra de Deus e viver através da Sua verdade (Isa. 8:20).
- 7) É a verdade que nos mantém livres do erro (João 8:32).

- 8) Foi o Espírito Santo que escreveu a Bíblia (II Pedro 1:21).
- 9) Ser cheio do Espírito Santo significa fazer das palavras de Jesus as nossas palavras (João 6:63). O maior milagre é a mudança do coração humano (João 3:2-7): Olhar para milagres espetaculares e, ao mesmo tempo, rejeitar a verdade. É anti - bíblico (Luc. 16:27-31).
- 10) A nossa única salvaguarda contra o engano está em recebermos a verdade de Deus como ela se encontra revelada nas Escrituras (II Tess. 2:9-12).

NOVA ERA

I- Breve Histórico.

A- A Nova Era é um movimento filosófico - espiritual que se está espalhando, de forma imparável, na sociedade. Os seus adeptos são hoje mais de 200 milhões. Trata-se de um movimento, sem estrutura definida, que pretende dar respostas às aspirações do coração humano. Podemos, inadvertidamente, encontrar a Nova Era na música, nos livros, na medicina natural, na ecologia, etc. A expressão Nova Era designa uma grande variedade de pessoas, de organizações, de práticas e de ideais que se inspiram no misticismo oriental, no ocultismo ocidental, no neo-paganismo, na ciência e na psicologia modernas.

B- Definição.

- 1) Trata-se, primeiramente, de uma rede complexa de pessoas e de grupos que se ramificam à escala mundial e que trabalham para a realização duma mesma visão do homem e do mundo. Esta visão, fundada no misticismo oriental e no monismo panteísta (Tudo é Um e esta Unidade é Deus), anuncia um “milênio” de paz e de luz com a vinda eminente da era astrológica do Aquário (uma das doze constelações do Zodíaco - n.t.);
- 2) A Nova Era representa realmente uma força social com objetivos políticos. Transcendendo, embora, os partidos, as associações, os movimentos criativos ou ecológicos, esta força social visa, sobretudo a partir dos anos 70, uma viagem sensível das consciências, prelúdio da instauração duma nova ordem mundial político - religiosa;
- 3) A Nova Era é, certamente, uma corrente cultural humanista considerável englobando todas as ciências humanas nesta perspectiva sincrética que tem do homem, da sociedade, do cosmos;
- 4) É, como fenómeno espiritual, um ressurgimento moderno da gnose antiga, associada ao misticismo extremo - oriental e ao esotérico - ocultismo ocidental.

II- O Credo da Nova Era.

A- Os adeptos da Nova Era crêem:

- 1) No advento duma nova época do mundo, a era do Aquário;

- 2) Na lei do Karma e na reencarnação;
- 3) No aperfeiçoamento da pessoa como entidade espiritual;
- 4) No despertar de cada homem para o princípio - Cristo, princípio da união do espírito/consciência/energia, sinônimo de amor e de paz interior;
- 5) Na divindade do homem;
- 6) Na função do corpo como lugar de integração do homem nos cosmos;
- 7) Numa antropologia dando lugar aos corpos subtil, etéreo, astral;
- 8) Numa cosmologia hospitaleira aos anjos, aos espíritos, guias acessíveis por uma técnica moderna do espiritismo, o “channeling”;
- 9) Na reaparição de mestres da sabedoria manifestando-se entre os homens, na alvorada da era Aquário, para conduzir a humanidade a uma mutação espiritual indispensável à instauração duma idade de ouro. Assim se explicaria o regresso de Cristo; ele nos iniciará nos verdadeiros princípios do espírito, que despertam no homem esse deus em que se tornou.

B- Não se fala, portanto, de fé, mas “de experiência de um despertar espiritual”, condicionada pelos conceitos de “pensamento positivo”, de “visualização criativa”, de “vibração” com as forças cósmicas; tratar-se-á de tomar consciência que o homem é um microcosmo num macrocosmo, que tem em si um fantástico potencial divino escondido nas faculdades do lóbulo direito do seu cérebro e que lhe é necessário despertá-lo por toda a espécie de técnicas. Daí esta real impressão “babélica” que a Nova Era dá ao não-iniciado, porque se pode englobar neste movimento... sem o ser verdadeiramente.

III- A Manifestação Sociológica da Nova Era.

A- Digamos, sumariamente, que se podem distinguir várias grandes correntes, muitas vezes independentes umas das outras mas sobrepondo-se freqüentemente:

- 1) Os que praticam técnicas de dinamismo de grupos e de comunicação interpessoal para despertar uma melhor consciência de si mesmos;
- 2) Os que se entregam à exploração e ao desenvolvimento do potencial psíquico pela transformação do lóbulo direito do cérebro;

- 3) Os que praticam as medicinas paralelas para conseguirem uma saúde total, dita “holista”; os que se comprometem por juramento a seguir uma alimentação vegetariana, mesmo biológica, para “vibrar” em perfeita harmonia com a natureza e o cosmos;
- 4) Os que militam nas associações humanitárias pela justiça, pela paz, pelos direitos humanos, pela distribuição de riquezas;
- 5) Os que se inquietam por causa da poluição e se envolvem em grandes cruzadas atuais;
- 6) Os que se consagram ao “channeling”, ao esoterismo, à astrologia, à numerologia, etc.;
- 7) Enfim, todos os adeptos das religiões orientais que adaptam credos e técnicas (lei do Karma, meditação transcendental, yoga, etc.) à mentalidade ocidental.

B- Para além das práticas e dos interesses diversos, todos os adeptos da Nova Era partilham todavia duma mesma ambição: uma transformação coletiva, uma mutação da humanidade por um “renascimento” individual, uma “recriação” para a vida do espírito em si, objetivos que podem confundir-se com os do Evangelho de Cristo.

IV- O Sucesso da Nova Era: As Suas Razões.

A- Entre os numerosos fatores que contribuem para o sucesso deste novo evangelho, destacamos sete que parecem significativos:

- 1) A Nova Era preenche um vazio espiritual criado pela erosão, até mesmo pelo abandono dos valores judeo-cristãos;
- 2) O seu sucesso explica-se pelo malogro do Cristianismo contemporâneo que se apresenta como ultrapassado, comparado com a modernidade “científica” e mística da Nova Era, que está aberta a tudo e a todos, sem condições prévias, porque tudo é ilusão, salvo as realidades espirituais invisíveis com as quais se deve “vibrar” para ser-mos robustecidos com a sua força;
- 3) O sucesso da Nova Era oferece, também, respostas, muitas vezes pertinentes, para as grandes preocupações dos nossos dias: materialismo, solidão, pobreza, stress, poluição, educação, desenvolvimento de si próprio, saúde, etc.;
- 4) A Nova Era encontra também o favor popular pela sua tolerância, pela sua benevolência, em relação às práticas morais condenadas pelo

Cristianismo; o uso de drogas, adultério, homossexualidade (o pecado não existe!);

- 5) O que faz também a força do evangelho do Aquário é que ele não se separa o sagrado do profano pela sua concepção dum deus-energia, animando ao seu tempo o cosmos, a natureza e o homem com a mesma força;
- 6) Não possuindo uma igreja constituída, a espiritualidade da Nova Era dá segurança: na época do “do it yourself” (faça-o você mesmo), ela apela ao desejo primordial do homem de ser criador dos seus próprios valores sem ser agrupado ou regido pelo que quer que seja ou por quem quer que seja;
- 7) Outro fator de importante sucesso: a Nova Era mobiliza, nas suas múltiplas atividades “missionárias”, o feminismo contemporâneo. Este feminismo encontra neste movimento um terreno privilegiado de ação e ideal para a conquista e a afirmação dos direitos da mulher. Com efeito, as generosas qualidades de intuição, de criatividade, de emotividade e de imaginação do lóbulo direito do seu cérebro, devem urgentemente reequilibrar um mundo “machista”, decadente devido à sobrevalorização das faculdades lógicas da parte esquerda do cérebro.

V- Pontos de Encontro e de Divergência.

A- Que atitude adotar um discípulo de Cristo face ao messianismo da Nova Era? Conduzido pelo Espírito, é-lhe necessário:

- 1) Confessar os erros dum evangelho desconhecido, não vivido, e aplicar o princípio bíblico de examinar todas as coisas e reter o bem;
- 2) Ser, sobretudo, uma testemunha amável, pacífica e feliz pelo Espírito Santo (Romanos 14:17) do Deus de amor revelado em Jesus Cristo e ajudar as pessoas a encontrar esta sede de amor que elas vão procurar beber nas águas contaminadas da fonte astrológica do Aquário;
- 3) Em relação ao panteísmo e ao ocultismo da Nova Era, ideologias incompatíveis com a fé cristã (Deut. 4:19-24; 18:9-14; Lev. 19:31), lembre-se que não há compromisso possível entre o evangelho do Aquário e o Evangelho de Jesus Cristo, ainda que existam convergências nos fins e nos meios;
- 4) Procurar encontrar, ainda assim, os adeptos da Nova Era no seu próprio terreno e mostrar que o verdadeiro discípulo de Cristo tem, como eles, um conceito “holístico”, global da vida (I Cor. 10:31); que a fé num Deus distinto da Sua Criação leva a respeitar a criatura e o seu

Criador e que, em consequência e na perspectiva bíblica, tudo depende de Deus; que é necessário, portanto, preocuparmo-nos tanto com o bem-estar espiritual como com o bem-estar físico, que o corpo é o templo do Espírito Santo (I Cor. 6:19); que os problemas econômicos (Tiago 5:1-6), ecológicos (Apoc. 11:18), sociais (Tiago 1:27), em suma, tudo o que diz respeito ao homem não o deve deixar indiferente;

- 5) Que o Evangelho é também humanismo, o verdadeiro, aquele que apela ao homem a participar pelo Espírito Santo na divindade do Deus Criador (II Pedro 1:4), sem, todavia, o levar a crer na sua própria divindade, uma vez que ele é apenas uma criatura de Deus. Esse fato é-lhe constantemente lembrado pelo Sábado 4º. mandamento (Êxo. 20:4-11) da lei divina, cuja finalidade humanista é claramente explicitada por Cristo (Marcos 2:27), lembrando ao homem que ele não pode ser a sua própria causa e que depende da vida do Deus Criador e Redentor (Êxo. 31:12-17);
- 6) Explicar, sobretudo, o significado do poder da Cruz - condenação em Cristo - homem da natureza decaída do ser humano (Rom. 6:6; 8:3) - que abriu um caminho único incompatível com a mutação espiritual procurada pela Nova Era: a fé no Filho de Deus ressuscitado, protótipo do Homem Novo e único dispensador do Espírito Santo;
- 7) Levar os homens a crerem no regresso iminente do verdadeiro Cristo, que prometeu, não uma Nova Era, mas uma Nova Terra regenerada em que a justiça habitará para sempre (II Pedro 3:11-13; Apoc. 21:1-4).

VI- Conclusão.

A- Face à espiritualidade da Nova Era, fascinante e sedutora, que Cristo anunciava como sendo, entre outros sinais, o primeiro da Sua Vinda (Mat. 24:4, 23-27), a humanidade é hoje chamada a fugir deste sincretismo religiosos e a adorar o Deus Criador (Apoc. 14:7). Ele é o garante em Cristo, duma Nova Terra, onde só Ele pode concretizar as utopias duma Nova Era, porque só Ele pode satisfazer, pelo dom de Seu Espírito, o profundo anseio de eternidade e de seu amor que cada um possui em si (Ecles. 3:1).

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Abraão de,. *Lições da História*. 1ª- edição, São Paulo - SP. Ed. Vida, 1993.
- Brito, Azenilton G. *O Desafio da Torre de Vigia*. 1ª edição, Santo André - SP. CPB.
- Finley, Mark. *Why so Many Denominations?* 1ª- edição, Pacific Press Publishing Association, USA. 1994.
- _____. *Examinai Tudo*.
- Gazeta, Sonia M. M. *A Nova Era e os Últimos Eventos da História do Mundo*. 2ª- edição, Engenheiro Coelho - SP. Ed. I.A.E., 1994.
- Gonzalez, Justo L. *A Era dos Sonhos Frustados*. 1ª- edição, São Paulo -SP. Ed. Vida Nova, 1981. Vol. 4, 5, 6.
- Gorder, Paulo R. Van. *Confusão Carismática*. 1ª- edição, São Paulo - SP. Ed. Imprensa Batista Regular, 1985.
- Larondelle, Hans K. *Uma Luz Maior sobre o Armagedom*. 1ª- edição, Rio de Jaeniro - RJ. IPAE, 1976.
- Peres, Alcides Conejeiro. *O Catolicismo Romano Através dos Tempos*. 1ª- edição, Rio de Janeiro - RJ. Ed. JUERP, 1995.
- Sarli, Wilson e outros. *Consultoria Doutrinaria*. 1ª- edição, Santo André, SP. CPB. 1979.
- Sautter, Gerhard. *New Age*. 2ª- edição, São Paulo - SP. Ed. Vida Nova, 1992.
- Shupe, Daniel e outros. *O Livro Mórmon*. 1ª- edição, São Paulo - SP. 1981.
- Timm, Alberto Ronald. *História das Religiões Contemporâneas*. 1ª- edição, São Paulo - SP. I.A.E.
- Treyler, Humberto Raúl. *Religiones Comparadas*. 1ª- edição, Entre Rios, Del Prata, Puiggari, Argentina, 1970.
- Wade, Kenneth R. *Nova Era o Que Você Precisa Saber*. 1ª- edição, Tatuí - SP. CPB, 1984.
- Woodrow, Ralph. *Babilônia a Religião dos Mistérios*. 1ª- edição, Recife - PE. Ed. Associação Evangelística, 1996.